



ESTUDO SOBRE O PROGRAMA DE ENVIO ANUAL DE **300** LICENCIADOS/MESTRES DE MÉRITO PARA AS MELHORES UNIVERSIDADES



DESENVOLVIDO POR PLANO DE DESENVOLVIMENTO
DO CAPITAL HUMANO DE ANGOLA - UNIDADE
TÉCNICA DE GESTÃO





Índice

Sumário Executivo	5
1. Objecto e enquadramento do estudo	5
2. Metodologia e robustez empírica.....	5
3. Perfil dos bolseiros e trajetórias formativas	6
4. Resultados centrais da análise estatística.....	7
5. Avaliação do programa e funcionamento institucional	8
6. Integração do benchmarking internacional	8
7. Síntese conclusiva.....	9
8. Mensagem-chave para decisores	9
1 Introdução	10
1.1 Balanço.....	10
1.2 Nota de Enquadramento.....	11
2 Benchmarking – Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico	15
2.1 Enquadramento do Benchmarking	15
2.2 Objetivos do Benchmarking	15
2.2.1 Objetivo Geral	15
2.2.2 Objetivos Específicos	16
2.3 Abordagem Metodológica do Benchmarking	16
2.4 Análise Comparativa de Programas Internacionais.....	17
2.4.1 Quênia – Higher Education Loans Board (HELB)	17
2.4.2 Índia – National Postgraduate Scholarship Program (NPSP).....	18
2.4.3 Alemanha – Serviço Alemão de Intercâmbio Académico (DAAD).....	18
2.4.4 Canadá – Vanier Canada Graduate Scholarships e Banting Postdoctoral Fellowships.....	19
2.4.5 China – China Scholarship Council (CSC).....	19
2.4.6 Estados Unidos – Gilman-McCain Scholarship.....	19
2.5 Dimensões-Chave de Benchmarking do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico.....	20
2.5.1 Finalidade Estratégica e Lógica de Avaliação.....	20
2.5.2 Critérios de Seleção vs. Critérios de Sucesso.....	20
2.5.3 Modelos Internacionais de Avaliação da Eficácia	21
2.5.4 Retorno Obrigatório e Avaliação da Integração	22

2.5.5	Capacidade de Absorção Institucional como Variável de Eficácia	22
2.5.6	Legitimação Pública e Sustentabilidade Política	22
2.6	Síntese Final do Benchmarking e Desafio Central do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico	23
3	Metodologia da Parte de Análise Estatística.....	25
3.1	Enquadramento e Objectivos Metodológicos.....	25
3.2	Instrumento de Recolha e Estrutura do Questionário	25
3.3	Definição de Subamostras e Critérios Analíticos.....	25
3.4	Período de Recolha e Duração do Inquérito	27
3.5	Número de Respostas e Taxas (Resposta e Cobertura).....	27
3.6	Tempo de Preenchimento (Indicadores de Carga e Qualidade)	27
3.7	Precisão Estatística e Margens de Erro (Referência).....	28
3.8	Sumário	28
4	Análise Estatística do Inquérito	29
4.1	Dados Sociodemográficos	29
4.1.1	Idade	29
4.1.2	Residência antes de começar os estudos	30
4.1.3	Local actual de residência.....	31
4.1.4	Sexo.....	33
4.1.5	Estado civil.....	34
4.1.6	Número de filhos.....	36
4.2	Dados sobre a formação	36
4.2.1	Cursos frequentados	36
4.2.2	Ano de início dos estudos.....	41
4.2.3	Ano de conclusão	42
4.2.4	Instituições estrangeiras frequentadas – resposta aberta.....	43
4.2.5	Grau obtido	46
4.3	Dados sobre emprego	48
4.3.1	Emprego prévio à saída para o estrangeiro.....	48
4.3.2	Emprego prévio dos diplomados que concluíram a formação avançada	50
4.3.3	Tem emprego – diplomados que concluíram	51
4.3.4	Tempo à procura de emprego	53
4.3.5	Primeiro emprego tem a ver com a formação?.....	55
4.3.6	A bolsa foi determinante para obter esse emprego?	56
4.3.7	A bolsa será importante para a futura progressão profissional.....	57
4.3.8	Tem mais oportunidades de progressão na carreira?	58
4.3.9	Pensa mudar para um emprego melhor?	59
4.3.10	Rendimentos dos bolseiros que já concluíram e que têm emprego.....	61
4.3.11	Profissões mencionadas pelos que já concluíram – resposta aberta.....	64
5	Índices de Satisfação com a Formação e Programa de Bolsas	67
5.1	A formação Preparou-me para o Mercado de Trabalho	68

5.2	A formação recebida foi de elevada qualidade	70
5.3	A formação contribuiu para a empregabilidade	72
5.4	Tive acesso a estágios ou prática profissional relevantes	74
5.5	Viver no Estrangeiro foi Enriquecedor	76
5.6	A Formação deu-me Preparação para Enfrentar Desafios Profissionais Locais e Globais.....	78
5.7	Senti Dificuldades em Frequentar o Meu Curso	80
5.7.1	Dificuldades apontadas pelos estudantes no estrangeiro	82
6	Dados Estatísticos Sobre Conclusão dos Estudos	84
6.1	Média de conclusão – estudos concluídos	84
6.1.1	Estrangeiro	84
6.1.2	Todos os diplomados.....	86
6.2	Regressou a Angola no final dos seus estudos?	88
6.2.1	Estudantes no estrangeiro.....	88
6.2.2	Todos os que concluíram	89
6.2.3	Razões apontadas para o não regresso:	90
6.3	Está a contribuir profissionalmente para instituições do Estado ou projectos governamentais em Angola?	91
6.4	Considera que o seu potencial para o país está a ser plenamente aproveitado?	92
6.5	Explique como o seu Potencial se Poderia Desenvolver de Forma a Contribuir mais para o nosso País? Resposta Aberta.....	93
6.6	Tem interesse em permanecer ou regressar em Angola a longo prazo?	95
6.7	Que dificuldades enfrentou no regresso a Angola	96
6.8	Factores que influenciaram a sua decisão de regresso a Angola	97
6.9	Factores que influenciaram a sua decisão de não regressar a Angola	99
6.10	Índices Lickert de satisfação pessoal	100
6.10.1	Estou satisfeito com a minha vida profissional.....	100
6.10.2	Estou satisfeito com a minha vida pessoal	103
6.10.3	Estou satisfeito com a minha escolha de formação.....	105
6.10.4	A formação teve grande impacto na minha vida.....	108
6.10.5	A experiência de viver no estrangeiro é/foi enriquecedora	111
6.10.6	Penso que a bolsa do Estado será útil na minha carreira	112
6.11	Índices de satisfação com programa de bolsas	114
6.11.1	Clareza e justiça dos critérios de selecção.....	114
6.11.2	Processamento atempado dos apoios financeiros	115
6.11.3	Acompanhamento consular ou diplomático durante o curso	117
6.11.4	Acompanhamento académico por parte das instituições envolvidas.....	118
6.11.5	Comunicação com o Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE).....	119
6.11.6	Relação entre obrigação de regresso e realidade do mercado de trabalho	121
6.11.7	Informação e preparação antes da partida	122
6.12	Perspectivas de Futuro.....	124

6.12.1	Como vê o futuro de Angola nos próximos 10 anos?	124
6.12.2	Como vê o seu futuro profissional nos próximos 10 anos?	126
7	Respostas a Questões Abertas Finais.....	128
7.1	Indique Sugestões de Melhoria do Programa de Bolsas de Mérito	128
7.2	Que contributos espera dar ao seu país no futuro? Que propostas tem para o seu país?	130
8	Conclusões Gerais	134
8.1	Pontos Críticos que Emergem do Estudo	134
8.1.1	Pontos críticos positivos	134
8.1.2	Pontos críticos negativos	134
8.2	Conclusões	134
9	Recomendações	138
9.1	Pontos Críticos	138
9.2	Recomendações Gerais	138



Sumário Executivo

Inquérito aos Bolseiros de Mérito do Estado de Angola – Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico.

1. Objecto e enquadramento do estudo

O presente estudo tem como objectivo central avaliar, com base em evidência empírica e análise comparativa internacional, o desempenho, os impactos e os desafios estruturais do Programa de Atribuição de Bolsas de Estudo Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico, lançado em 2019 pelo Estado angolano como instrumento estratégico de formação avançada de capital humano no exterior.

O trabalho articula três dimensões fundamentais:

- análise estatística detalhada de um inquérito aplicado a bolseiros e diplomados;
- interpretação integrada dos percursos académicos, profissionais e perceptivos dos beneficiários;
- exercício de benchmarking internacional com programas de referência, situando o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico no panorama global das políticas públicas de bolsas e formação avançada.

Esta abordagem permite avaliar não apenas a eficácia formativa do programa, mas sobretudo a sua capacidade de converter formação individual de excelência em impacto institucional e económico para o país.

2. Metodologia e robustez empírica

- **Base empírica:** 230 respostas válidas, correspondendo a cerca de 15% do universo estimado de bolseiros dos últimos cinco anos.
- **Período de recolha:** Novembro de 2025 a Janeiro de 2026.
- **Instrumento:** questionário estruturado, com 94 variáveis, combinando perguntas fechadas (quantitativas) e abertas (qualitativas).

- **Perfil temporal da amostra:** forte concentração em bolseiros e diplomados recentes, o que confere especial relevância à análise das transições imediatas pós-formação.
- **Qualidade dos dados:** elevada taxa de conclusão, tempos de resposta consistentes e dispersão estatística adequada para análises descritivas e comparativas.

Embora não se trate de uma amostra probabilística estrita, a dimensão e coerência dos dados permitem identificar padrões estruturais robustos, desde que interpretados com prudência quanto à generalização.

3. Perfil dos bolseiros e trajectórias formativas

3.1 Caracterização sociodemográfica

- **Idade mediana:** 28 anos, indicando um público jovem, em fases iniciais ou intermédias da vida profissional.
- **Sexo:** forte predominância masculina ($\approx 82\%$), sugerindo assimetrias estruturais de género no acesso à formação avançada e à mobilidade internacional.
- **Estado civil e filhos:** maioria solteira e sem filhos, perfil compatível com elevada mobilidade académica e profissional.

3.2 Perfil académico

- **Áreas dominantes:**
 - Engenharia e Tecnologias ($\approx 37\%$);
 - Ciências da Educação e Ensino ($\approx 21\%$);
 - Saúde ($\approx 16\%$);
 - Economia, Gestão e Administração ($\approx 15\%$).
- **Grau obtido:**
 - Mestrado como nível predominante;
 - Peso relevante de doutoramentos ($\approx 28\%$), indicando produção de capital humano altamente especializado.
- **Instituições de acolhimento:**
 - Forte concentração em Portugal e Brasil;
 - Presença, ainda que minoritária, em universidades de elevado prestígio internacional (Europa, América do Norte e outros contextos).

Leitura global: o perfil formativo é claramente técnico, científico e profissionalizante, alinhado com objectivos de desenvolvimento, modernização institucional e reforço do Estado.

4. Resultados centrais da análise estatística

4.1 Qualidade e impacto da formação

- Níveis **muito elevados de satisfação** com:
 - escolha da formação;
 - qualidade académica;
 - impacto da formação na vida pessoal e profissional.
- Distribuições fortemente concentradas nos valores máximos da escala, com baixa dispersão.
- Conclusão inequívoca: o programa é **altamente eficaz na produção de capital humano qualificado**.

4.2 Empregabilidade e integração profissional

- **Resultado paradoxal central**:
 - A taxa de emprego após a conclusão é **inferior** à observada antes da saída para o estrangeiro.
- Muitos bolseiros interromperam carreiras profissionais prévias e enfrentam dificuldades de reinserção.
- Principais factores estruturais identificados:
 - ausência de mecanismos institucionais de reintegração;
 - desajuste entre qualificações elevadas e procura efectiva do mercado;
 - defasagem temporal entre formação e absorção profissional.

Este ponto constitui um dos achados mais críticos do estudo.

4.3 Aproveitamento do potencial e expectativas

- Maioria considera que o seu potencial **não está a ser plenamente aproveitado** no presente.
- Em simultâneo, expressa:
 - forte optimismo quanto ao seu futuro profissional individual;
 - visão moderadamente optimista sobre o futuro de Angola.
- Esta dissociação sugere frustração conjuntural, mas não ruptura de expectativas nem desmotivação estrutural.

4.4 Compromisso com o país

- Intenção **muito elevada** de permanecer ou regressar a Angola a longo prazo.
- Factores decisivos:

- família e vínculos pessoais;
- condições profissionais e segurança.
- O salário surge como factor secundário.
- Não se observa predisposição generalizada para emigração definitiva.

5. Avaliação do programa e funcionamento institucional

5.1 Acompanhamento e governação

- Avaliações consistentemente baixas em:
 - processamento atempado dos apoios financeiros;
 - acompanhamento consular e académico;
 - comunicação com o INAGBE;
 - preparação antes da partida.
- Elevada dispersão das respostas, mas padrão dominante crítico.

5.2 Obrigação de regresso

- A obrigação formal de regresso é aceite como princípio.
- Contudo, é percebida como **mal articulada** com:
 - mecanismos de colocação;
 - integração profissional;
 - progressão na carreira.
- Risco identificado: obrigação jurídica sem suporte institucional efectivo.

6. Integração do benchmarking internacional

O exercício de benchmarking posiciona o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico num grupo **muito restrito** de programas internacionais que:

- financiam formação avançada de elevada exigência;
- impõem obrigação formal de regresso e serviço público.

6.1 Principais conclusões comparativas

- Programas orientados para acesso (Quénia, Índia):
 - avaliam volume e equidade;
 - não exigem retorno.

- Programas de excelência académica (Alemanha, Canadá):
 - operam em ecossistemas altamente absorventes;
 - não impõem retorno.
- Programa da China (CSC):
 - único comparável ao Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico em exigência de retorno;
 - assente em forte planeamento e capacidade de absorção estatal.

6.2 Implicação central

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico é **mais exigente do que a maioria dos programas analisados**, mas opera num ecossistema institucional menos robusto do que aqueles com exigências semelhantes.

O risco principal não é a qualidade da formação nem o perfil dos bolseiros, mas o **desfasamento entre exigência do programa e capacidade institucional de absorção**.

7. Síntese conclusiva

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico é **estrategicamente acertado** na sua ambição e desenho formativo.

- Produz capital humano altamente qualificado, motivado e comprometido com o país.
- O principal bloqueio situa-se **a jusante da formação**:
 - integração profissional;
 - valorização institucional;
 - conversão do investimento público em impacto efectivo.
- O benchmarking confirma que programas com retorno obrigatório só são eficazes quando acompanhados por estruturas igualmente exigentes de governação, planeamento e avaliação.

8. Mensagem-chave para decisores

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico não enfrenta um problema de mérito, nem de qualidade académica, nem de compromisso dos bolseiros.

Enfrenta um problema de **articulação sistémica** entre formação avançada e capacidade institucional de absorção.

O estudo fornece, assim, uma base sólida para a transição do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico:

- de um programa de excelência formativa
- para um verdadeiro **instrumento de política pública de impacto**, alinhado com o PDN 2023–2027, o PDCH-A 2023–2037 e a Estratégia Angola 2050.

01

Introdução

1.1 Balanço

O nosso balanço deste programa é apresentado aqui, como aperitivo a este estudo, ao longo da análise ficámos com a convicção expressa nas próximas linhas:

O balanço global deste estudo mostra que o programa de bolsas de mérito do Estado angolano tem sido **bem-sucedido na sua função formativa**, produzindo capital humano altamente qualificado, motivado e com forte valorização da experiência académica, sobretudo no estrangeiro. Os bolseiros reconhecem de forma consistente a qualidade da formação recebida, o impacto profundo que esta teve nas suas trajectórias pessoais e profissionais e a utilidade da bolsa para o desenvolvimento da carreira. O estudo evidencia igualmente um **elevado grau de compromisso com o país**, expresso na intenção maioritária de permanecer ou regressar a Angola a longo prazo e numa visão moderadamente optimista sobre o futuro nacional. Estes resultados confirmam a pertinência estratégica do investimento público em formação avançada de mérito e a sua aceitação social entre os beneficiários.

Em contrapartida, o estudo revela fragilidades significativas na **conversão da formação em impacto profissional e institucional**, com destaque para a quebra da empregabilidade após a conclusão dos estudos, o subaproveitamento das competências adquiridas e a fraca articulação entre a obrigação de regresso e a realidade do mercado de trabalho. As dificuldades no acompanhamento institucional, na comunicação e na regularidade dos apoios financeiros reforçam a percepção de descontinuidade entre as diferentes fases do programa. Assim, o principal desafio do programa de bolsas não reside na selecção dos bolseiros nem na qualidade da formação, mas na **capacidade do sistema institucional de absorver, valorizar e integrar de forma efectiva o capital humano que forma**. O balanço final aponta, portanto, para um programa estrategicamente acertado na ambição, mas ainda incompleto na sua execução e governação, exigindo ajustamentos estruturais para assegurar um retorno social proporcional ao investimento realizado.

1.2 Nota de Enquadramento

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico, lançado em 2019 pelo Governo da República de Angola, através do Decreto Presidencial n.º 67/19, de 22 de Fevereiro, constitui uma das mais ambiciosas iniciativas públicas de formação avançada de capital humano no exterior, abrangendo os níveis de mestrado, especialização e doutoramento. Insere-se numa estratégia de médio e longo prazo orientada para o reforço das capacidades técnicas, científicas e institucionais do país, assumindo a formação avançada como um eixo central do desenvolvimento nacional.

O referido Programa deve, por isso, ser analisado não apenas enquanto mecanismo de financiamento da formação pós-graduada, mas como um **instrumento de política pública**, cujo impacto depende da forma como os seus objectivos estratégicos se traduzem em resultados mensuráveis. A centralidade atribuída ao mérito académico, à excelência das instituições de acolhimento e à diversificação dos níveis e áreas de formação torna particularmente relevante a caracterização estatística do universo de bolseiros apoiados. A análise sistemática dos dados relativos aos beneficiários — incluindo o seu perfil académico, trajectória formativa e enquadramento institucional — constitui, assim, um passo essencial para avaliar o grau de alinhamento entre os objectivos declarados do programa e a sua execução efectiva, bem como para identificar padrões, assimetrias e tendências com implicações directas para a eficiência, a equidade e a sustentabilidade futura do programa.

A implementação deste Programa reflecte a convicção de que o investimento qualificado em recursos humanos constitui um factor crítico para o desenvolvimento económico e social, para a modernização da Administração Pública, para o fortalecimento do tecido produtivo e para a promoção da inovação. Neste contexto, o programa foi concebido não apenas como um mecanismo de financiamento da formação académica, mas também como um instrumento de política pública orientado para resultados, assente no princípio do retorno do investimento público através da integração profissional dos bolseiros no sistema nacional após a conclusão dos estudos.

A gestão e operacionalização do programa envolvem diversas entidades do Estado, com destaque para o Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE), responsável pela atribuição, acompanhamento e monitorização das bolsas, em articulação com os órgãos de tutela do Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação. Ao longo do tempo tem abrangido bolseiros colocados em múltiplos países e sistemas de ensino, cobrindo um leque alargado de áreas científicas consideradas prioritárias para o desenvolvimento nacional.

Neste quadro, a realização de uma análise estatística dos bolseiros do referido programa assume particular relevância, permitindo caracterizar de forma objectiva o universo dos beneficiários e avaliar, com base em evidência empírica, o grau de alinhamento entre os objectivos estratégicos do programa e os seus resultados observáveis. Tal análise constitui igualmente um instrumento essencial de apoio à decisão pública, contribuindo para a melhoria do desenho do programa, para a optimização dos critérios de selecção e para o reforço dos mecanismos de acompanhamento e avaliação.

Do ponto de vista metodológico, a análise estatística dos bolseiros pode incidir sobre múltiplas dimensões, incluindo, entre outras, a distribuição por sexo e faixa etária, a origem institucional e

geográfica dos candidatos, o nível e a área de formação, o país e a instituição de acolhimento, a duração efectiva dos estudos, bem como os percursos profissionais após a conclusão da bolsa. A exploração destes indicadores permite identificar padrões, assimetrias e tendências relevantes, nomeadamente em termos de equidade no acesso, adequação das áreas de formação às necessidades do país e eficácia do programa na promoção da empregabilidade qualificada.

Importa sublinhar que uma abordagem estatística rigorosa do programa não se limita a uma descrição retrospectiva, mas constitui um elemento fundamental para a avaliação do impacto futuro da política de bolsas do Estado angolano. Ao sistematizar e analisar os dados disponíveis, torna-se possível fundamentar recomendações sólidas para o aperfeiçoamento do programa e para o reforço do seu contributo para o desenvolvimento sustentável de Angola, no contexto das prioridades nacionais e das estratégias de longo prazo do país.

A realização de um inquérito estruturado aos bolseiros do programa, seguida de uma análise estatística rigorosa dos dados recolhidos, constitui, assim, um elemento central para a avaliação integrada, objectiva e prospectiva desta política pública. Num programa de elevada complexidade institucional, financeira e humana, a análise sistemática da informação empírica permite ultrapassar abordagens meramente descritivas ou anedóticas, fornecendo uma base sólida para decisões estratégicas fundamentadas em evidência.

Em primeiro lugar, a análise estatística dos dados do inquérito permite avaliar a coerência interna do programa, isto é, o grau de alinhamento entre os critérios de selecção dos bolseiros, as áreas de formação financiadas, os contextos académicos de acolhimento e as necessidades efectivas do país. Através de técnicas estatísticas adequadas, torna-se possível identificar relações significativas entre variáveis como área científica, país de formação, duração dos estudos e resultados académicos, permitindo aferir se os recursos públicos estão a ser alocados de forma eficiente e estratégica.

Em segundo lugar, a exploração dos dados recolhidos possibilita uma avaliação objectiva dos trajectos profissionais e do impacto pós-formação dos bolseiros. Indicadores como o tempo de inserção no mercado de trabalho, o sector de actividade, o nível de responsabilidade, a adequação entre formação e função desempenhada, bem como a permanência ou o retorno ao país, podem ser analisados de forma agregada e comparativa. Esta abordagem permite distinguir padrões estruturais de situações individuais, fornecendo informação crucial sobre o grau de retorno do investimento público e sobre a eficácia do programa enquanto instrumento de desenvolvimento do capital humano.

A análise estatística assume igualmente um papel fundamental na identificação de desigualdades, assimetrias e constrangimentos ao longo do ciclo do programa. A desagregação dos dados por sexo, região de origem, instituição de formação de base ou condição socioeconómica permite detectar eventuais barreiras no acesso às bolsas, diferenças nos resultados académicos ou disparidades nos percursos profissionais subsequentes. A identificação precoce destes fenómenos é essencial para o desenho de medidas correctivas que promovam maior equidade, inclusão e eficiência.

O tratamento estatístico dos dados do inquérito permite ainda construir indicadores de desempenho e métricas de monitorização que podem ser acompanhados ao longo do tempo. A definição de benchmarks, a análise de tendências temporais e a comparação entre diferentes coortes de bolseiros

tornam possível avaliar a evolução do programa, identificar melhorias ou regressões e ajustar, de forma dinâmica, os seus instrumentos de governação. Neste sentido, a estatística deixa de ser um exercício ex post e passa a assumir uma função activa na gestão e no planeamento estratégico.

É igualmente importante sublinhar que uma análise estatística robusta contribui para o reforço da transparência, da prestação de contas e da credibilidade institucional do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico. A produção de resultados quantificados, replicáveis e metodologicamente sustentados fortalece a legitimidade das decisões públicas, facilita o diálogo com parceiros institucionais e cria condições para uma comunicação clara e objectiva com a sociedade. Num contexto de restrições orçamentais e de elevada exigência quanto à eficiência da despesa pública, esta dimensão assume particular relevância.

Por fim, a análise dos dados do inquérito constitui um instrumento essencial para a orientação estratégica futura do programa. A partir da identificação de factores associados ao sucesso académico e profissional dos bolseiros, torna-se possível ajustar critérios de selecção, redefinir prioridades disciplinares, reforçar mecanismos de acompanhamento e conceber políticas complementares de integração profissional. O inquérito e a sua análise estatística não são, assim, um fim em si mesmos, mas antes um pilar estruturante de aprendizagem institucional, indispensável para garantir a sustentabilidade, a eficácia e o impacto de longo prazo do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico.

A análise estatística dos dados recolhidos junto dos bolseiros do referido Programa deve ser entendida como parte integrante de uma arquitectura mais ampla de planeamento, monitorização e avaliação das políticas públicas de capital humano em Angola, encontrando enquadramento directo em três instrumentos estruturantes da acção do Estado: o Plano de Desenvolvimento Nacional 2023–2027, o Plano de Desenvolvimento do Capital Humano de Angola 2023–2037 e a Estratégia Angola 2050.

O PDN 2023–2027 estabelece, num horizonte de médio prazo, metas claras em matéria de qualificação dos recursos humanos, modernização institucional, diversificação económica e reforço da produtividade. Neste quadro, O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico surge como um instrumento operacional de elevada intensidade, canalizando investimento público para a formação avançada de quadros em áreas consideradas críticas para a execução das políticas sectoriais. A análise estatística do inquérito aos bolseiros permite avaliar, de forma objectiva, se este investimento está efectivamente alinhado com as prioridades do PDN, nomeadamente no que respeita à adequação entre áreas de formação, necessidades do mercado de trabalho e sectores estratégicos da economia e da Administração Pública.

É, contudo, no Plano de Desenvolvimento do Capital Humano de Angola 2023–2037 que a análise estatística do Programa acima referenciado encontra o seu enquadramento mais directo e estrutural. Este plano adopta uma perspectiva de longo prazo especificamente centrada na formação, valorização, retenção e mobilização do capital humano, reconhecendo que os resultados dos investimentos em educação e qualificação apenas se materializam plenamente ao longo de vários ciclos temporais. Neste sentido, o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico deve ser analisado não apenas enquanto programa de bolsas, mas como um mecanismo

estratégico de produção de competências avançadas, cuja eficácia depende da coerência entre selecção, formação, integração profissional e progressão de carreira.

A análise estatística dos dados do inquérito permite operacionalizar vários dos objectivos centrais do PDCH-A 2023–2037, designadamente a identificação de perfis de competências críticas para o desenvolvimento nacional, a avaliação da adequação entre formação adquirida no exterior e necessidades estruturais do país, a medição do grau de retenção de talento e compromisso com o retorno e a integração em Angola, bem como a análise dos percursos profissionais de médio e longo prazo dos bolseiros enquanto indicador de sustentabilidade do investimento público.

Neste contexto, o tratamento estatístico dos dados recolhidos deixa de ser meramente descritivo e passa a assumir uma função prospectiva e estratégica, permitindo alimentar sistemas de planeamento de recursos humanos, apoiar políticas de emprego qualificado e informar decisões sobre a articulação entre ensino superior, ciência, inovação e sectores produtivos. O inquérito aos bolseiros constitui, assim, uma fonte privilegiada de informação para a construção de indicadores estruturais de capital humano, conforme preconizado no PDCH-A.

Por sua vez, a Estratégia Angola 2050 fornece o enquadramento de muito longo prazo, ao projectar uma economia mais diversificada, intensiva em conhecimento, tecnologicamente avançada e assente em instituições sólidas. Neste horizonte, a análise estatística deste Programa permite avaliar se o país está a construir, de forma consistente, uma massa crítica de quadros altamente qualificados, capazes de assegurar liderança técnica, científica e institucional nas próximas décadas.

Importa ainda salientar que os três instrumentos estratégicos convergem na defesa de políticas públicas baseadas em evidência, com mecanismos robustos de monitorização, avaliação e aprendizagem institucional. A análise estatística do inquérito aos bolseiros do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico responde plenamente a esta orientação, permitindo transformar dados individuais em conhecimento accionável, apoiar a prestação de contas e reforçar a racionalidade da decisão pública.

O enquadramento do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico no PDN 2023–2027, no Plano de Desenvolvimento do Capital Humano de Angola 2023–2037 e na Estratégia Angola 2050 confere à análise estatística dos dados do inquérito um papel estruturante. Esta análise afirma-se como um elo fundamental entre investimento público, planeamento estratégico e impacto de longo prazo, assegurando que a política de bolsas evolui de forma coerente, eficaz e alinhada com a visão de desenvolvimento sustentável de Angola.

Benchmarking – Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico

2.1 Enquadramento do Benchmarking

Os programas públicos de bolsas de estudo e de formação avançada no exterior constituem instrumentos centrais das políticas de desenvolvimento do capital humano, particularmente em países que enfrentam constrangimentos estruturais na oferta interna de formação avançada e na qualificação do aparelho do Estado. Contudo, a eficácia destes programas não decorre automaticamente do investimento financeiro realizado, mas do seu desenho institucional, da clareza dos seus objetivos estratégicos e da capacidade de converter formação individual em valor público coletivo.

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico, lançado em 2019 pelo Governo de Angola, insere-se neste quadro enquanto um programa de natureza distintiva. Ao contrário de iniciativas clássicas de bolsas de estudo, o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico combina três elementos estruturantes:

- a) formação internacional de elevada exigência académica;
- b) forte seletividade no recrutamento dos beneficiários;
- c) obrigação formal de regresso e integração no serviço público por um período mínimo de cinco anos.

Esta combinação posiciona o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico numa categoria híbrida entre programas de excelência académica e programas de formação de quadros do Estado. Tal singularidade torna inadequada a comparação direta com programas exclusivamente orientados para o acesso ao ensino superior, para a internacionalização académica ou para a investigação científica isolada. Impõe-se, por isso, um exercício de benchmarking estratégico, que permita situar o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico no panorama internacional, identificar boas práticas relevantes e antecipar riscos associados ao seu modelo institucional.

2.2 Objetivos do Benchmarking

2.2.1 Objetivo Geral

O presente capítulo tem como objetivo geral comparar o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico com programas internacionais de bolsas e formação

avançada, de modo a identificar convergências, divergências e lições estratégicas relevantes para o seu desenho, governação e sustentabilidade.

2.2.2 Objetivos Específicos

De forma específica, o benchmarking visa:

- Identificar diferentes modelos internacionais de financiamento e concessão de bolsas de estudo;
- Comparar mecanismos de seleção, acompanhamento e retorno dos beneficiários;
- Analisar a relação entre formação avançada e necessidades estratégicas do Estado nos programas estudados;
- Avaliar o grau de transferibilidade das práticas internacionais para o contexto angolano;
- Posicionar o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico no continuum internacional entre programas de acesso, programas de excelência e programas de formação estatal dirigida.

Os objetivos definidos orientam uma análise centrada no desenho institucional dos programas, e não na medição dos seus resultados empíricos.

2.3 Abordagem Metodológica do Benchmarking

O benchmarking adotado segue uma abordagem qualitativa comparativa, comumente utilizada na análise de políticas públicas e programas governamentais. A seleção dos programas analisados obedeceu a três critérios fundamentais:

1. Natureza pública do financiamento, assegurando comparabilidade com o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico;
2. Relevância estratégica, em termos de formação de capital humano avançado;
3. Diversidade de modelos institucionais, incluindo programas orientados para acesso, excelência académica, formação dirigida e retorno obrigatório.

A análise baseou-se em documentação oficial, relatórios institucionais e literatura especializada, sendo estruturada em torno de dimensões analíticas comuns: finalidade estratégica, público-alvo, modelo de financiamento, critérios de seleção, mecanismos de retorno e relevância para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico.

Importa sublinhar que o benchmarking não visa a replicação mecânica de modelos externos, mas sim a aprendizagem seletiva, considerando as especificidades administrativas, económicas e institucionais de Angola.

2.4 Análise Comparativa de Programas Internacionais

O presente capítulo analisa programas internacionais de bolsas e financiamento do ensino superior selecionados com base na sua relevância enquanto referências comparativas para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico. A análise não tem por objetivo descrever exaustivamente cada iniciativa, mas sim avaliar modelos institucionais distintos, identificando convergências, divergências e lições estratégicas face a um programa de formação internacional de elite com obrigação de regresso e serviço público.

Os programas selecionados representam diferentes modelos de intervenção pública no financiamento da formação avançada, permitindo uma comparação entre estratégias orientadas para o acesso, a excelência académica e o retorno institucional. A saber:

- QUÉNIA: Higher Education Loans Board (HELB);
- ALEMANHA: Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD);
- EUA: Gilman Scholarship;
- CANADÁ: Vanier CGS e o Programa Banting;
- CHINA: China Scholarship Council (CSC);
- INDIA: National Postgraduate Scholarship Program (NPSP).

2.4.1 Quénia – Higher Education Loans Board (HELB)

O Higher Education Loans Board (HELB), criado em 1995, é o principal instrumento público de financiamento do ensino superior no Quénia, abrangendo universidades e instituições de ensino técnico e profissional. O seu objetivo central é assegurar o acesso ao ensino superior, recorrendo predominantemente a empréstimos reembolsáveis, complementados por bolsas e subsídios.

Um elemento estruturante do HELB é o fundo rotativo nacional, baseado na recuperação sistemática dos empréstimos concedidos a antigos beneficiários, introduzindo uma lógica de sustentabilidade financeira e corresponsabilização individual. Em 2023, o programa foi reformulado através do *Student-Centred Funding Model (SCFM)*, que passou a atribuir financiamento com base na situação socioeconómica do estudante, avaliada por meio do *Means Testing Instrument (MTI)*.

O reembolso inicia-se, regra geral, um ano após a conclusão dos estudos, estando associado a penalizações financeiras e à inclusão em bases de dados de crédito em caso de incumprimento.

Relevância para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico:

O HELB constitui um benchmark relevante em termos de monitorização de beneficiários, gestão de dados e sustentabilidade financeira, mas apresenta fraca transferibilidade conceptual. Trata-se de um programa orientado para o acesso em larga escala, sem formação internacional, sem foco na excelência académica de elite e sem qualquer obrigação de retorno institucional.

2.4.2 Índia – National Postgraduate Scholarship Program (NPSP)

O National Postgraduate Scholarship Program (NPSP) é administrado pela *University Grants Commission (UGC)* e visa apoiar financeiramente estudantes meritórios na sua primeira pós-graduação a tempo inteiro, exclusivamente em instituições indianas reconhecidas.

O programa apoia anualmente cerca de 10.000 estudantes, refletindo uma estratégia de volume e capilaridade, orientada para o reforço do sistema nacional de ensino superior. O apoio assume a forma de uma retribuição mensal de 15.000 rúpias durante 10 meses por ano, ao longo de dois anos, sem obrigação de reembolso.

O NPSP incorpora uma política explícita de equidade de género, reservando 30% das vagas para mulheres, com prioridade para filhas únicas ou gémeas.

Relevância para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico:

O NPSP oferece referências úteis no domínio da promoção do mérito académico e da inclusão, mas apresenta relevância limitada para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico. Não contempla formação internacional, não impõe retorno nem articula a formação com necessidades estratégicas do Estado.

2.4.3 Alemanha – Serviço Alemão de Intercâmbio Académico (DAAD)

O DAAD é a maior organização mundial de financiamento da mobilidade académica, apoiando anualmente mais de 100.000 estudantes e investigadores alemães e internacionais.

O programa destina-se sobretudo a licenciados e doutorandos para estudos e investigação na Alemanha. As bolsas incluem remunerações mensais (934 euros para licenciados e 1.300 euros para doutorandos), seguro de saúde, subsídios de viagem e cursos de línguas, com durações que variam entre 10 e 24 meses (mestrados) e até quatro anos (doutoramentos).

A seleção baseia-se em critérios altamente rigorosos: excelência académica (tipicamente os melhores 10–15% da turma), qualidade da proposta de investigação e motivação ou responsabilidade social. O processo é conduzido por comités independentes, assegurando elevado grau de credibilidade e transparência.

Relevância para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico:

O DAAD constitui um benchmark direto em termos de exigência académica, qualidade dos processos de seleção e acompanhamento institucional. Contudo, não impõe qualquer obrigação de retorno, apostando antes em redes científicas e retorno indireto — um modelo difícil de replicar no contexto angolano.

2.4.4 Canadá – Vanier Canada Graduate Scholarships e Banting Postdoctoral Fellowships

Os programas Vanier Canada Graduate Scholarships e Banting Postdoctoral Fellowships representam o topo da política canadiana de atração de talento acadêmico, sendo geridos por três agências federais (CIHR, NSERC e SSHRC).

O Vanier CGS oferece 50.000 dólares canadianos por ano durante três anos a doutorandos de classe mundial, avaliando de forma equilibrada a excelência acadêmica, o potencial de investigação e a liderança. Os candidatos devem ser nomeados por universidades canadianas, que operam sob quotas.

O Banting distingue-se por focar especificamente a liderança em investigação, medida pela influência do candidato na comunidade acadêmica e na sociedade, posicionando os bolsеiros como futuros líderes científicos.

Relevância para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico:

Estes programas são benchmarks de excelência extrema e impacto científico, mas não impõem retorno nem integração no setor público. Funcionam em ecossistemas altamente absorventes, o que limita a sua transferibilidade direta para Angola.

2.4.5 China – China Scholarship Council (CSC)

O China Scholarship Council (CSC) é o principal instrumento do Estado chinês para a formação de talentos, oferecendo bolsas integrais e parciais em 279 universidades afiliadas.

O programa cobre licenciatura, mestrado e doutoramento, com benefícios que incluem propinas gratuitas, alojamento e remunerações mensais entre 2.500 renminbi (licenciatura) e 3.500 renminbi (doutoramento). Existem diferentes categorias de acesso (A, B e C), bem como limites etários rígidos e, frequentemente, formação obrigatória em língua chinesa.

Relevância para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico:

O CSC é o programa que mais se aproxima conceptualmente do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico, combinando formação avançada, alinhamento estratégico do Estado e mecanismos formais de retorno. Demonstra que o retorno obrigatório só é eficaz quando acompanhado de planeamento estatal robusto.

2.4.6 Estados Unidos – Gilman-McCain Scholarship

O Gilman-McCain Scholarship é uma iniciativa financiada pelo Congresso dos EUA, integrada no programa Benjamin A. Gilman.

Destina-se exclusivamente a dependentes (filhos ou cônjuges) de militares norte-americanos em serviço ativo, atribuindo prémios de 5.000 dólares para apoiar estudos ou estágios no estrangeiro com reconhecimento académico. Os candidatos devem ser beneficiários de ajuda financeira federal (*Title IV*).

Relevância para o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico:

A relevância deste programa é residual, servindo apenas para ilustrar como bolsas podem ser utilizadas como instrumentos altamente direcionados de política pública, sem ambição de impacto sistémico.

2.5 Dimensões-Chave de Benchmarking do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico

O benchmarking internacional não se limita à comparação de objetivos, critérios de seleção ou modelos de financiamento. Um elemento crítico — frequentemente negligenciado — é a forma como os programas avaliam a sua própria eficácia enquanto políticas públicas. A análise dos programas internacionais de referência demonstra que o que se mede revela o que realmente importa para o decisor público.

Este capítulo desenvolve as principais dimensões comparativas do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico, integrando explicitamente os modelos de avaliação da eficácia utilizados nos programas analisados.

2.5.1 Finalidade Estratégica e Lógica de Avaliação

Os programas internacionais analisados avaliam a sua eficácia de forma coerente com a sua finalidade estratégica:

- Programas orientados para acesso e equidade avaliam cobertura, volume e sustentabilidade financeira.
- Programas orientados para excelência académica avaliam produção científica, reputação e retenção de talento.
- Programas orientados para formação estratégica do Estado avaliam retorno, integração e progressão institucional.

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico assume explicitamente uma finalidade de formação de quadros do Estado com retorno obrigatório, o que o aproxima conceptualmente de programas como o China Scholarship Council (CSC) e o afasta dos modelos ocidentais clássicos.

Um programa com esta finalidade não pode limitar a sua avaliação a indicadores administrativos ou académicos sem comprometer a sua coerência estratégica.

2.5.2 Critérios de Seleção vs. Critérios de Sucesso

O benchmarking revela uma diferença estrutural entre:

- Critérios de seleção: quem entra no programa
- Critérios de eficácia: o que o programa produz enquanto política pública

Programas como o DAAD na Alemanha ou o Vanier no Canadá apresentam processos de seleção extremamente rigorosos, mas não avaliam impacto estatal direto, porque esse não é o seu objetivo.

Já o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico, ao exigir regresso e serviço público, desloca o eixo da eficácia para o desempenho pós-formação, o que exige métricas completamente diferentes.

2.5.3 Modelos Internacionais de Avaliação da Eficácia

A análise comparativa permite identificar quatro modelos distintos de avaliação da eficácia:

a) Avaliação Administrativa e Financeira

Exemplo: HELB - Quénia

- Execução orçamental
- Taxa de recuperação de empréstimos
- Sustentabilidade do fundo rotativo
- Mede funcionamento do programa, não impacto social ou institucional.

b) Avaliação por Outputs Educativos

Exemplo: NPSP - Índia

- Número de bolsas atribuídas
- Taxas de conclusão
- Distribuição por género e grupos sociais
- Avalia equidade e volume, não retorno do investimento público.

c) Avaliação por Impacto Científico e Reputacional

Exemplos: DAAD – Alemanha e Banting - Canadá

- Publicações e citações
- Trajetórias académicas
- Cooperação internacional
- Retenção de talento
- Mede excelência e soft power, não integração no Estado.

d) Avaliação por Retorno Estatal e Integração Institucional

Exemplo: CSC - China

- Taxa efetiva de regresso

- Colocação em instituições estratégicas
- Progressão na carreira pública ou académica
- Contributo para prioridades nacionais
- Único modelo comparável ao Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico , ainda que com baixa transparência pública.

2.5.4 Retorno Obrigatório e Avaliação da Integração

O benchmarking demonstra um ponto crítico: a maioria dos programas não mede aquilo que não exige.

Como apenas o CSC (China) exige retorno formal, apenas ele mede sistematicamente:

- regresso ao país;
- integração institucional;
- progressão funcional.

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico exige retorno, mas ainda não apresenta um modelo de avaliação da eficácia proporcional a essa exigência.

Sem avaliação estruturada da integração no serviço público, o retorno obrigatório corre o risco de ser um mecanismo jurídico sem correspondência estratégica.

2.5.5 Capacidade de Absorção Institucional como Variável de Eficácia

Nenhum dos programas analisados avalia eficácia ignorando o contexto institucional. Nos programas de excelência (DAAD, Canadá), a absorção é assumida como garantida. No programa chinês CSC é planeada e monitorizada.

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico opera num contexto em que a capacidade de absorção não pode ser presumida, o que torna indispensável avaliar:

- adequação formação–função;
- utilização efetiva das competências;
- condições institucionais de desempenho.

2.5.6 Legitimação Pública e Sustentabilidade Política

O benchmarking revela que programas de elevado custo sobrevivem politicamente quando conseguem demonstrar eficácia de forma inteligível para decisores e sociedade.

- O programa do Quénia legitima-se pela sustentabilidade financeira;
- O programa da Índia pelo volume e equidade;
- Os programas da Alemanha e Canadá pela reputação científica;
- O programa da China pelo alinhamento com objetivos nacionais.

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico, pela sua natureza, só se pode legitimar através de impacto institucional mensurável.

Tabela Comparativa Sintética – Benchmarking Internacional

Programa	Avalia a Execução	Avalia os Outputs	Avalia o Impacto	Tipo de Eficácia Medida
Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico (Angola)	✓	✓	⚠	Impacto institucional esperado
HELB (Quénia)	✓	✓	✗	Sustentabilidade financeira
NPSP (Índia)	✓	✓	✗	Equidade e volume
DAAD (Alemanha)	✓	✓	✓	Impacto científico
Vanier / Banting (Canadá)	✓	✓	✓	Excelência e inovação
CSC (China)	✓	✓	✓	Retorno estatal

⚠ = objetivo declarado, mas sistema de avaliação ainda não consolidado

2.6 Síntese Final do Benchmarking e Desafio Central do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico

O exercício de benchmarking realizado ao longo deste trabalho permitiu comparar o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico com um conjunto diversificado de programas públicos de bolsas e formação avançada, evidenciando diferenças significativas quanto à finalidade estratégica, aos mecanismos de retorno e às formas de avaliação da eficácia. Da análise comparativa emerge uma conclusão central: O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico é mais exigente do que a maioria dos programas analisados, mas opera num ecossistema institucional menos robusto do que aqueles com objetivos semelhantes.

Esta constatação é estrutural e atravessa todo o benchmarking. Programas orientados para o acesso ao ensino superior, como os do Quênia e da Índia, apresentam exigências institucionais relativamente reduzidas, uma vez que delegam a empregabilidade e o impacto ao funcionamento geral do sistema educativo e do mercado de trabalho. Programas de excelência acadêmica, como os da Alemanha e do Canadá, operam em ecossistemas altamente absorventes, nos quais a integração profissional e o impacto científico dos beneficiários são largamente garantidos pelo contexto institucional envolvente, dispensando obrigações formais de retorno.

Em contraste, os poucos programas que exigem retorno explícito ao Estado, como o da China, estão inseridos em contextos caracterizados por forte capacidade de planejamento, coordenação e absorção institucional. Nestes casos, a exigência imposta aos beneficiários é acompanhada por estruturas administrativas e organizacionais capazes de integrar, valorizar e monitorizar o contributo dos quadros formados.

O Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico distingue-se por conjugar uma exigência elevada — formação internacional de excelência e obrigação formal de regresso e serviço público — com um contexto institucional em que a capacidade de absorção, valorização e acompanhamento dos beneficiários não pode ser presumida como automática. Esta assimetria entre o nível de exigência do programa e a robustez do ecossistema institucional constitui o seu principal desafio estratégico.

O benchmarking demonstra, assim, que o risco central do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico não reside na qualidade da formação proporcionada nem no perfil dos beneficiários selecionados, mas na possibilidade de se criar um desfasamento entre competências adquiridas e condições efectivas de utilização dessas competências no aparelho do Estado. Sem mecanismos robustos de integração, acompanhamento e avaliação da eficácia, a elevada exigência imposta aos bolseiros pode não se traduzir em impacto institucional proporcional ao investimento realizado.

Deste modo, o benchmarking não aponta para a necessidade de reduzir a ambição do Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos Desempenho e Mérito Académico, mas para a urgência de alinhar essa ambição com a capacidade institucional disponível. Programas menos exigentes sobrevivem com instrumentos simples de gestão e avaliação; programas altamente exigentes, como o Programa de Envio Anual de 300 Licenciados Angolanos com Elevado Desempenho e Mérito Académico, requerem estruturas igualmente exigentes de governação e aprendizagem.

3.1 Enquadramento e Objectivos Metodológicos

O presente estudo baseia-se num inquérito por questionário destinado a caracterizar o percurso académico e profissional de bolseiros do ensino superior, bem como a sua situação actual (emprego, sector, rendimentos, localização) e a percepção do impacto da formação realizada. Do ponto de vista metodológico, procurou-se obter uma base empírica suficientemente extensa para permitir análises descritivas e inferenciais (por exemplo, estimativas de proporções e comparações entre subgrupos), sem sacrificar a operacionalidade do processo de recolha num público geograficamente disperso.

Considera-se como **universo de referência** o conjunto de bolseiros abrangidos **nos últimos cinco anos**, estimado em **cerca de 1 500 indivíduos**. A recolha efectuada não configura uma amostragem aleatória clássica (no sentido de um sorteio formal de unidades), mas antes um processo de convite e participação voluntária, típico de inquéritos administrativos/sectoriais. Ainda assim, a dimensão final obtida e a qualidade dos registos permitem uma leitura robusta de tendências e padrões, desde que se explicitem as limitações de representatividade e se evite a extrapolação mecânica sem validação.

3.2 Instrumento de Recolha e Estrutura do Questionário

O instrumento consistiu num **questionário estruturado**, aplicado em **formato digital** (auto-preenchimento). A base de dados exportada contém **230 respostas** e **94 variáveis**, incluindo: (i) variáveis substantivas (idade, sexo, trajecto académico, emprego, etc.), (ii) variáveis de contexto (província de origem, residência actual, país de residência quando no estrangeiro), e (iii) **metadados do processo** (datas de início e submissão e campo de fecho/terminação do questionário).

A organização do questionário segue uma lógica de blocos temáticos, abrangendo, entre outros, os seguintes domínios: caracterização sociodemográfica; percurso de formação (país, instituição, ano de início e conclusão, nível); situação laboral antes e após a bolsa; tempo até ao primeiro emprego; condições do emprego actual (sector, vínculo, remuneração); mobilidade geográfica; e itens de avaliação subjectiva (adequação da formação e percepções de impacto). A predominância de perguntas fechadas favorece consistência de respostas e comparabilidade estatística, enquanto algumas perguntas abertas/semiestruturadas permitem captar nuances relevantes.

3.3 Definição de Subamostras e Critérios Analíticos

Em vários momentos da análise estatística recorreu-se à definição de **subamostras analíticas**, por exemplo fizémos distinção entre:

- (i) bolsiros que **realizaram integralmente os estudos no estrangeiro**,
- (ii) bolsiros que **concluíram** estudos vs. bolsiros que ainda **não concluíram**,
- (iii) bolsiros **empregados**, e
- (iv) bolsiros que realizaram **percursos mistos** (por exemplo, doutoramentos com fase inicial em Angola e fase avançada no exterior).

Esta opção metodológica não decorre de uma fragmentação arbitrária da amostra, mas de uma **necessidade analítica fundamental**: assegurar a **homogeneidade substantiva das unidades comparadas** e a **validade interpretativa dos resultados**.

Em primeiro lugar, várias dimensões avaliadas no inquérito — nomeadamente satisfação com a experiência no estrangeiro, acompanhamento consular e institucional, impacto da vivência internacional, dificuldades financeiras durante a mobilidade, ou percepção da obrigação de regresso — **só são plenamente observáveis para indivíduos que efectivamente viveram e estudaram no exterior**. Incluir, nessas análises, bolsiros que ainda não se deslocaram ou que realizaram apenas parte do percurso fora do país introduziria ruído analítico, diluindo os efeitos observados e confundindo ausência de experiência com avaliação negativa.

Em segundo lugar, no caso específico dos doutoramentos, a coexistência de modelos formativos distintos (doutoramento integral no estrangeiro versus doutoramento em regime misto ou “sandwich”) implica **condições institucionais, académicas e logísticas substancialmente diferentes**. A experiência de integração numa universidade estrangeira, a relação com serviços administrativos, os custos de vida, o enquadramento familiar e a exposição a sistemas científicos internacionais variam de forma significativa entre estes modelos. Do ponto de vista estatístico, tratam-se de populações relacionadas, mas **não equivalentes**, pelo que a sua agregação numa única análise poderia gerar conclusões enviesadas.

Em terceiro lugar, a utilização de subamostras permite alinhar cada análise com o **universo lógico da pergunta**. Em termos metodológicos, isto corresponde ao princípio de coerência entre:

- **população-alvo da variável** (quem pode legitimamente responder),
- **denominador estatístico** (quem entra no cálculo),
- **e interpretação substantiva dos resultados**.

Assim, por exemplo, indicadores relativos à comunicação com o INAGBE durante a permanência no estrangeiro, ao acompanhamento consular ou à experiência de viver fora do país foram analisados exclusivamente no subgrupo de bolsiros com experiência efectiva no exterior. Em contrapartida, variáveis de carácter mais geral — como expectativas de futuro, intenção de permanência em Angola, avaliação do impacto global da formação ou percepção do futuro do país — foram analisadas sobre a **totalidade da amostra**, por serem conceptualmente transversais.

Por fim, importa sublinhar que a utilização de subamostras é acompanhada, ao longo do relatório, pela **indicação explícita do tamanho efectivo (n)** em cada análise. Esta prática permite ao leitor avaliar correctamente a robustez estatística dos resultados e interpretar com cautela as comparações entre grupos, sobretudo quando os subgrupos são de dimensão reduzida.

Em síntese, a opção por trabalhar com subamostras não visa maximizar resultados nem seleccionar casos favoráveis, mas sim **assegurar rigor metodológico**, evitar comparações conceptualmente inválidas e produzir conclusões estatisticamente e substantivamente defensáveis.

3.4 Período de Recolha e Duração do Inquérito

Os metadados registados no ficheiro permitem identificar o **período efectivo de recolha** com precisão. A primeira participação inicia-se em **7 de Novembro de 2025 (UTC)** e a última submissão ocorre em **8 de Janeiro de 2026 (UTC)**. Em termos operacionais, isto significa que o inquérito esteve disponível durante **aproximadamente dois meses**, atravessando três meses de calendário (Novembro, Dezembro e Janeiro), o que é compatível com uma fase inicial de lançamento e posterior reforço por lembretes e recontactos.

A distribuição temporal das submissões é assimétrica e sugere concentração relevante no arranque: **176 respostas em Novembro de 2025, 44 em Dezembro de 2025 e 10 em Janeiro de 2026**. Esta dinâmica é típica de questionários online, em que a taxa de participação tende a ser mais elevada nos primeiros dias após o convite, decrescendo progressivamente, com picos adicionais quando existem reforços de divulgação.

3.5 Número de Respostas e Taxas (Resposta e Cobertura)

A base de dados final contém **230 respostas válidas**. Se o processo de contacto tiver sido desenhado, por exemplo, para um subconjunto operacional (uma lista de convites) — frequentemente designado “amostra contactada” — então é apropriado reportar a taxa de resposta face aos contactados. Contudo, mesmo sem essa lista no ficheiro, é sempre útil reportar a **cobertura face ao universo**: com $n = 230$ e $N \approx 1\,500$, a cobertura observada é de cerca de **15,3 % do universo** (230/1500).

Este valor é substantivo para análises descritivas e para detecção de padrões, embora se deva notar que a cobertura não garante, por si só, representatividade: esta depende também da forma como os convites circularam, do acesso efectivo ao questionário e de possíveis enviesamentos de auto-selecção (por exemplo, maior propensão a responder por parte de indivíduos com percursos mais estáveis ou com maior ligação institucional).

3.6 Tempo de Preenchimento (Indicadores de Carga e Qualidade)

O ficheiro contém **data/hora de início** (“Start Date (UTC)”) e **data/hora de submissão** (“Submit Date (UTC)”), permitindo calcular o **tempo total de preenchimento** por respondente (diferença entre submissão e início). Este é um indicador metodológico relevante: reflecte a carga do instrumento, a fluidez do questionário e potenciais problemas de compreensão (tempos excessivos) ou de baixa atenção (tempos demasiado curtos).

Os resultados mostram um padrão central consistente e alguns outliers típicos de preenchimento interrompido:

- **Mediana: 11 min 34 s** (indicador mais robusto, pouco sensível a outliers).
- **Intervalo interquartil (P25–P75): de 7 min 36 s a 18 min 15 s** (metade dos respondentes).
- **P90: 28 min 12 s** (90 % concluiu abaixo deste valor).
- **P95: 56 min 20 s.**
- **Mínimo: 1 min 10 s** (casos de preenchimento muito rápido, potencialmente por elevada familiaridade ou resposta expedita).
- Existem outliers extremos (máximo superior a 40 horas), muito provavelmente associados a sessões deixadas em aberto e retomadas depois; por isso, a **média simples** é inflacionada. Ao restringir a análise a respostas com duração até **60 minutos** (situação mais realista para auto-preenchimento contínuo), obtém-se uma média de **14 min 09 s**.

Do ponto de vista de qualidade, o facto de existir um campo final de encerramento (“Muito obrigado por ter respondido”) associado às respostas sugere **elevada taxa de conclusão**, reforçando a consistência do conjunto.

3.7 Precisão Estatística e Margens de Erro (Referência)

Mesmo reconhecendo que a amostra não é aleatória no sentido estrito, é prática útil apresentar uma **margem de erro de referência**, para orientar o leitor quanto à ordem de grandeza da incerteza amostral. Para **n = 230**, assumindo a proporção mais conservadora ($p = 0,5$) e um nível de confiança de 95 %, a margem de erro máxima aproximada é cerca de **±6,4 p.p.**. Considerando o universo finito **N ≈ 1 500**, a correcção de população finita reduz ligeiramente este valor para aproximadamente **±6,0 p.p.**

Estas margens devem ser interpretadas como indicativas e condicionadas por potenciais enviesamentos de selecção. Em análises por subgrupos (por exemplo, por sexo, país de formação ou sector), as margens de erro aumentam devido à redução do tamanho efectivo de cada subamostra, pelo que se recomenda reportar sempre o **n** de cada segmento analisado.

3.8 Sumário

O inquérito decorreu entre **7 de Novembro de 2025 e 8 de Janeiro de 2026**, reuniu **230 respostas**, cobrindo cerca de **15 %** do universo estimado de **1 500 bolseiros** dos últimos cinco anos. O **tempo de preenchimento** apresenta mediana de **11m34s** e um intervalo típico entre **7m36s** e **18m15s**, compatível com um questionário de extensão moderada, com elevada taxa de conclusão. Apesar das limitações próprias de um desenho não probabilístico, a dimensão e a qualidade dos registos suportam análises sólidas, desde que acompanhadas de uma interpretação prudente quanto à generalização.

4.1 Dados Sociodemográficos

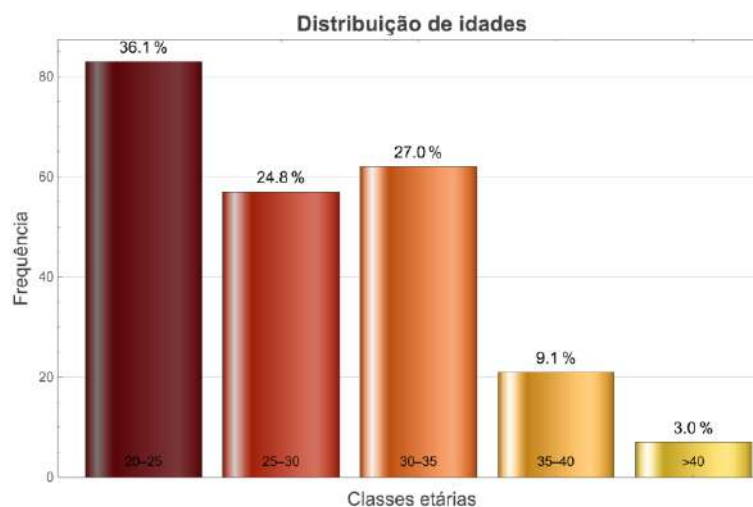
4.1.1 Idade

Observam-se **230 registos válidos**, sem **valores em falta**. A idade varia entre **21 e 90 anos** (amplitude **69**). A distribuição apresenta um centro bem definido: **mediana de 28 anos**, com **Q1 = 23** e **Q3 = 32**, o que implica um **intervalo interquartil (IQR) de 9 anos**. Em termos médios, a idade é **28,05 anos**, com **desvio-padrão de 6,81**, indicando dispersão moderada em torno do valor central.

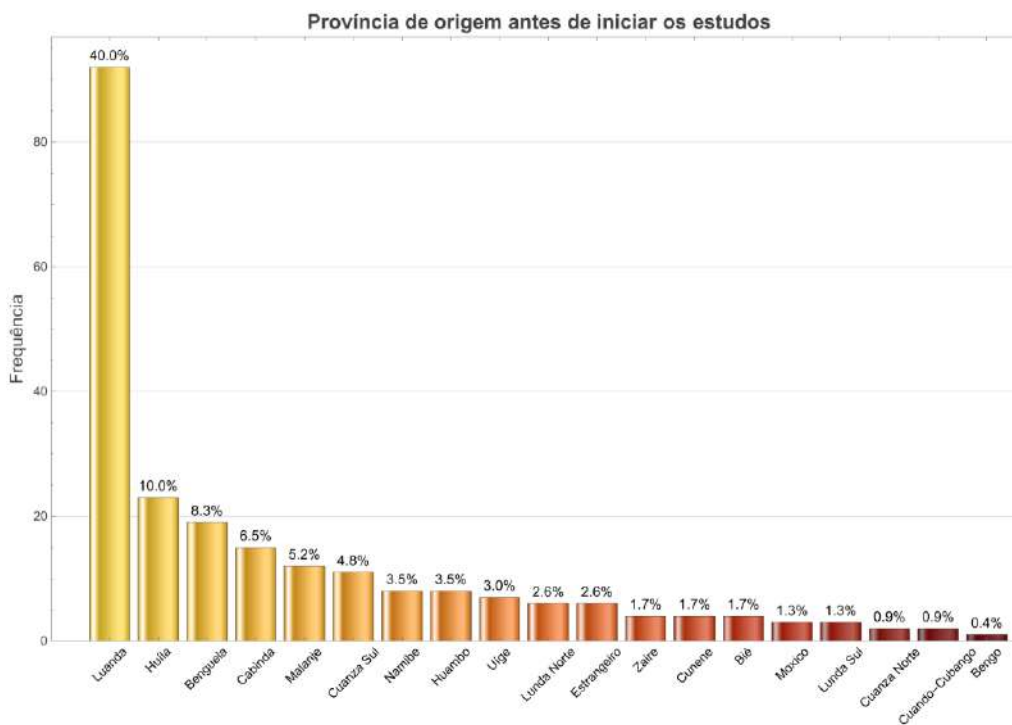
O **intervalo de confiança a 95% para a média** situa-se entre **27,17 e 28,93 anos**, reflectindo boa precisão na estimativa do valor médio dada a dimensão da amostra. A **moda é 21 anos**, sugerindo que o grupo mais frequente é o dos respondentes mais jovens.

Como comentário adicional, importa notar que a distribuição é **fortemente assimétrica à direita** (**skewness = 3,50**) e com **curtose muito elevada** (**kurtosis = 31,17**), o que indica uma cauda direita longa e presença de valores extremos.

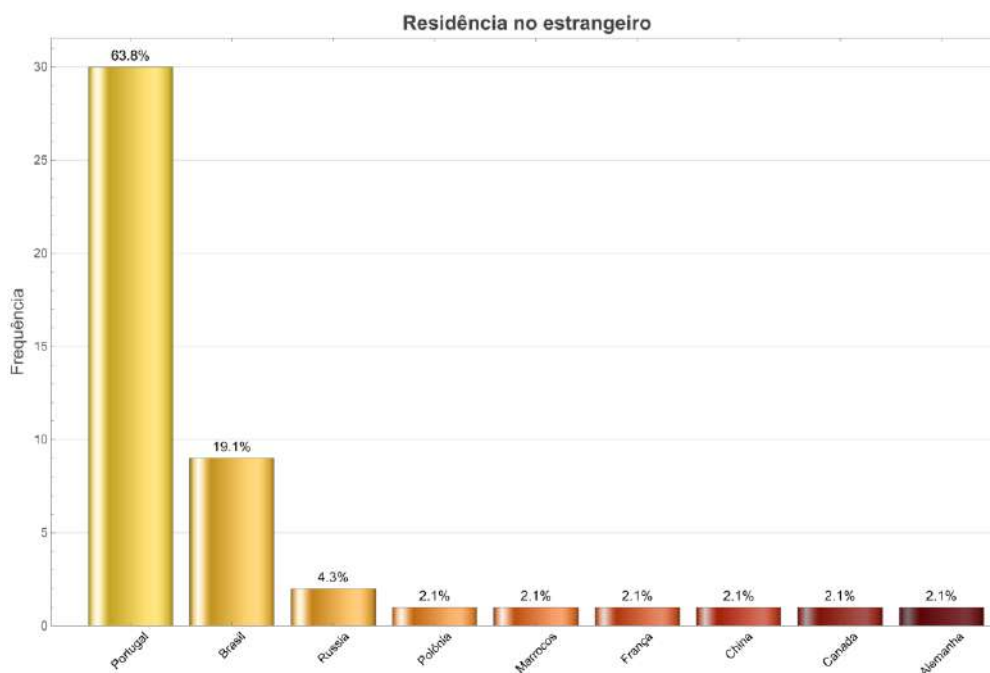
Consistentemente, foram identificados **dois outliers** pelo critério do IQR (**46 e 90 anos**). Assim, para efeitos de interpretação e reporte, a **mediana e os quartis** são medidas particularmente informativas e robustas, devendo complementar (ou, em certas análises, prevalecer sobre) a média, que é mais sensível a valores extremos. Pensamos que a idade de 90 anos foi devida a um erro de preenchimento e foi retirada das estatísticas.



4.1.2 Residência antes de começar os estudos



Evidencia-se uma **forte concentração da província de origem em Luanda**, que representa **40,0 %** do total de inquiridos, destacando-se de forma muito marcada face a todas as restantes províncias. Seguem-se, a considerável distância, a **Huila (10,0 %)**, **Benguela (8,3 %)**, **Cabinda (6,5 %)**, **Malanje (5,2 %)** e **Cuanza Sul (4,8 %)**, constituindo um segundo grupo de origem com peso moderado na amostra. As demais províncias apresentam valores individuais inferiores a 4 %, formando uma cauda longa de representações residuais, ainda que assegurando cobertura geográfica praticamente nacional. Este padrão reflecte, por um lado, a centralidade demográfica, administrativa e institucional de Luanda e, por outro, desigualdades no acesso às oportunidades de informação e candidatura, devendo a leitura dos resultados por província ser feita com cautela, sobretudo nos casos com reduzido número de observações.

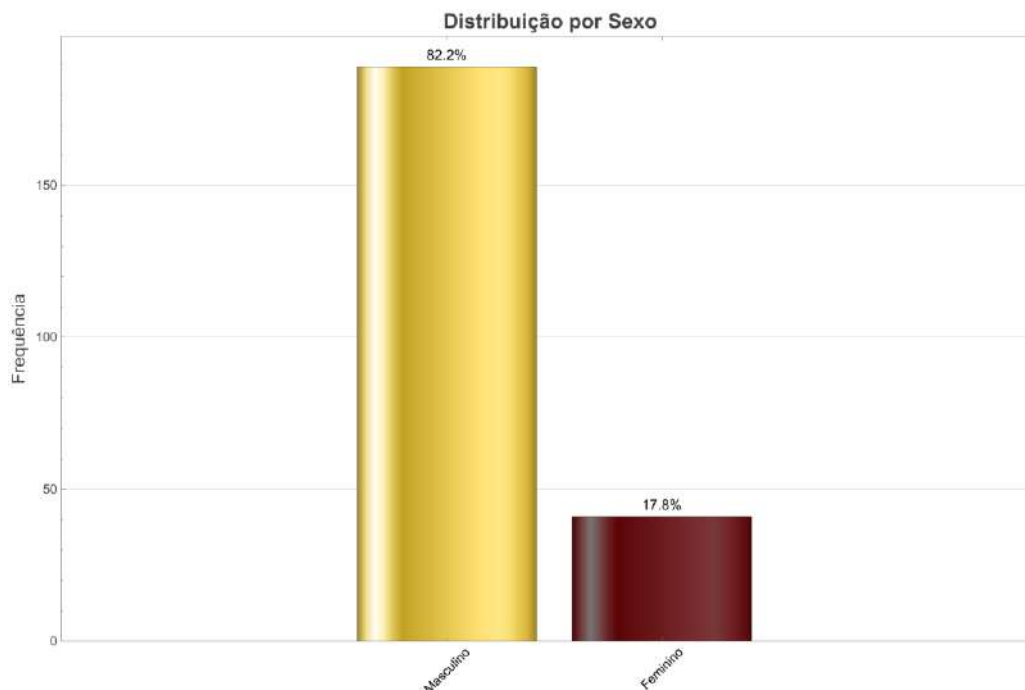


O gráfico relativo à **residência no estrangeiro** evidencia uma concentração muito marcada num número reduzido de países de acolhimento. **Portugal** surge como o principal destino, concentrando **63,8 %** dos inquiridos que residem actualmente fora do país, o que confirma a centralidade histórica, linguística e institucional deste destino nos percursos de formação e mobilidade internacional. Em segundo lugar encontra-se o **Brasil**, com **19,1 %**, assumindo também um peso relevante, ainda que substancialmente inferior ao de Portugal.

Os restantes países apresentam valores residuais e bastante dispersos: a **Rússia** representa **4,3 %**, enquanto **Polónia, Marrocos, França, China, Canadá e Alemanha** surgem cada um com **2,1 %**. Esta configuração revela que, fora dos dois principais destinos, a mobilidade internacional dos respondentes se distribui por um conjunto alargado de países, sem que nenhum deles assuma um papel estrutural dominante.

No seu conjunto, os resultados indicam que a residência no estrangeiro se concentra fortemente em espaços lusófonos ou historicamente próximos, sendo os restantes destinos expressão de trajectórias mais individuais ou especializadas. Esta concentração deve ser considerada na análise do retorno de competências e na formulação de políticas de acompanhamento e reintegração, uma vez que os contextos institucionais e profissionais diferem significativamente entre os principais países de acolhimento e os destinos residuais.

4.1.4 Sexo

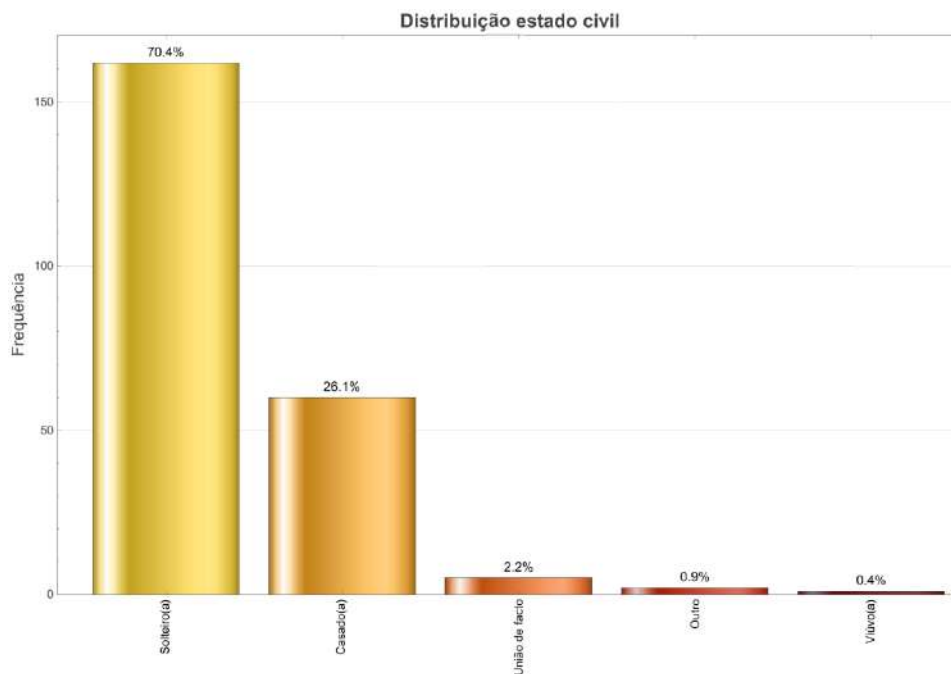


O gráfico evidencia uma **distribuição fortemente assimétrica por sexo**, com clara predominância do **sexo masculino**, que representa **82,2 %** dos respondentes, face a **17,8 %** do **sexo feminino**, correspondendo a uma razão aproximada de **4,6 homens por cada mulher**. Este desequilíbrio é expressivo e aponta para uma assimetria estrutural na composição da amostra.

Uma parte desta assimetria poderá reflectir **factores de natureza cultural e social**, nomeadamente desigualdades persistentes no acesso às oportunidades de formação avançada e de mobilidade académica e profissional, que historicamente tendem a favorecer os homens. Em paralelo, não pode ser excluída a hipótese de uma **taxa de adesão ao inquérito inferior entre as mulheres**, seja por menor disponibilidade, menor propensão para participação em inquéritos online, ou diferentes percepções de relevância do estudo, o que poderá amplificar o desequilíbrio observado face à estrutura real do universo.

Do ponto de vista analítico, esta distribuição implica que as análises desagregadas por sexo — em particular no caso do grupo feminino — estejam associadas a maior incerteza estatística, recomendando prudência na interpretação de diferenças de género. Em termos substantivos, os resultados sublinham a importância de aprofundar a reflexão sobre barreiras culturais, institucionais e comportamentais, bem como sobre estratégias de envolvimento diferenciadas, de modo a promover maior equilíbrio de género tanto nos programas de formação como nos exercícios futuros de recolha de informação. Devem ser ainda utilizados instrumentos de estatísticas oficiais, que nesta questão são inequívocas, para verificar se esta discrepância é estrutural ou amostra.

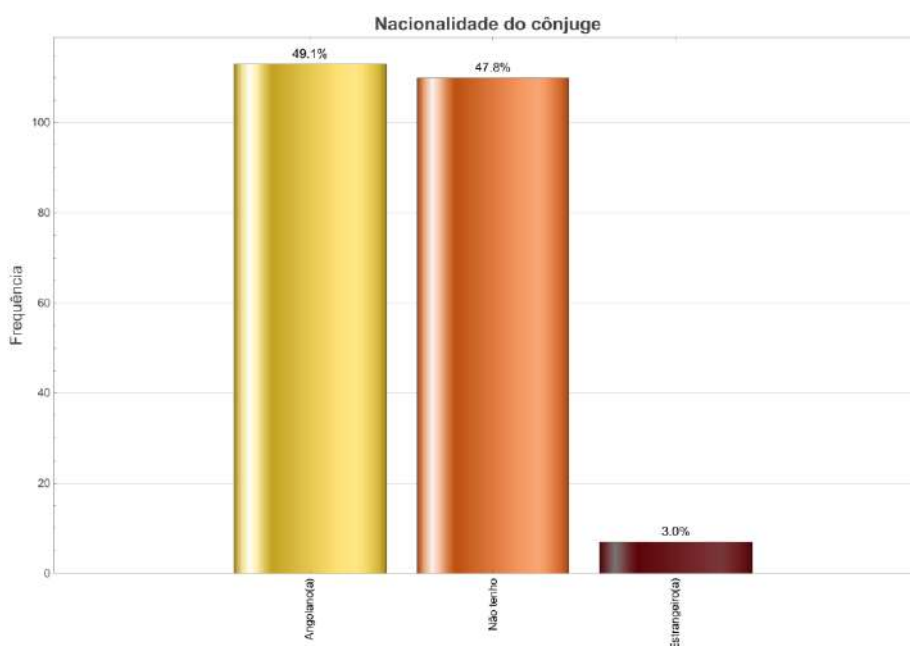
4.1.5 Estado civil



As respostas ao **estado civil** revelam uma composição claramente dominada por indivíduos **solteiros**, que representam **70,4 %** dos respondentes. Este valor indica que a maioria dos inquiridos se encontra numa fase do ciclo de vida compatível com percursos de formação e mobilidade académica e profissional, geralmente associados a maior flexibilidade pessoal e geográfica.

Em segundo lugar surgem os **casados**, que correspondem a **26,1 %** da amostra, constituindo um grupo ainda expressivo, mas substancialmente inferior ao dos solteiros. As restantes categorias apresentam valores residuais: **união de facto (2,2 %)**, **outro (0,9 %)** e **viúvo(a) (0,4 %)**, não tendo peso estatístico relevante para análises autónomas.

No seu conjunto, a distribuição do estado civil é **assimétrica**, com forte concentração em duas categorias principais, sobretudo na de solteiros. Este padrão é coerente com a estrutura etária da amostra e com a natureza dos percursos analisados.

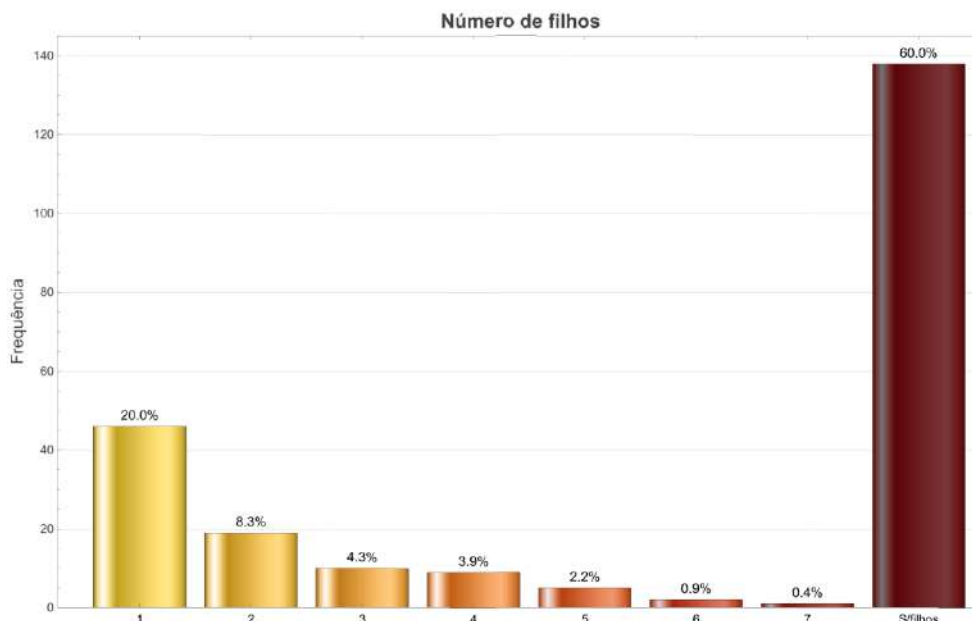


A nacionalidade do cônjuge deve ser interpretada à luz da reduzida proporção de inquiridos casados na amostra. Entre os respondentes, **49,1 % indicam ter cônjuge angolano(a)**, enquanto **47,8 % declaram não ter cônjuge**, valor coerente com a predominância de indivíduos solteiros identificada anteriormente e com os não respondentes. Apenas **3,0 %** referem ter **cônjuge estrangeiro(a)**, o que corresponde a um número muito reduzido de casos.

Este resultado sugere que, mesmo entre aqueles que contraem casamento, **a grande maioria o faz com parceiros de nacionalidade angolana**, indicando que os percursos de formação — incluindo a formação realizada no estrangeiro — **raramente se traduzem na constituição de uniões conjugais com estrangeiros**. Tal padrão é compatível com factores culturais, sociais e familiares que favorecem a endogamia nacional, bem como com a própria estrutura etária e temporal dos percursos de formação, frequentemente concentrados em fases da vida anteriores à constituição de família.

Do ponto de vista analítico, o número residual de cônjuges estrangeiros não permite inferências estatísticas robustas sobre este subgrupo, mas constitui um indicador relevante de que a mobilidade académica internacional, por si só, **não implica uma integração conjugal significativa fora do contexto nacional**. Este aspecto poderá ter implicações na análise de intenções de regresso, fixação no estrangeiro e reintegração social após a conclusão dos estudos, objecto de perguntas mais à frente neste estudo e que revelam que os factores familiares pesam pouco no retorno a Angola ou fixação na diáspora.

4.1.6 Número de filhos



A distribuição do **número de filhos** é muito concentrada em valores baixos. A maioria dos respondentes **não tem filhos (60,0%)**; entre os que têm, predomina **1 filho (20,0%)** e, em seguida, **2 filhos (8,3%)**. A partir de 3 filhos as percentagens são residuais (**3: 4,3%, 4: 3,9%, 5: 2,2%, 6: 0,9%, 7: 0,4%**), evidenciando que famílias mais numerosas são raras na amostra.

Os indicadores estatísticos confirmam este padrão: com **N=230** (sem missings), o **mínimo é 0**, a **mediana é 0** e o **3.º quartil é 1**. A **média é 0,84** filhos (IC 95%: **0,66–1,02**), mas a distribuição é **assimétrica à direita** (skewness **1,98**), porque existe uma minoria com 3 ou mais filhos que alonga a cauda. Os **27 outliers (critério IQR)** correspondem precisamente a estes casos de maior número de filhos, pouco frequentes mas estatisticamente destacados.

4.2 Dados sobre a formação

4.2.1 Cursos frequentados

Estudantes que já concluíram

Segue uma **análise quantitativa**, com **agrupamento por grandes áreas de formação**, a partir das 96 respostas válidas.

A lista original apresenta **forte dispersão nominal**, com variações de grafia, idioma e nível (licenciatura, mestrado, doutoramento, em curso). Para efeitos analíticos, os cursos foram **reclassificados por grandes áreas científicas**, ignorando diferenças formais de designação e focando o **domínio disciplinar principal**.

Agrupamento por grandes áreas (N = 96) que já concluíram estudos.

Engenharia e Tecnologias

Inclui: Engenharias (Civil, Mecânica, Eléctrica, Informática, Química, Geológica, Ambiental, Telecomunicações), Tecnologias de Informação, Redes, Software, Energias Renováveis, SIG, Aeronáutica, Agricultura de Precisão.

Percentagem: ≈ 33%

Área claramente dominante, reflectindo uma forte aposta em perfis técnicos e tecnológicos.

Ciências Exactas e Naturais

Inclui: Matemática, Matemática Aplicada, Matemática e Computação, Química, Geologia, Geofísica, Biofísica, Biologia, Biodiversidade, Geomateriais.

Percentagem: ≈ 15%

Peso relevante, sobretudo em áreas de base científica que frequentemente alimentam a engenharia e a investigação.

Ciências da Educação e Formação

Inclui: Ciências da Educação, Educação, Didáctica, Educação de Adultos, Ensino de Química, Ensino da Educação Física, Pedagogia, Tecnologia Educativa.

Percentagem: ≈ 17%

Área muito expressiva, evidenciando uma **forte presença de perfis ligados ao ensino e formação**, compatível com trajectórias académicas e institucionais.

Ciências da Saúde

Inclui: Medicina, Enfermagem (geral), Psicologia Clínica, Psicologia da Educação, Análises Clínicas e Saúde Pública.

Percentagem: ≈ 9%

Representação moderada, mas consistente, sobretudo em áreas críticas para políticas públicas.

Ciências Económicas, Gestão e Administração

Inclui: Economia, Economia Internacional, Contabilidade, Finanças, Fiscalidade, Gestão, Gestão de RH, Gestão Portuária, Turismo, Secretariado.

Percentagem: ≈ 16%

Peso significativo, alinhado com necessidades de quadros para administração pública, empresas e planeamento económico.

Ciências Sociais e Humanas (não educação)

Inclui: Direito, Serviço Social, Ciência Política, Estudos Sociais.

Percentagem menor, cc. 5%

Área minoritária, mas estratégica para governação, justiça e políticas públicas.

Outros / Não classificáveis / Situação académica

Percentagem: ≈ 4%

➡ Residual; reflecte ambiguidades de resposta ou situações transitórias.

Leitura global

Engenharia + Ciências Exactas representam **quase metade da amostra (≈ 48%)**, confirmando uma **forte orientação técnico-científica**.

Educação surge como **segunda grande âncora estrutural**, o que é coerente com estratégias de reforço do capital humano docente.

Economia, gestão e saúde, em conjunto, somam cerca de **34%**, indicando um perfil equilibrado entre áreas técnicas e sociais aplicadas.

Ciências sociais puras têm expressão reduzida, sugerindo menor prioridade relativa na formação avançada.

Conclusão

A amostra caracteriza-se por uma **clara concentração em áreas técnicas, científicas e educativas**, com menor diversificação nas humanidades e ciências sociais puras. Do ponto de vista quantitativo, o perfil formativo é **altamente funcional**, orientado para **engenharia, ciência, ensino e gestão**, áreas tipicamente associadas a estratégias de desenvolvimento, modernização institucional e reforço do sector público e produtivo.

Todos os bolseiros

Distribuição por grandes áreas (N = 230)

Engenharia e Tecnologias

Inclui: todas as Engenharias (Civil, Mecânica, Eléctrica, Electrónica, Informática, Química, Telecomunicações, Nuclear, Geológica, Ambiental), Tecnologias de Informação, Sistemas Energéticos, SIG, Topografia, Arquitectura, Mecatrónica, Processamento de Petróleo e Gás.

Percentagem: ≈ 37%

Área claramente dominante, confirmando uma forte concentração de perfis técnicos e tecnológicos.

Ciências da Educação, Ensino e Formação

Inclui: Ciências da Educação, Educação, Didáctica, Ensino (Biologia, Matemática, Química, Línguas, Educação Física), Pedagogia, Desenvolvimento Curricular, Tecnologia Educativa,

Percentagem: ≈ 21%

Segunda maior área da amostra, evidenciando um **investimento muito significativo em capital humano docente e formativo**.

Ciências da Saúde

Inclui: Medicina (geral e especialidades), Enfermagem, Análises Clínicas, Farmácia, Fisioterapia, Psicologia Clínica, Saúde Pública.

Percentagem: ≈ 16%

Área com peso expressivo e diversificada, cobrindo tanto cuidados clínicos como especializações médicas.

Ciências Económicas, Gestão e Administração

Inclui: Economia, Contabilidade, Finanças, Auditoria, Gestão (empresas, RH, bancária, portuária, turismo), Marketing, Secretariado.

Percentagem: ≈ 15%

➡ Representação sólida, alinhada com necessidades de gestão pública e privada.

Ciências Exactas e Naturais

Inclui: Matemática, Matemática Aplicada, Química, Biologia, Biofísica, Geologia, Geofísica, Ciências Físicas e Biológicas, Biodiversidade.

Percentagem: ≈ 7%

Peso mais reduzido, mas relevante enquanto áreas de base científica e investigação.

Ciências Sociais e Humanas (não educação)

Inclui: Direito, Ciência Política, Relações Internacionais, Comunicação, Serviço Social, Psicologia Social.

Percentagem: ≈ 3%

Área claramente minoritária na amostra.

Outros / Indefinidos / Situação académica

Percentagem: ≈ 1%

Residual; sem impacto analítico relevante.

Leitura global integrada

Engenharia + Tecnologias concentram **mais de um terço da amostra**, sendo o eixo estrutural dominante.

Educação e Ensino, em conjunto, representam **cerca de um quinto**, confirmando uma aposta estratégica na formação de quadros docentes.

Saúde, Economia e Gestão, somadas, correspondem a **cerca de 31%**, indicando um perfil fortemente orientado para sectores funcionais do Estado e da economia.

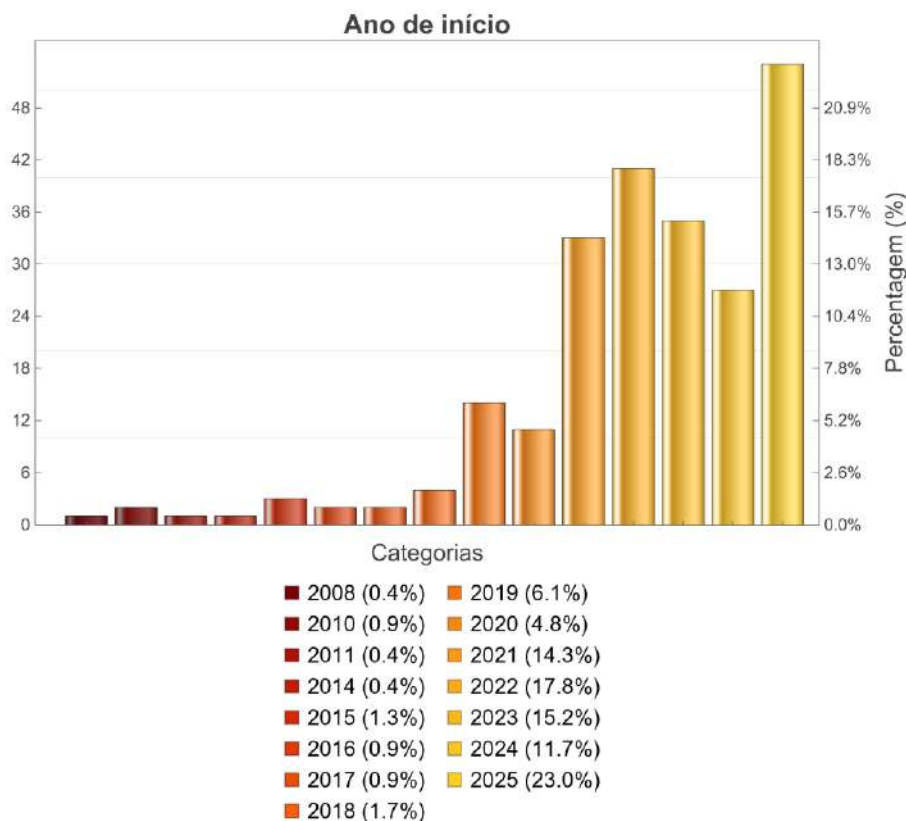
Ciências sociais puras e humanidades têm expressão muito reduzida.

A diversidade nominal dos cursos **não se traduz em diversidade estrutural**, pois a maioria converge para poucos grandes domínios.

Conclusão

A amostra de 230 respostas revela um **perfil formativo fortemente técnico, científico e profissionalizante**, com clara predominância da **engenharia**, seguida da **educação** e da **saúde**. Do ponto de vista quantitativo, trata-se de uma distribuição **funcional e instrumental**, alinhada com objectivos de desenvolvimento, modernização institucional e reforço de sectores estratégicos, em detrimento de áreas mais teóricas ou humanísticas.

4.2.2 Ano de início dos estudos



O gráfico do **ano de início dos estudos** de todos os 230 estudantes, incluindo os que ainda não terminaram, apresenta uma distribuição fortemente concentrada nos anos mais recentes, revelando um perfil de estudantes que iniciou a formação sobretudo na última década.

Os anos mais antigos têm uma expressão residual, com contagens muito baixas e percentagens inferiores a 1–2%, o que indica que são poucos os inquiridos que começaram os seus estudos há mais de uma década. Este padrão sugere quer uma menor presença desses percursos mais longos na amostra, quer uma maior probabilidade de resposta por parte de estudantes com trajetórias académicas mais recentes.

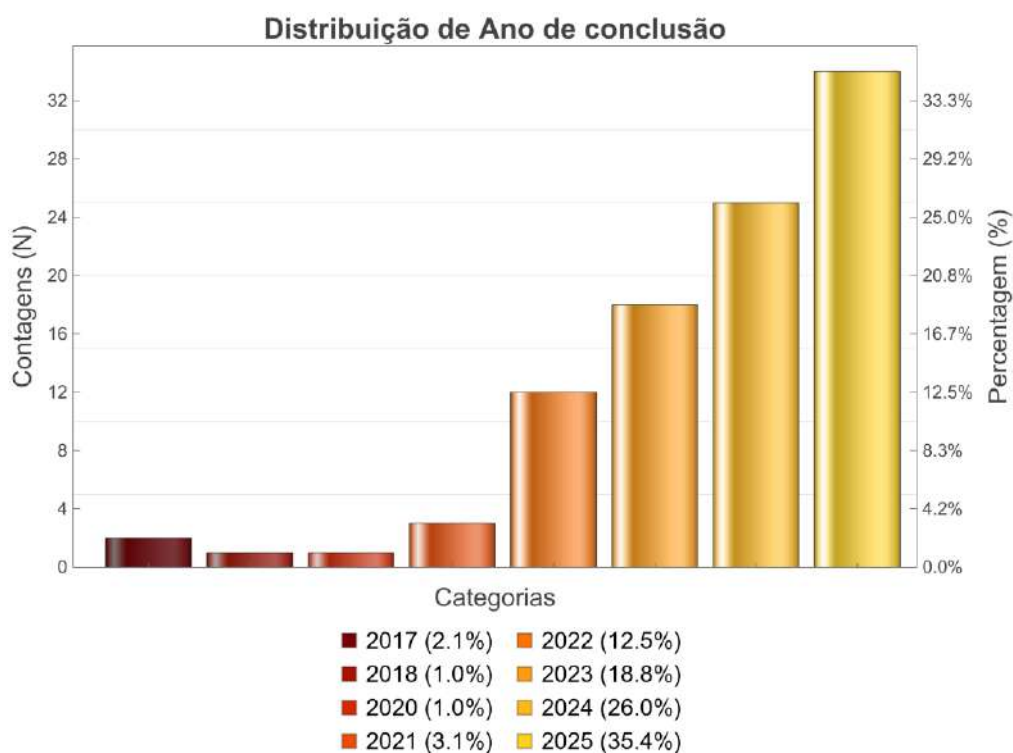
A partir de cerca de **2019/2020** observa-se uma inflexão clara, com um aumento significativo do número de inícios. Os anos imediatamente seguintes concentram a maior parte dos casos, representado no gráfico. Este crescimento indica uma forte concentração de respondentes com entradas recentes no programa.

Do ponto de vista analítico, a distribuição é **assimétrica**, com uma cauda longa correspondente aos anos mais antigos e a massa principal concentrada nos anos recentes. Em conjugação com o gráfico do ano de conclusão, este padrão é coerente com **percursos académicos relativamente curtos ou ainda**

em curso, bem como com atrasos ou prolongamentos associados a ciclos longos (mestrado, doutoramento) ou interrupções.

Em termos interpretativos, o gráfico confirma que o inquérito capta sobretudo **estudantes não diplomados e diplomados recentes**, sendo particularmente adequado para analisar dinâmicas de acesso recente à formação, trajetórias académicas actuais e transições imediatas para o mercado de trabalho. A extrapolação para percursos académicos iniciados há muitos anos deve, por isso, ser feita com prudência. Esta proximidade no tempo dá-nos uma noção correcta do que está a acontecer hoje e no passado recente, podendo apontar caminhos de consolidação e melhoria do programa de acordo com os dados mais actuais.

4.2.3 Ano de conclusão



O gráfico da **distribuição do ano de conclusão dos estudos, para aqueles que já concluíram, N=96**, revela uma **concentração extremamente marcada nos anos mais recentes**, confirmando que a amostra analisada é maioritariamente composta por **recém-graduados**.

Entre **2017 e 2021**, as conclusões são residuais, totalizando apenas **7,2%** dos casos. Cada um destes anos apresenta valores muito baixos, nunca ultrapassando individualmente os 3,1%, o que indica que os diplomados com maior distância temporal face à conclusão dos estudos têm uma presença marginal na amostra.

Em contraste, o período **2022–2025** concentra **92,7%** das conclusões, com um crescimento praticamente contínuo ao longo do tempo. O ano de **2022** marca o início dessa inflexão, com **12,5%**, seguido de **2023 (18,8%)**, **2024 (26,0%)** e um pico muito expressivo em **2025**, que sozinho representa **35,4%** do total. Este padrão sugere um forte efeito de acumulação recente, possivelmente associado à normalização dos percursos académicos após períodos de atraso e à conclusão faseada de formações prolongadas ao facto de terem sido contactados os diplomados mais recentes para a amostragem.

Do ponto de vista estatístico e interpretativo, a distribuição é **fortemente assimétrica**, com a massa da distribuição concentrada nos anos mais recentes e uma cauda longa para os anos mais antigos. Isto significa que os resultados do inquérito reflectem sobretudo **situações muito próximas da conclusão da formação**, com trajectórias profissionais ainda curtas ou mesmo em fase de transição, o que é importante, pois reflectem experiências recentes.

Em termos analíticos, este perfil temporal tem implicações claras: indicadores como empregabilidade, rendimentos, estabilidade profissional ou progressão na carreira devem ser lidos como **fotografias iniciais do pós-formação**, e não como resultados consolidados de médio ou longo prazo. O gráfico confirma, assim, que o estudo é particularmente adequado para analisar **processos de inserção profissional recente**, expectativas e primeiros impactos da formação académica no mercado de trabalho.

4.2.4 Instituições estrangeiras frequentadas – resposta aberta

A lista de instituições de ensino superior mencionadas pelos estudantes que realizaram estudos no estrangeiro revela um **padrão simultaneamente diversificado e estruturalmente coerente**, reflectindo escolhas académicas fortemente ancoradas no espaço lusófono e europeu, mas com extensões relevantes a outros sistemas científicos e universitários de referência.

Em primeiro lugar, destaca-se de forma inequívoca a **centralidade de Portugal** como principal destino académico. As universidades portuguesas concentram a maior fatia das menções, com particular relevo para a **Universidade de Coimbra (10,8%)**, a **Universidade do Minho (9,0%)**, a **Universidade de Aveiro (7,2%)**, a **Universidade de Lisboa (4,5%)** e a **Universidade Nova de Lisboa (no conjunto, cerca de 6–7%)**. Este padrão é consistente com a proximidade linguística, histórica e institucional, bem como com a forte integração de estudantes angolanos nos sistemas universitários portugueses, especialmente ao nível da pós-graduação e da formação científica avançada. A presença reiterada de faculdades específicas — como engenharia, ciências, educação, medicina ou psicologia — sugere escolhas orientadas por **áreas disciplinares consolidadas e com tradição científica reconhecida**.

Em segundo lugar, observa-se uma **presença significativa do Brasil**, embora mais fragmentada institucionalmente. Universidades como a **Universidade de São Paulo (USP)**, incluindo as suas unidades hospitalares (HCFMUSP), a **UNESP**, a **UNICAMP**, a **Universidade Federal de Santa Catarina** e a **Universidade Federal do Paraná** surgem como destinos relevantes, sobretudo nas áreas da saúde, engenharia e ciências exactas. Este padrão confirma o papel do Brasil como espaço académico de referência no Sul Global, combinando massa crítica científica, afinidade linguística e capacidade de

acolhimento em áreas altamente especializadas, nomeadamente na medicina e nas ciências biomédicas.

Em terceiro lugar, a lista evidencia uma **dispersão internacional ampla**, ainda que com baixa frequência individual, por instituições de elevado prestígio científico fora do eixo lusófono. A presença de universidades como a **Escola Politécnica de Paris**, a **Eötvös Loránd University**, a **Universidade Autónoma de Barcelona**, a **Universitat de Barcelona**, a **Universidade de Navarra**, a **Université Laval**, a **Universidade de Aberdeen** ou a **Universidade Politécnica de Madrid** aponta para trajectórias académicas mais selectivas e competitivas, frequentemente associadas a áreas de engenharia, ciências fundamentais, economia ou políticas públicas. Embora cada uma destas instituições represente apenas 0,9% das respostas, o seu significado qualitativo é elevado, sinalizando **capacidade de inserção em redes científicas internacionais exigentes**.

Um quarto elemento relevante é a **presença, ainda que residual, de instituições da Europa de Leste, Rússia e Ásia**, como universidades da Polónia, Hungria, Rússia, China ou Cuba. Estas escolhas podem estar associadas a programas específicos de cooperação internacional, bolsas dirigidas ou áreas técnicas muito especializadas (engenharias, energia, aeroespacial), revelando uma diversificação estratégica dos percursos formativos para além dos destinos tradicionais.

Trata-se aqui menos de medir rankings institucionais e mais de compreender **padrões de mobilidade académica efectiva**. No seu conjunto, a lista revela um corpo de estudantes com trajectórias internacionalizadas, maioritariamente concentradas em universidades públicas de referência, com forte peso da engenharia, das ciências, da saúde e da educação, e com uma inserção clara nos espaços académico português, brasileiro e europeu.

Entre as instituições mencionadas pelos estudantes, é possível identificar **universidades de elevado impacto científico e académico internacional**, reconhecidas por rankings, produção científica, selectividade e influência nas suas áreas de especialidade. Destacam-se, em particular, as seguintes:

Escola Politécnica de Paris – Uma das mais prestigiadas *grandes écoles* europeias, com impacto global nas áreas da engenharia, matemática aplicada, física e economia quantitativa, frequentemente associada à elite científica e tecnológica internacional.

Universidade de São Paulo (USP) – A principal universidade da América Latina em termos de produção científica, liderança em investigação biomédica, engenharia e ciências exactas, com forte presença em rankings internacionais e redes globais de investigação.

Universidade de Coimbra – Universidade histórica, particularmente nas áreas das ciências da saúde, direito, educação e ciências fundamentais, e forte capacidade de atracção de estudantes internacionais.

Universidade de Lisboa (incluindo o **Instituto Superior Técnico**) – Instituição de referência no espaço ibérico e europeu, com elevado impacto em engenharia, tecnologia, ciências exactas e investigação aplicada.

Universidade Nova de Lisboa – Reconhecida nas áreas da economia, gestão, ciências sociais, direito e engenharia, com forte orientação para investigação e internacionalização.

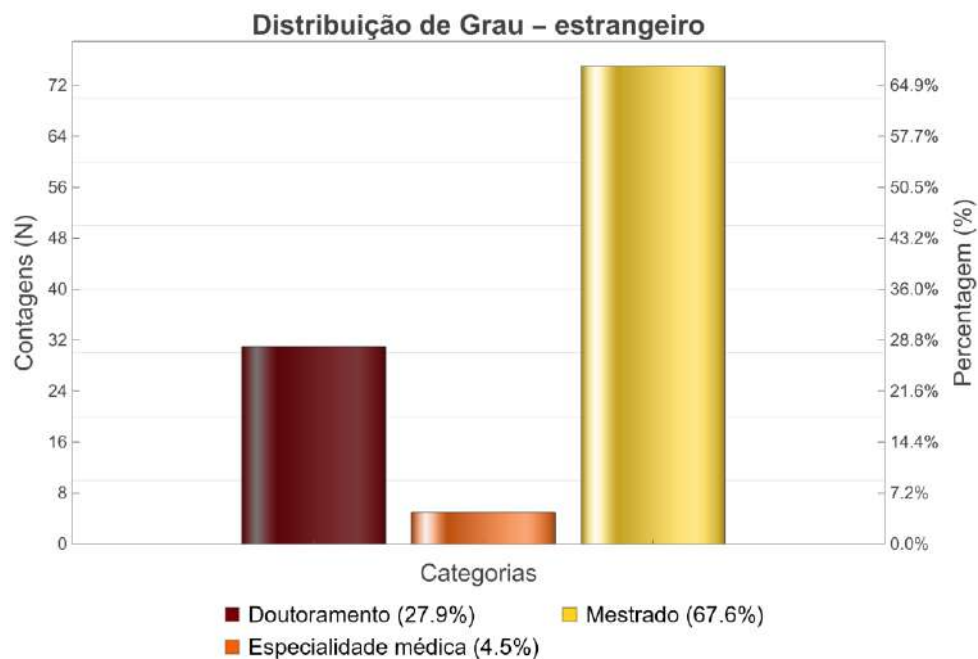
Universidade Autónoma de Barcelona e Universitat de Barcelona – Ambas com elevado impacto científico no contexto europeu, particularmente nas ciências naturais, medicina, humanidades e ciências sociais.

Université Laval – Universidade canadiana de forte prestígio internacional, especialmente nas áreas da saúde, engenharia, ambiente e políticas públicas.

Universidade de Aberdeen – Instituição histórica do Reino Unido, com impacto relevante nas áreas da energia, ciências da terra, medicina e investigação interdisciplinar.

A presença destas universidades na amostra, ainda que em alguns casos com baixa frequência relativa, é **qualitativamente muito significativa**, pois evidencia a capacidade de inserção de estudantes em **instituições altamente competitivas**, integradas em redes científicas internacionais de topo.

4.2.5 Grau obtido



Nos 111 estudantes que responderam à pergunta sobre a **distribuição do grau obtido no estrangeiro** evidencia-se um perfil académico claramente orientado para a **formação avançada**, com forte predominância do **mestrado**, que representa cerca de **dois terços dos casos (67,6%)**. Este resultado sugere que a mobilidade internacional é, maioritariamente, utilizada como instrumento de **qualificação especializada pós-licenciatura**, permitindo aos estudantes adquirir competências técnicas e científicas adicionais num horizonte temporal relativamente curto e com maior flexibilidade institucional.

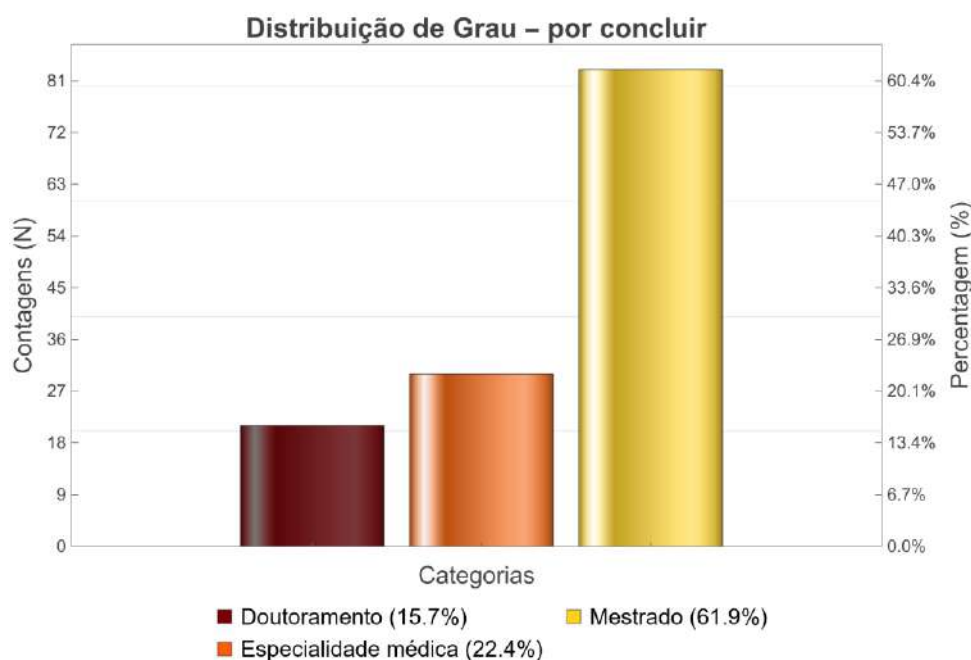
O **doutoramento**, embora minoritário face ao mestrado, apresenta ainda assim um peso **muito relevante (27,9%)**, indicando a existência de um núcleo significativo de estudantes inseridos em trajectórias de **formação científica de alto nível**, orientadas para investigação, docência universitária ou especialização avançada. Este valor é expressivo quando comparado com padrões gerais de mobilidade académica internacional, nos quais o doutoramento tende a representar uma fracção bastante menor.

Por sua vez, a **especialidade médica** surge com uma expressão reduzida (**4,5%**), o que é coerente com o carácter altamente regulado, longo e selectivo deste tipo de formação, bem como com a dependência de acordos institucionais específicos e reconhecimento profissional. Apesar do peso quantitativo limitado, a sua presença é qualitativamente relevante, reflectindo percursos de elevada exigência técnica e impacto potencial no sistema de saúde.

Revela-se, assim, uma estratégia de internacionalização centrada no **reforço de qualificações intermédias e avançadas**, com forte aposta no mestrado, mas com uma componente doutoral robusta,

compatível com objectivos de desenvolvimento científico, académico e institucional de médio e longo prazo.

No caso dos estudantes que ainda não concluíram os seus estudos, temos a distribuição evidenciada no gráfico seguinte.



Nota-se que nos estudantes beneficiários de bolsas de mérito, encontramos uma maior taxa da especialidade médica. O gráfico da **distribuição do grau por concluir** revela um perfil académico ainda fortemente concentrado na **formação pós-graduada**, mas com nuances relevantes face à distribuição dos graus já concluídos.

O **mestrado** assume uma posição claramente dominante, representando **61,9%** dos percursos ainda em curso. Este dado confirma que a maior parte dos estudantes se encontra numa fase intermédia da sua trajectória académica, orientada para a aquisição de competências especializadas num horizonte temporal relativamente curto. A forte presença do mestrado entre os graus por concluir sugere, igualmente, uma elevada **rotatividade e renovação anual** deste nível de formação, compatível com políticas de mobilidade académica mais flexíveis e com maior capacidade de absorção por parte das instituições de acolhimento.

A **especialidade médica**, com **22,4%**, surge aqui com um peso substancialmente superior ao observado entre os graus já concluídos e aos graus obtidos com formação no estrangeiro. Esta diferença é particularmente significativa e pode ser interpretada à luz da **duração prolongada** e da **estrutura sequencial** da formação médica especializada, que implica vários anos de frequência antes da conclusão formal. Assim, a sua maior representação entre os percursos em curso não traduz

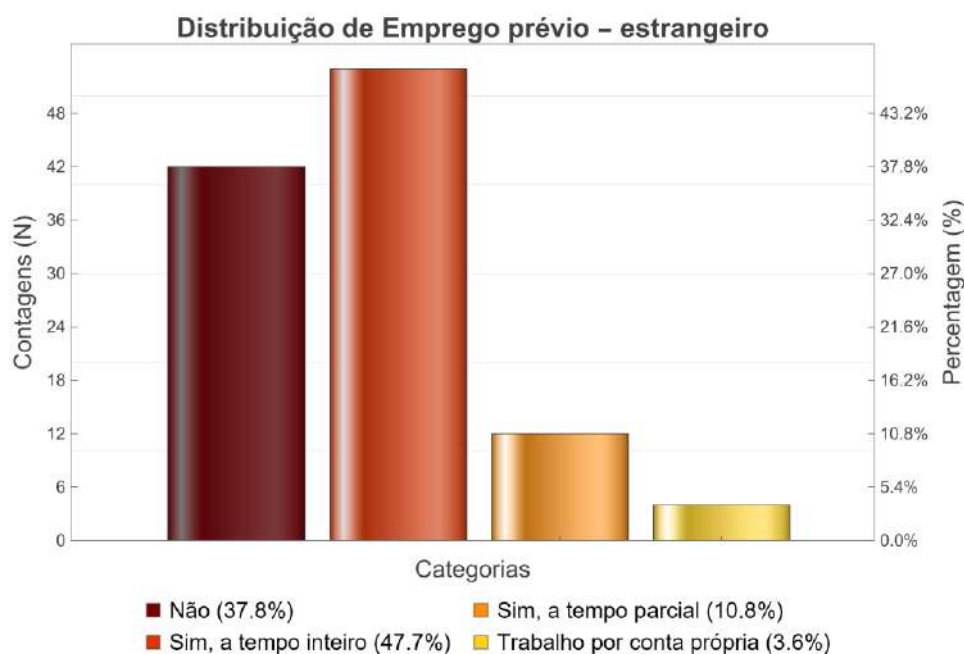
necessariamente uma menor taxa de conclusão, mas antes a permanência prolongada dos estudantes neste ciclo formativo.

O **doutoramento**, por sua vez, representa **15,7%** dos graus por concluir, um valor inferior ao peso relativo do doutoramento entre os graus já concluídos e aos graus obtidos no estrangeiro. Tal assimetria é coerente com a natureza altamente selectiva do terceiro ciclo e com a existência de mecanismos de filtragem académica mais exigentes ao longo do percurso. Ainda assim, a presença de um contingente significativo de doutorandos indica a continuidade de uma aposta estratégica na **formação científica avançada** e na produção de conhecimento.

Em síntese, a distribuição dos graus por concluir evidencia um sistema em plena actividade formativa, com clara predominância do mestrado, uma componente médica especializada estruturalmente relevante e um núcleo consistente de doutoramentos em curso. Esta configuração aponta para um **pipeline académico equilibrado**, capaz de sustentar, a médio prazo, tanto a qualificação técnica especializada como a renovação do capital científico e profissional altamente qualificado.

4.3 Dados sobre emprego

4.3.1 Emprego prévio à saída para o estrangeiro



A distribuição relativa ao **emprego prévio à saída para o estrangeiro**, **N=96**, evidencia um perfil maioritariamente **já inserido no mercado de trabalho** no momento da mobilidade internacional, contrariando a ideia de que esta decorre sobretudo de trajectórias exclusivamente académicas.

Com **47,7%** dos inquiridos a declarar que trabalhava **a tempo inteiro** antes da saída, observa-se que quase metade dos estudantes já dispunha de uma ligação laboral estável. Este dado sugere que a decisão de prosseguir estudos no estrangeiro foi, em muitos casos, uma **opção estratégica de progressão profissional**, implicando interrupção ou suspensão de carreiras em curso, e não apenas uma continuação linear do percurso educativo.

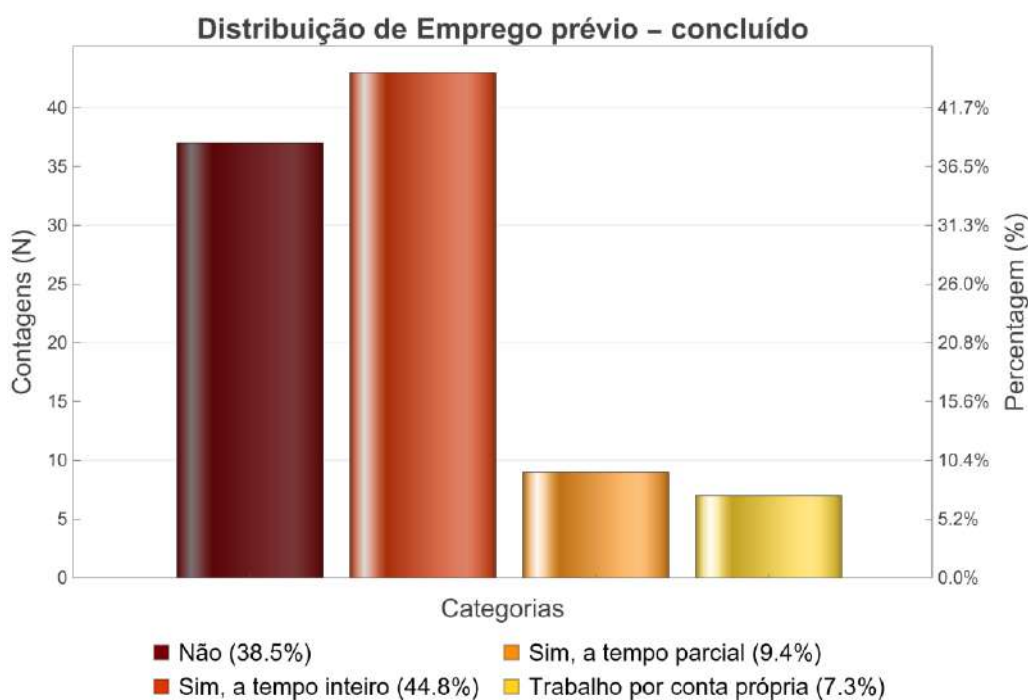
Por outro lado, **37,8%** afirmam **não ter qualquer vínculo laboral** antes da mobilidade, configurando um grupo relevante de estudantes que transitou directamente do sistema de ensino para a formação internacional. Este segmento é consistente com percursos académicos mais contínuos, em particular ao nível do mestrado e do doutoramento, onde a mobilidade surge como extensão natural da formação inicial.

A presença de **10,8%** de estudantes com **trabalho a tempo parcial** revela situações híbridas, frequentemente associadas a estágios, bolsas, docência parcial ou actividades compatíveis com estudo. Este grupo reflecte uma transição gradual entre estudo e trabalho, frequentemente observada em fases intermédias da formação superior.

Finalmente, a categoria de **trabalho por conta própria (3,6%)**, embora residual, é particularmente relevante do ponto de vista qualitativo. Indica a existência de perfis com maior autonomia profissional e capacidade empreendedora, para os quais a formação no estrangeiro poderá ter sido encarada como investimento directo em qualificação avançada, inovação ou internacionalização da actividade.

Em conjunto, os dados mostram que a mobilidade académica internacional não é um fenómeno exclusivamente estudantil, mas sim um processo que envolve, em larga medida, **indivíduos já profissionalmente activos**, reforçando a leitura da formação no estrangeiro como instrumento de **requalificação, especialização e reposicionamento profissional**.

4.3.2 Emprego prévio dos diplomados que concluíram a formação avançada



O gráfico relativo ao **emprego prévio entre os estudantes que já concluíram os estudos, N=111**, confirma, de forma consistente, o padrão anteriormente observado, mas com alguns ajustamentos relevantes.

A categoria dominante continua a ser a de **emprego a tempo inteiro**, que representa **44,8%** dos casos. Este valor reforça a ideia de que uma parte muito significativa dos estudantes já se encontrava **plenamente integrada no mercado de trabalho** antes da mobilidade, encarando a formação como um instrumento de **progressão, reconversão ou valorização profissional**, e não apenas como uma extensão natural do percurso académico.

A proporção de estudantes **sem emprego prévio** é igualmente elevada (**38,5%**), mantendo-se próxima do valor observado no conjunto total da amostra. Este grupo corresponde, em larga medida, a trajetórias académicas mais lineares, sobretudo associadas a estudantes que transitam directamente do ensino superior nacional para ciclos avançados de formação.

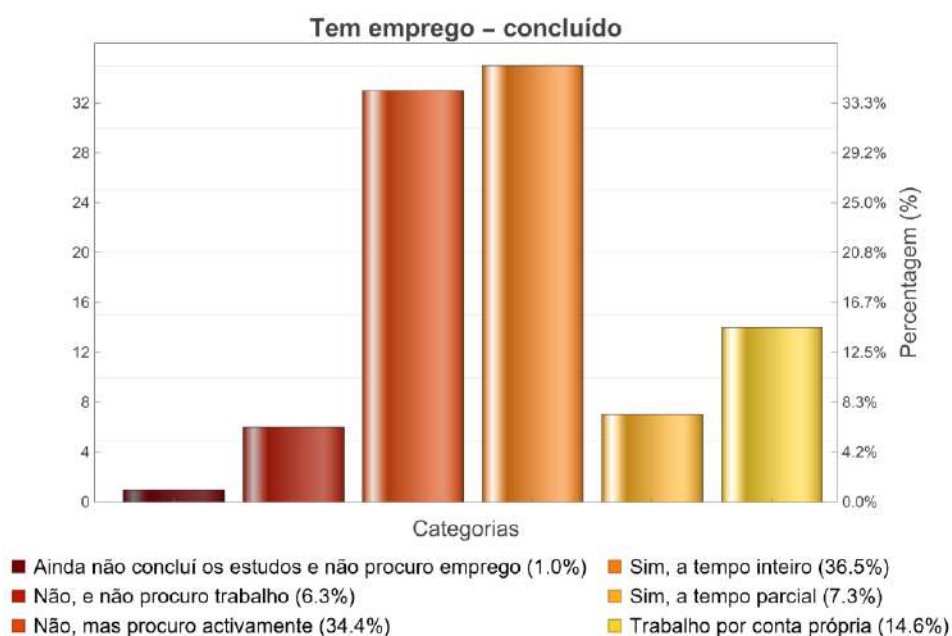
O **trabalho a tempo parcial** surge com um peso de **9,4%**, ligeiramente inferior ao observado no conjunto global. Tal redução é coerente com o facto de, após a conclusão dos estudos, estarem sobre-representados perfis que optaram por interromper carreiras estáveis ou, em alternativa, por investir exclusivamente na formação, em detrimento de soluções laborais intermédias.

Por fim, o **trabalho por conta própria**, com **7,3%**, assume aqui uma expressão mais elevada do que na amostra acima. Este dado é particularmente relevante, pois sugere que os percursos que culminaram

em conclusão efectiva dos estudos incluem uma maior proporção de indivíduos com **autonomia profissional**, espírito empreendedor ou actividades independentes, para os quais a formação internacional poderá ter funcionado como investimento estratégico directamente articulado com a sua actividade económica.

Em síntese, o perfil dos estudantes que concluíram os estudos caracteriza-se por uma **forte ligação prévia ao mundo do trabalho**, com destaque para o emprego a tempo inteiro e para o trabalho autónomo, reforçando a leitura da mobilidade académica como um mecanismo de **qualificação avançada ao serviço de trajectórias profissionais já em consolidação**.

4.3.3 Tem emprego – diplomados que concluíram



Aqui encontramos um ou outlier des respostas contraditórias, há respondentes que indicam não ter emprego por não terem concluído os estudos mas que indicam ter concluído os estudos na questão exacta sobre esse ponto. Estas respostas, felizmente, em baixo número, mostram que houve alguns erros de preenchimento por parte de alguns respondentes.

A situação laboral dos inquiridos caracteriza-se por uma **estrutura fragmentada**, marcada por uma combinação de emprego efectivo, desemprego activo e situações intermédias, o que exige uma leitura cuidada.

Em primeiro lugar, **36,5%** dos respondentes encontram-se **empregados a tempo inteiro**, constituindo o maior grupo individual. Este valor indica que existe uma parcela relevante de integração profissional estável, mas **não maioritária**, sendo insuficiente para caracterizar o conjunto como plenamente inserido no mercado de trabalho. A este grupo somam-se **7,3%** em **emprego a tempo parcial** e **14,6%**

em **trabalho por conta própria**, perfazendo **58,4%** de indivíduos com algum tipo de actividade profissional. No entanto, estas modalidades — sobretudo o tempo parcial e o trabalho independente — podem reflectir **formas de emprego mais precárias, flexíveis ou ainda em consolidação**, não equivalendo necessariamente a inserção laboral estável.

Por outro lado, a componente de **não emprego** é significativa. Destaca-se, em particular, o grupo dos que **não têm emprego, mas procuram activamente trabalho**, que representa **34,4%** da amostra. Este valor é elevado e revela uma **pressão efectiva sobre o mercado de trabalho**, traduzindo dificuldades de absorção profissional, possíveis desajustes entre qualificações e oportunidades disponíveis, ou constrangimentos institucionais e económicos mais amplos. Acresce ainda um conjunto mais reduzido — **6,3%** — que **não trabalha nem procura emprego**, bem como os citados outliers de **1,0%**.

Globalmente, os dados apontam para uma **situação laboral mista**, em que pouco mais de metade dos inquiridos exerce alguma actividade profissional, mas com uma **percentagem elevada de desemprego activo** e uma presença não negligenciável de formas de emprego potencialmente instáveis. Esta configuração sugere que, para uma parte substancial dos respondentes, a transição entre a formação e o emprego **ainda não está concluída**, devendo ser interpretada como um processo em curso, condicionado por factores estruturais do mercado de trabalho, pelo timing da conclusão dos estudos e pela natureza das trajectórias profissionais individuais.

Importa acrescentar um comentário de natureza **estrutural e estratégica**, que é central para a correcta interpretação destes resultados.

A elevada proporção de desemprego activo entre profissionais altamente qualificados, muitos dos quais com formação avançada obtida no estrangeiro, não deve ser lida como um problema individual de empregabilidade ou de falta de competências. Pelo contrário, trata-se de um desajuste sistémico entre a oferta de capital humano altamente especializado e a capacidade efectiva de absorção do mercado de trabalho nacional, tanto no sector público como no sector privado.

Estamos perante profissionais com elevado investimento formativo, frequentemente em áreas críticas — ciência, engenharia, saúde, educação, tecnologias e gestão — que são estratégicas para o desenvolvimento do país, mas que não encontram ainda enquadramento laboral compatível com o seu perfil. Esta situação traduz uma ineficiência estrutural grave, na medida em que o país suporta (directa ou indirectamente) os custos da formação avançada, mas não consegue converter esse investimento em valor económico, institucional e social no curto prazo.

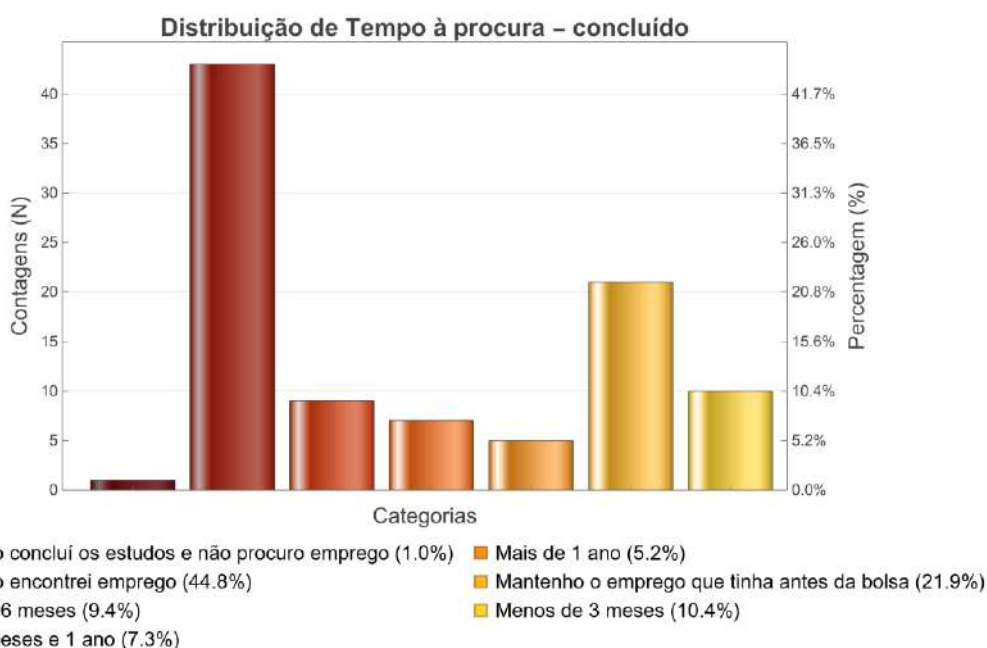
A persistência deste cenário comporta riscos evidentes:

- Desmotivação e perda de capital humano,
- Emigração secundária (fuga de cérebros após o regresso),
- Subemprego qualificado, com desperdício de competências,
- E fragilização da confiança nos próprios programas de formação avançada.

Assim, o elevado desemprego activo observado não reflecte falta de mérito, mas antes a ausência de mecanismos eficazes de integração profissional, planeamento estratégico de recursos humanos e articulação entre políticas de formação, ciência, inovação e emprego.

Este ponto deve ser claramente assumido neste relatório, sob pena de se normalizar uma situação que é, na verdade, economicamente disfuncional e politicamente preocupante.

4.3.4 Tempo à procura de emprego



Continua a apresentar-se o outlier mencionado anteriormente por erro de preenchimento.

Os dados relativos ao **tempo até obtenção de emprego após a conclusão dos estudos** revelam uma situação particularmente exigente e estruturalmente problemática.

O valor mais expressivo é o dos que **ainda não encontraram emprego**, que atinge **44,8%**. Trata-se de um resultado muito elevado, que confirma que quase **metade dos diplomados permanece em situação de desemprego**, apesar de possuir qualificações avançadas. Este dado, por si só, evidencia dificuldades claras de absorção no mercado de trabalho e reforça a ideia de um **desfasamento entre formação altamente especializada e oportunidades efectivas de emprego**.

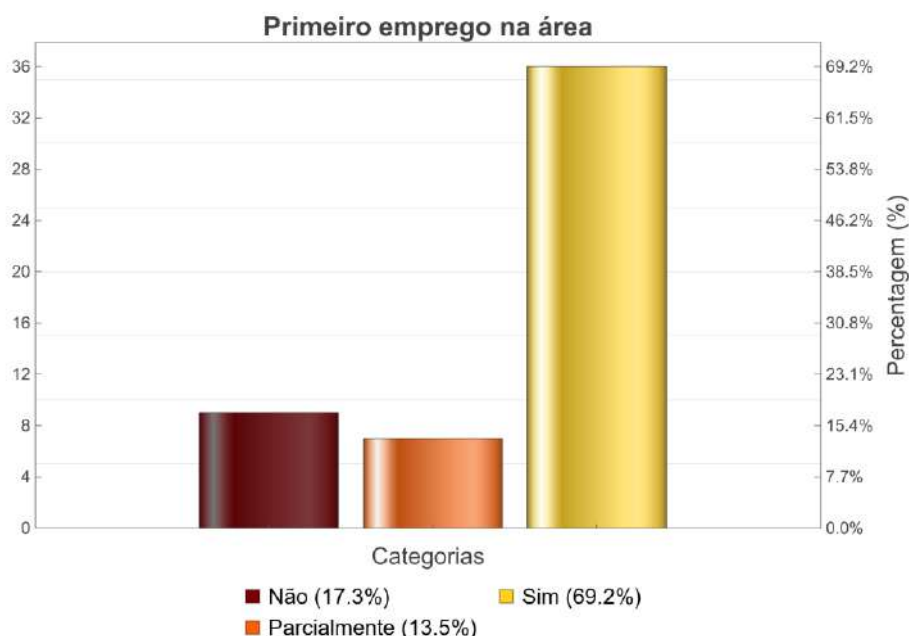
Um segundo grupo relevante é o dos que **mantêm o emprego que tinham antes da bolsa (21,9%)**. Este segmento corresponde a trajetórias mais protegidas, em que a formação foi realizada sem ruptura profissional significativa. No entanto, o peso relativamente limitado desta categoria mostra que **a maioria não conseguiu preservar o vínculo laboral anterior**, ficando exposta aos riscos da reinserção.

No que respeita à inserção pós-diploma propriamente dita, os resultados indicam que **apenas uma minoria encontra emprego num horizonte temporal curto**. Somente **10,4%** conseguiram emprego em **menos de três meses**, e **9,4%** entre **três e seis meses**, valores que, em conjunto, não ultrapassam um

quinto da amostra. A inserção entre **seis meses e um ano (7,3%)** e **mais de um ano (5,2%)** reforça a leitura de que, mesmo quando ocorre, a transição para o emprego é frequentemente **lenta e prolongada**.

Em síntese, o quadro que emerge é o de uma **transição pós-formação difícil, longa e incerta**, marcada por uma elevada permanência no desemprego e por tempos de espera significativos até à integração profissional. Estes resultados reforçam a conclusão de que a formação avançada, embora valiosa do ponto de vista académico, **não se traduz automaticamente em empregabilidade**, exigindo políticas activas de reintegração, planeamento estratégico de recursos humanos e criação de oportunidades compatíveis com perfis altamente qualificados.

4.3.5 Primeiro emprego tem a ver com a formação?



O gráfico “Primeiro emprego na área” apresenta um resultado ambivalente, que importa interpretar com cuidado à luz dos dados anteriores.

A maioria dos respondentes (69,2%) indica que o primeiro emprego obtido foi na sua área de formação, o que, à primeira vista, sugere uma adequação razoável entre qualificações e inserção profissional inicial. Este dado confirma que, quando o acesso ao emprego ocorre, ele tende a ser coerente com o perfil académico, contrariando a ideia de uma desvalorização sistemática das qualificações adquiridas.

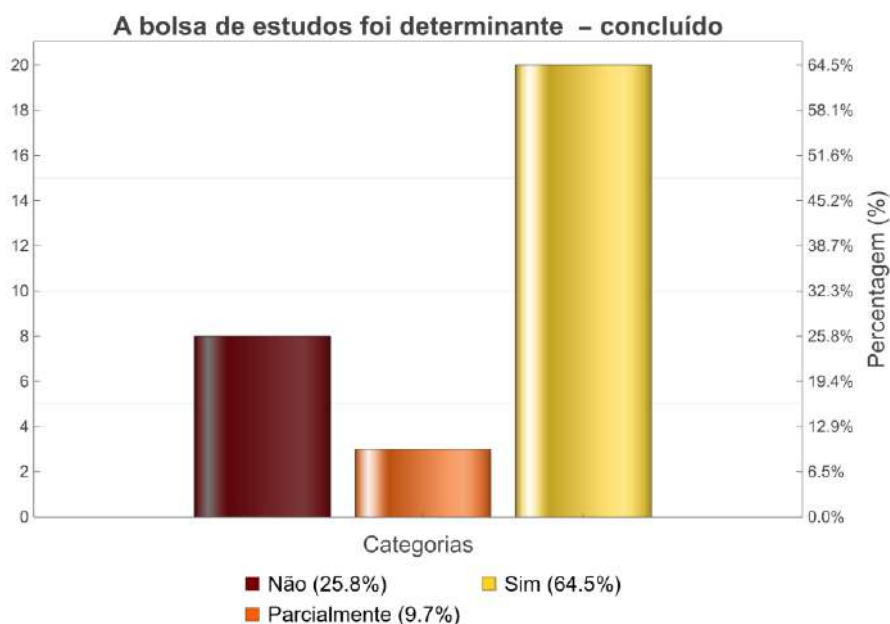
Contudo, este resultado deve ser relativizado por dois factores relevantes. Em primeiro lugar, 13,5% dos inquiridos referem que o emprego foi apenas parcialmente na área, o que aponta para situações de ajuste incompleto, funções híbridas ou aproveitamento limitado das competências específicas adquiridas. Em segundo lugar, 17,3% afirmam que o primeiro emprego não foi na área, evidenciando casos claros de desalinhamento entre formação e ocupação.

Mais importante ainda, este indicador diz respeito apenas aos indivíduos que efectivamente conseguiram um primeiro emprego. Quando conjugado com os resultados anteriores — que mostram taxas elevadas de desemprego activo e tempos prolongados de espera até à inserção profissional — torna-se claro que o principal constrangimento não está tanto na qualidade do “matching” entre formação e emprego, mas sim no acesso ao próprio emprego. De facto, a amostra aqui atinge cerca de 40 indivíduos, um número escasso que permite tirar poucas conclusões com relevância estatística.

Assim, esta distribuição revela um paradoxo central: quando há emprego, ele é maioritariamente na área de formação; quando não há emprego, trata-se sobretudo de um problema de ausência de oportunidades, e não de inadequação de competências. Este padrão reforça a conclusão de que o

desafio fundamental reside na **capacidade do sistema económico e institucional de gerar vagas compatíveis com perfis altamente qualificados**, e não na pertinência da formação realizada.

4.3.6 A bolsa foi determinante para obter esse emprego?



Impacto da bolsa na obtenção de emprego após a conclusão dos estudos. Dentro dos que concluíram formação e têm emprego.

Neste enquadramento, o resultado é particularmente relevante: **64,5%** dos respondentes afirmam que a bolsa foi **determinante para obter emprego**. Este valor indica que, para quase dois terços dos diplomados, a bolsa não teve apenas um papel académico, mas funcionou como um **factor decisivo de empregabilidade**, seja através do prestígio institucional associado, da certificação internacional, da aquisição de competências específicas ou da expansão de redes profissionais.

Um grupo adicional de **9,7%** considera que a bolsa foi **parcialmente determinante**, o que sugere que, mesmo quando não foi o único factor, o apoio financeiro e institucional contribuiu de forma significativa para melhorar as condições de acesso ao mercado de trabalho. Em conjunto, estes dois grupos perfazem **74,2%**, evidenciando que, para a larga maioria, a bolsa teve um **impacto positivo directo ou indirecto na empregabilidade**.

Por contraste, **25,8%** indicam que a bolsa **não foi determinante para obter emprego**. Este segmento reflecte situações em que a inserção profissional dependeu sobretudo de outros factores — experiência prévia, redes pessoais, concursos públicos, ou contextos sectoriais específicos — e não invalida o efeito global positivo identificado.

Este resultado deve ser lido em articulação com um ponto central já identificado no relatório: **há menos emprego após o diploma do que antes**, e os tempos de inserção são longos. Assim, o facto de a maioria reconhecer a bolsa como determinante para o emprego **não significa inserção imediata**, mas antes que, **quando o emprego ocorre**, ele está fortemente associado ao percurso financiado pela bolsa.

Em síntese, os dados mostram que a bolsa é um **instrumento eficaz de valorização profissional**, mas o seu impacto pleno depende de condições externas ao próprio sistema de bolsas — nomeadamente da capacidade do mercado de trabalho nacional para absorver quadros altamente qualificados. A bolsa melhora a empregabilidade individual; o sistema, porém, **não garante ainda a sua tradução sistemática em emprego efectivo**.

4.3.7 A bolsa será importante para a futura progressão profissional

Pergunta feita a todos os 230 respondentes.



A resposta à pergunta “**A bolsa é importante para progressão profissional?**” consolida e reforça, de forma inequívoca, a leitura prospectiva já delineada. Aqui apresentamos a convicção de toda a amostra, e não apenas dos que concluíram ou têm emprego, pois a estatística é uniforme em todos os subgrupos.

A esmagadora maioria dos inquiridos (**86,5%**) considera que a bolsa de estudos é **importante para a sua progressão profissional futura**, enquanto apenas **3,8%** entende que não o é e **9,6%** assume uma posição intermédia. Este grau de consenso é raro em inquéritos desta natureza e confere grande robustez à conclusão.

Este resultado é particularmente significativo quando articulado com os dados anteriores, que mostram **dificuldades de inserção profissional imediata** e, em alguns casos, **menos emprego após a**

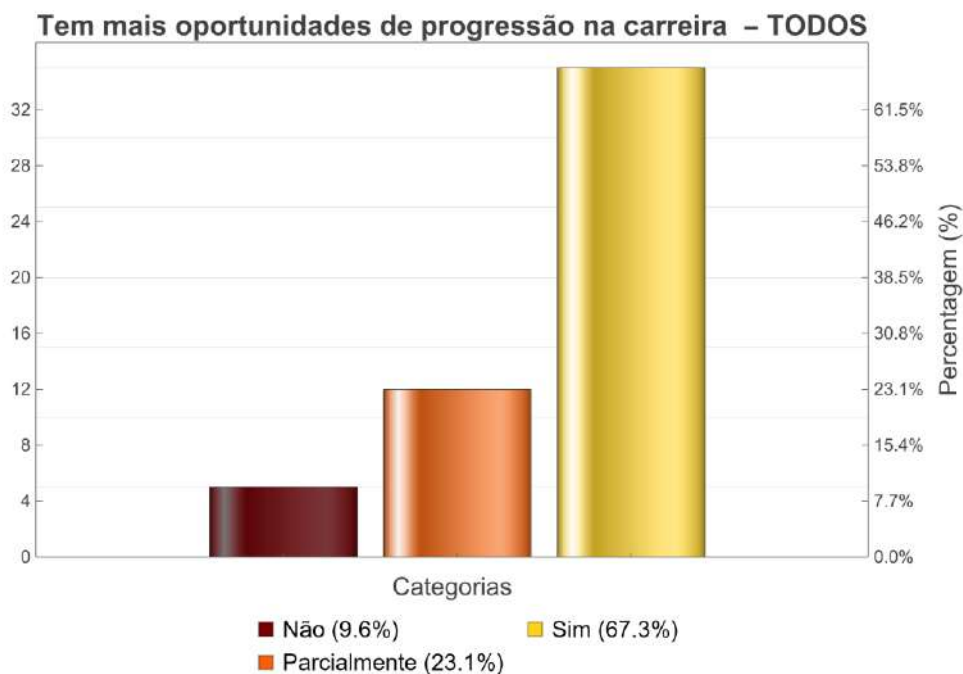
conclusão do diploma do que antes. A percepção quase unânime da importância da bolsa para a progressão futura indica que os beneficiários **distinguem claramente o curto prazo do médio e longo prazo**: reconhecem que o retorno da formação avançada **não é instantâneo**, mas acreditam firmemente no seu impacto estrutural ao longo da carreira.

A bolsa é, assim, percebida como um **investimento estratégico em capital humano**, que aumenta o potencial de progressão, mobilidade profissional, acesso a posições de maior responsabilidade e valorização institucional, mesmo num contexto laboral adverso. Esta leitura é coerente com perfis altamente qualificados, conscientes de que a formação avançada produz efeitos cumulativos e dependentes das oportunidades disponíveis.

Em síntese, o gráfico demonstra que, apesar das fragilidades do mercado de trabalho e dos constrangimentos na absorção imediata dos diplomados, a bolsa mantém **legitimidade social, credibilidade e valor estratégico** aos olhos dos próprios beneficiários. O desafio central já não é justificar a bolsa, mas sim **assegurar que o sistema económico e institucional seja capaz de transformar este investimento amplamente reconhecido em trajetórias profissionais efectivamente consolidadas.**

4.3.8 Tem mais oportunidades de progressão na carreira?

Pergunta feita exclusivamente a empregados a **todos** os respondentes com emprego.



Entre os respondentes com emprego, existe uma percepção largamente positiva quanto ao efeito da formação e da bolsa nas oportunidades de progressão na carreira. Com efeito, 67,3% afirmam

claramente que têm mais oportunidades de progressão, enquanto 23,1% concordam apenas parcialmente, revelando uma avaliação positiva mas prudente ou condicionada. Apenas 9,6% discordam desta afirmação.

Este resultado é particularmente relevante porque a questão foi colocada exclusivamente a indivíduos já inseridos no mercado de trabalho, ou seja, a respondentes com experiência directa das dinâmicas de carreira, progressão hierárquica e valorização profissional. Nesse sentido, a leitura do gráfico não traduz expectativas abstractas, mas sim percepções informadas pela prática laboral efectiva.

A semelhança desta questão com a anterior — aplicada ao conjunto dos respondentes — permite reforçar a consistência dos resultados: quando se isola o subgrupo dos empregados, a avaliação positiva não só se mantém como se torna mais nítida, sugerindo que a valorização da formação adquirida se manifesta de forma mais clara após a inserção profissional. A elevada proporção de respostas “parcialmente” indica, contudo, que a progressão é percebida como gradual, desigual entre sectores ou ainda dependente de factores institucionais, como oportunidades internas, reconhecimento formal de qualificações ou enquadramento salarial.

Em síntese, o gráfico confirma que, para quem já está empregado, a formação e a bolsa são vistas como um activo real de progressão profissional, ainda que não automaticamente traduzido em promoções imediatas ou trajectórias lineares. Este dado articula-se com outros resultados do inquérito, mostrando um contraste estrutural: fraca absorção inicial pelo mercado de trabalho, mas forte valorização da qualificação uma vez ultrapada a barreira da entrada.

4.3.9 Pensa mudar para um emprego melhor?



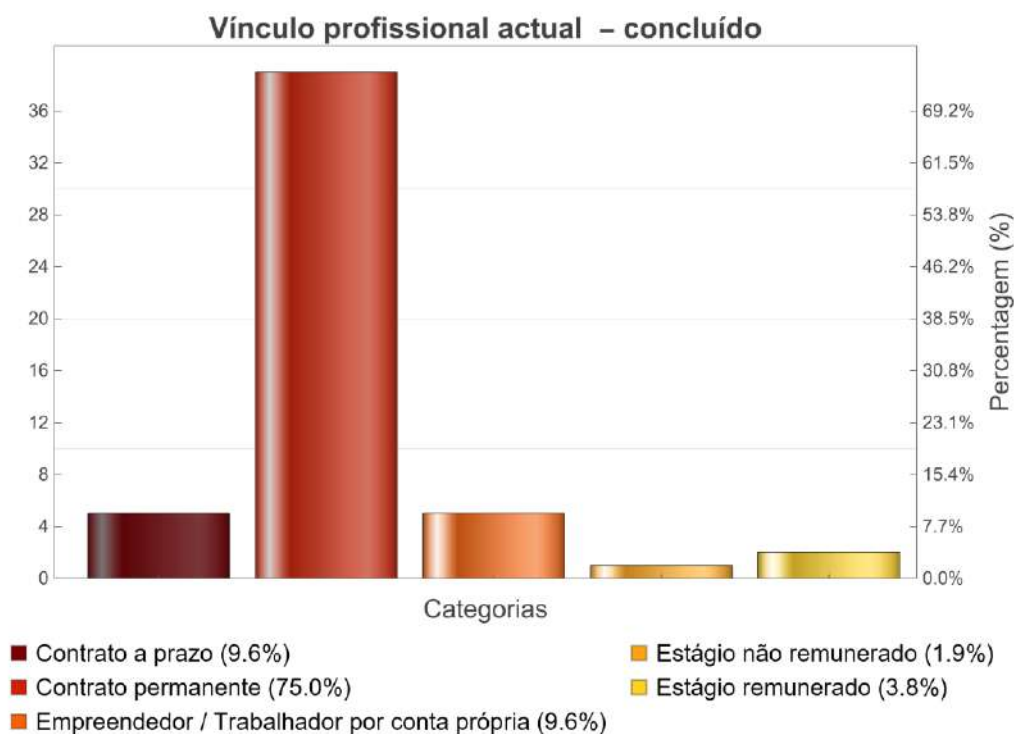
Revela-se aqui um **elevado grau de expectativa de melhoria profissional**. Pergunta feita a quem tem emprego em toda a amostra.

A maioria clara dos trabalhadores (**66,7%**) afirma que **pensa mudar para um emprego melhor**, enquanto apenas **33,3%** não manifesta essa intenção. Este resultado indica que, mesmo entre os que conseguiram inserção laboral, o emprego obtido **não corresponde plenamente às aspirações, qualificações ou expectativas** associadas ao investimento realizado na formação, em particular à formação avançada financiada pela bolsa.

Este padrão é transversal aos diferentes perfis e sectores, não sendo necessário recorrer a desagregações por subgrupos para o compreender. A intenção de mudança reflecte, em grande medida, a percepção de **desalinhamento entre o nível de qualificação e a qualidade do emprego ocupado**, seja em termos de conteúdo funcional, progressão de carreira, remuneração, estabilidade ou reconhecimento institucional.

Importa sublinhar que esta intenção de mudança **não deve ser interpretada como instabilidade individual**, mas antes como um sinal de **racionalidade profissional**: trabalhadores altamente qualificados procuram, de forma activa, posições que maximizem o retorno do investimento em capital humano. Num contexto em que o mercado de trabalho oferece poucas oportunidades compatíveis, a permanência em empregos aquém do perfil tende a ser vista como **transitória**.

Em síntese, confirma-se que a empregabilidade existente é, em muitos casos, **incompleta ou insatisfatória**, reforçando a ideia de que o principal desafio não é apenas criar emprego, mas **criar emprego qualificado, compatível com o nível de formação alcançado**.



4.3.10 Rendimentos dos bolseiros que já concluíram e que têm emprego

Todos os diplomados

A análise dos rendimentos dos diplomados que **concluíram os estudos** e têm emprego, uma amostra relativamente pequena de 52 indivíduos dentro da grande amostra de 230, evidencia uma situação salarial globalmente modesta e marcada por forte desigualdade interna, apesar do elevado nível de qualificação destes profissionais. Dos 52 respondentes, quatro não foram considerados para o cálculo das medidas estatísticas salariais (um por não auferir vencimento e três por preferirem não responder), resultando numa base efectiva de 48 indivíduos com informação salarial válida.

A **média salarial estimada** situa-se em aproximadamente **705 000 Kz mensais**, valor calculado a partir dos pontos médios dos intervalos salariais declarados. Este valor médio, embora superior a 700 mil Kz, deve ser interpretado com cautela, pois é influenciado por um número muito reduzido de salários elevados. Com efeito, apenas **5 indivíduos (9,6%)** se situam entre **1 000 001 e 1 100 000 Kz**, **1 indivíduo (1,9%)** entre **1 200 001 e 1 300 000 Kz**, **1 indivíduo (1,9%)** entre **1 400 001 e 1 500 000 Kz**, **3 indivíduos (5,8%)** entre **2 000 000 e 3 000 000 Kz**, e apenas **1 indivíduo (1,9%)** acima de **3 000 000 Kz**. Estes poucos casos elevam artificialmente a média, não sendo representativos da situação típica.

A **mediana salarial**, que separa a amostra em duas metades iguais, situa-se no intervalo **400 001–500 000 Kz**, correspondendo a um valor aproximado de **450 000 Kz**. Isto significa que **metade dos diplomados empregados auferem menos de cerca de 450 mil Kz mensais**, um valor claramente baixo quando considerado à luz do investimento académico realizado e das qualificações envolvidas

(mestrado, doutoramento ou especialidade médica). Esta diferença significativa entre a média (705 mil Kz) e a mediana (450 mil Kz) revela uma **assimetria positiva acentuada** na distribuição dos rendimentos.

O **desvio-padrão estimado**, próximo de **720 000 Kz**, confirma esta leitura: trata-se de uma dispersão muito elevada face ao valor médio, indicando um mercado de trabalho fortemente segmentado. Coexistem salários muito baixos com um número restrito de salários altos, sem que exista um “corpo central” sólido de remunerações intermédias compatíveis com o nível de qualificação.

A distribuição mostra ainda que uma parte substancial dos diplomados se concentra em **níveis salariais baixos**, sendo que **cerca de metade da amostra com informação válida auferir até 500 000 Kz mensais**. Este resultado é particularmente relevante por corresponder ao rendimento típico da maioria dos diplomados empregados, reforçando a leitura de que o mercado de trabalho absorve profissionais altamente qualificados em **condições remuneratórias modestas**, frequentemente desajustadas face ao nível de formação alcançado.

Os dados mostram que, apesar de existirem alguns casos de remuneração elevada, a realidade dominante é a de **salários médios e medianos baixos**, elevada desigualdade e fraco retorno económico do investimento em formação avançada. Esta estrutura salarial ajuda a compreender a insatisfação profissional, a elevada intenção de mudança de emprego e o risco de perda de capital humano qualificado, num contexto em que o país formou profissionais estratégicos mas ainda não consegue integrá-los de forma adequada e sustentada no mercado de trabalho.

Diplomados no estrangeiro

A distribuição salarial dos diplomados **empregados que realizaram a sua formação no estrangeiro** revela um perfil semelhante, ainda que ligeiramente mais favorável, ao observado no conjunto global dos diplomados empregados. Verifica-se, desde logo, que **uma parcela significativa continua concentrada em escalões salariais baixos e intermédios**, apesar do investimento adicional associado à mobilidade internacional e à obtenção do grau fora do país.

Com efeito, **cerca de metade destes profissionais auferir até 500 000 Kz mensais**, integrando os escalões entre 100 001 e 500 000 Kz, com particular concentração no intervalo dos 300 001 aos 400 000 Kz, que constitui o escalão mais frequente. Este resultado sugere que a experiência académica internacional, embora valorizada em termos simbólicos e de qualificação, **não se traduz automaticamente em remunerações elevadas no mercado de trabalho nacional**, pelo menos numa fase inicial da inserção profissional.

Observa-se, contudo, uma **presença não negligenciável em escalões mais elevados**, nomeadamente acima dos 700 000 Kz, incluindo um núcleo de diplomados que se situa entre 800 001 e 1 100 000 Kz e um grupo mais reduzido que ultrapassa os 2 milhões de Kz mensais. Estes casos indicam que a formação no estrangeiro pode constituir um factor diferenciador em determinados sectores, funções técnicas especializadas ou trajectórias profissionais específicas, ainda que tal efeito não seja generalizado.

No seu conjunto, a distribuição evidencia uma **forte dispersão salarial**, com coexistência de rendimentos modestos e remunerações elevadas, mas com claro predomínio dos primeiros. Tal configuração reforça a ideia de que o retorno salarial da formação internacional é **heterogéneo e**

condicionado por factores estruturais do mercado de trabalho, como a capacidade de absorção de quadros altamente qualificados, a segmentação sectorial e a fragilidade da valorização salarial do capital humano avançado.

Considera o seu salário adequado às suas habilitações



A auto-avaliação da adequação salarial pelos diplomados formados no estrangeiro evidencia um desalinhamento claro entre qualificações e remuneração percebida, em coerência com os resultados anteriormente discutidos sobre níveis salariais e inserção profissional.

Mais de metade dos respondentes (52,4%) afirma que o salário auferido não é adequado, o que constitui o grupo largamente dominante. A este valor soma-se um contingente igualmente relevante que considera a remuneração apenas parcialmente adequada (31,0%), sugerindo uma satisfação limitada e condicionada, frequentemente associada a expectativas não cumpridas face ao investimento académico realizado. Em contraste, apenas 16,7% dos diplomados considera o salário claramente adequado, configurando uma minoria expressiva, mas claramente insuficiente para inverter a leitura global.

A estrutura desta distribuição confirma que, para a maioria dos diplomados no estrangeiro, o retorno económico da formação internacional é percebido como insuficiente, mesmo quando existe integração no mercado de trabalho. Este resultado é consistente com a evidência empírica anterior: embora alguns indivíduos atinjam escalões salariais mais elevados, tal não constitui a norma, nem é suficiente para gerar uma avaliação global positiva.

Do ponto de vista analítico, esta questão reforça três conclusões centrais. Primeiro, a formação no estrangeiro não garante adequação salarial, funcionando mais como um activo de qualificação do que como um mecanismo automático de valorização económica, pelo menos a curto prazo. Segundo, a elevada proporção de respostas intermédias indica uma tensão entre expectativas e realidade, típica de mercados de trabalho com fraca diferenciação salarial por qualificações avançadas. Terceiro, a percepção negativa generalizada sugere um risco estrutural de desmotivação, mobilidade externa ou subaproveitamento de capital humano, especialmente em perfis altamente qualificados e internacionalizados.

Em síntese, a leitura conjunta dos dados aponta para um padrão consistente: os diplomados no estrangeiro conseguem, em muitos casos, inserir-se profissionalmente, mas não reconhecem no salário uma compensação proporcional ao esforço formativo, confirmando que o principal constrangimento não reside na qualificação dos indivíduos, mas na capacidade do mercado de trabalho em absorver e valorizar esse capital humano. Quando se estende a questão a todos os diplomados, mesmo aos que não concluíram a sua formação no estrangeiro, os resultados são semelhantes.

4.3.11 Profissões mencionadas pelos que já concluíram – resposta aberta

Educação e Ensino (docência e funções académicas)

Peso relativo: ~53%

Inclui:

Professores, sobretudo superior (várias designações),

Este é, de longe, o **grupo dominante**, representando **mais de metade das profissões declaradas**. Tal concentração confirma que muitos dos inquiridos se inserem (ou procuram inserir-se) no **sistema educativo**, frequentemente como docentes em diferentes níveis. Este padrão é coerente com a elevada incidência de **mestrados, doutoramentos e áreas das ciências da educação** observada anteriormente.

No entanto, a forte dependência do sector educativo — particularmente do **ensino público** — ajuda a explicar a **dificuldade de absorção profissional**: trata-se de um sector com **vagas limitadas, concursos irregulares e forte pressão orçamental**, o que gera atrasos prolongados na integração laboral, mesmo para perfis altamente qualificados.

Engenharia, Tecnologias e Ciências Exactas

Peso relativo: ~24%

Inclui:

Engenheiros Civis, Mecânicos, de Software, Informáticos, de Dados, e outros

Este grupo evidencia **competências técnicas avançadas**, muitas delas alinhadas com áreas estratégicas (engenharia, digitalização, energia, dados). Apesar disso, o seu peso é claramente **inferior ao do**

ensino, o que sugere que o mercado nacional **não está a absorver de forma sistemática estes perfis**, ou que estes profissionais enfrentam dificuldades em encontrar posições compatíveis com a sua especialização.

A presença de funções altamente técnicas contrastando com a taxa elevada de desemprego reforça a ideia de **subaproveitamento de capital humano**.

Saúde

Peso relativo: ~8%

Inclui:

Médicos,

Enfermeiros (várias designações).

Embora numericamente reduzido, este grupo é **estratégico**. A sua dimensão limitada não reflecte falta de formação, mas antes **barreiras institucionais**, como reconhecimento profissional, concursos, colocação e integração nos sistemas de saúde. É um exemplo claro de áreas onde a qualificação existe, mas a **integração é lenta e regulada**.

Gestão, Administração, Finanças e Auditoria

Peso relativo: ~12%

Inclui:

Analistas de Crédito,

Auditora financeira,

Contabilistas,

Empresários

Funcionários públicos.

Este grupo apresenta uma **ligação mais directa ao mercado**, com funções geralmente associadas a empregabilidade mais imediata. Ainda assim, o seu peso é moderado, sugerindo que **nem mesmo áreas tradicionalmente empregáveis** absorvem facilmente profissionais com trajectórias interrompidas pela formação avançada.

Outros / Ocupações fora do núcleo da formação avançada

Contagem: residual

Inclui:

Ator de teatro e publicidade, Turismólogo, outros.

Estas situações evidenciam **desalinhamento entre qualificação académica e ocupação exercida**, indiciando **subemprego qualificado** ou adaptação forçada a oportunidades disponíveis, independentemente do nível de formação.

Comentário global

A estrutura profissional observada confirma que estamos perante um grupo de **elevada qualificação**, fortemente concentrado na **docência e no sector público**, com presença relevante de engenheiros e técnicos altamente especializados. Contudo, a dispersão de profissões e a existência de funções abaixo do nível esperado reforçam um diagnóstico já claro: **o sistema económico e institucional não está a conseguir absorver, de forma eficiente, profissionais estratégicos para o desenvolvimento do país.**

O resultado não é falta de competências, mas sim **desajuste estrutural**, com consequências claras em desemprego, subemprego e desperdício de investimento em capital humano.

Índices de Satisfação com a Formação e Programa de Bolsas

Trata-se de **índices construídos a partir de escalas de Likert de 5 pontos**, onde cada respondente avalia afirmações relacionadas com a **formação académica** e com o **programa de bolsas**, segundo o seguinte gradiente ordinal:

- 1 – total desacordo;
- 2 – desacordo;
- 3 – indiferença / posição neutra;
- 4 – concordo;
- 5 – concordo totalmente.

Cada índice resulta da **agregação (normalmente pela média)** das respostas a um conjunto de itens conceptualmente coerentes, permitindo sintetizar, num único valor numérico, o **grau global de satisfação** do respondente com determinada dimensão (qualidade da formação, apoio institucional, impacto da bolsa, etc.). Assim, valores mais próximos de 1 indicam forte insatisfação, valores em torno de 3 revelam neutralidade ou ambivalência, e valores próximos de 5 traduzem níveis elevados de satisfação e concordância.

Do ponto de vista interpretativo, estes índices devem ser lidos como **medidas ordinais aproximadas a intervalares**, o que permite comparações médias entre grupos, análise de dispersão (desvio-padrão) e leitura de tendências gerais, ainda que sem perder de vista a natureza subjectiva das respostas. Um índice médio acima de 4 sugere uma avaliação claramente positiva e consistente; valores entre 3 e 4 indicam satisfação moderada, frequentemente acompanhada de reservas; valores abaixo de 3 apontam para críticas estruturais ou expectativas não satisfeitas.

É particularmente relevante observar não apenas o valor médio, mas também a **distribuição das respostas** e a **variabilidade**: um índice médio elevado com baixo desvio indica consenso positivo; um valor semelhante com elevado desvio revela polarização entre respondentes. Em estudos como este, estes índices permitem captar de forma sintética a percepção dos beneficiários sobre a eficácia do programa, complementando os indicadores objectivos (emprego, salário, progressão profissional) com a dimensão subjectiva da experiência vivida.

Em suma, os índices de satisfação funcionam como **barómetros de percepção**, essenciais para avaliar o impacto qualitativo da formação e das bolsas, identificar áreas de sucesso e, sobretudo, sinalizar dimensões onde as políticas públicas não estão a produzir o retorno esperado do ponto de vista dos próprios beneficiários.

5.1 A formação Preparou-me para o Mercado de Trabalho

Medida	Valor
Variável	A formação preparou-me para o mercado de trabalho - estrangeiro
N	74
Média	4.69
Mediana	5.00
Moda (s)	5
Desvio padrão	0.64
Variância	0.41
Mínimo	2
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	5
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	0
Assimetria	-2.476
Curtose	9.687



Os resultados evidenciam uma **avaliação extremamente positiva** da formação realizada no estrangeiro quanto à preparação para o mercado de trabalho. Numa escala de Likert de 1 a 5, a **média é muito elevada (4,69)** e a **mediana e a moda coincidem no valor máximo (5)**, o que indica que a resposta

dominante é de **concordância total** com a afirmação de que a formação preparou adequadamente os diplomados.

A distribuição é fortemente concentrada nos níveis superiores da escala: **75,7% dos inquiridos assinalam o valor 5 e 20,3% o valor 4**, perfazendo **96% de respostas positivas**. As posições intermédias e negativas são residuais, com apenas **1,4% no nível 3, 2,7% no nível 2 e nenhuma resposta no nível 1**, o que praticamente elimina a discordância explícita.

Do ponto de vista estatístico, o **desvio-padrão reduzido (0,64)** confirma uma dispersão muito baixa das respostas, ou seja, existe um elevado consenso entre os respondentes. O facto de o **primeiro e o terceiro quartis coincidirem em 5 e a amplitude interquartil ser nula** reforça esta leitura: pelo menos metade da amostra posiciona-se integralmente no nível máximo de satisfação.

A **assimetria negativa acentuada (-2,476)** traduz uma cauda longa à esquerda, típica de distribuições em que a maioria das observações se concentra nos valores mais altos da escala. A **curtose elevada (9,687)** indica ainda uma distribuição muito “pontaguda”, com forte concentração em torno do valor 5, característica de avaliações quase unanimemente favoráveis.

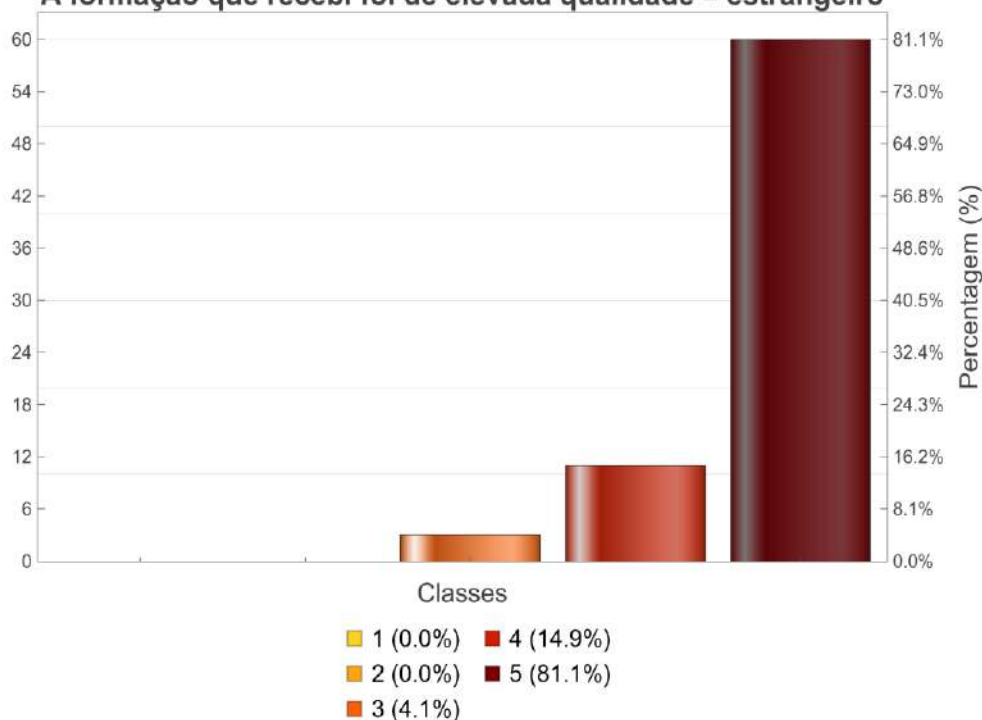
Em termos substantivos, estes resultados sugerem que a formação no estrangeiro não só foi bem avaliada em abstracto, como foi percebida de forma clara e consistente como **directamente relevante para a empregabilidade e o desempenho profissional**. Esta percepção é particularmente relevante quando conjugada com outros indicadores já analisados, como a valorização da bolsa para progressão profissional e a mobilidade laboral, pois aponta para um retorno formativo elevado do investimento realizado.

Em suma, os dados mostram que, do ponto de vista dos próprios beneficiários, a formação no estrangeiro cumpriu de forma muito eficaz o seu objectivo central de preparação para o mercado de trabalho, com níveis de concordância raramente observados em inquéritos deste tipo.

5.2 A formação recebida foi de elevada qualidade

Medida	Valor
Variável	A formação que recebi foi de elevada qualidade - estrangeiro
N	74
Média	4.77
Mediana	5.00
Moda (s)	5
Desvio padrão	0.51
Variância	0.26
Mínimo	3
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	5
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	0
Assimetria	-2.159
Curtose	6.800

A formação que recebi foi de elevada qualidade - estrangeiro



Os resultados apresentados evidenciam um **nível de satisfação extremamente elevado** dos diplomados no estrangeiro relativamente à **qualidade da formação recebida**, com uma distribuição muito concentrada nos valores mais altos da escala de Likert.

Do ponto de vista **descritivo**, a média obtida é **4,77**, num máximo possível de 5, sendo a **mediana e a moda iguais a 5**, o que significa que a resposta mais frequente e o valor central da distribuição correspondem a “**concordo totalmente**”. Este resultado, por si só, indica uma avaliação quase consensual da elevada qualidade da formação. A variabilidade é reduzida, como confirma o **desvio-padrão de 0,51** e a **variância de 0,26**, sinalizando uma dispersão muito baixa das respostas.

A distribuição quartílica reforça esta leitura: tanto o **primeiro quartil (Q1)** como o **terceiro quartil (Q3)** assumem o valor máximo da escala (5), originando uma **amplitude interquartil nula**. Isto significa que pelo menos 50% dos respondentes se concentram exactamente no nível máximo de concordância, evidenciando uma homogeneidade muito forte na percepção positiva da formação.

A análise da forma da distribuição é igualmente esclarecedora. A **assimetria negativa (-2,159)** indica uma distribuição fortemente enviesada à direita da escala, isto é, acumulada nos valores mais elevados, com uma cauda residual de respostas mais baixas. A **curtose elevada (6,800)** revela uma distribuição leptocúrtica, com forte concentração em torno de um único valor dominante, característica típica de avaliações quase unanimemente positivas.

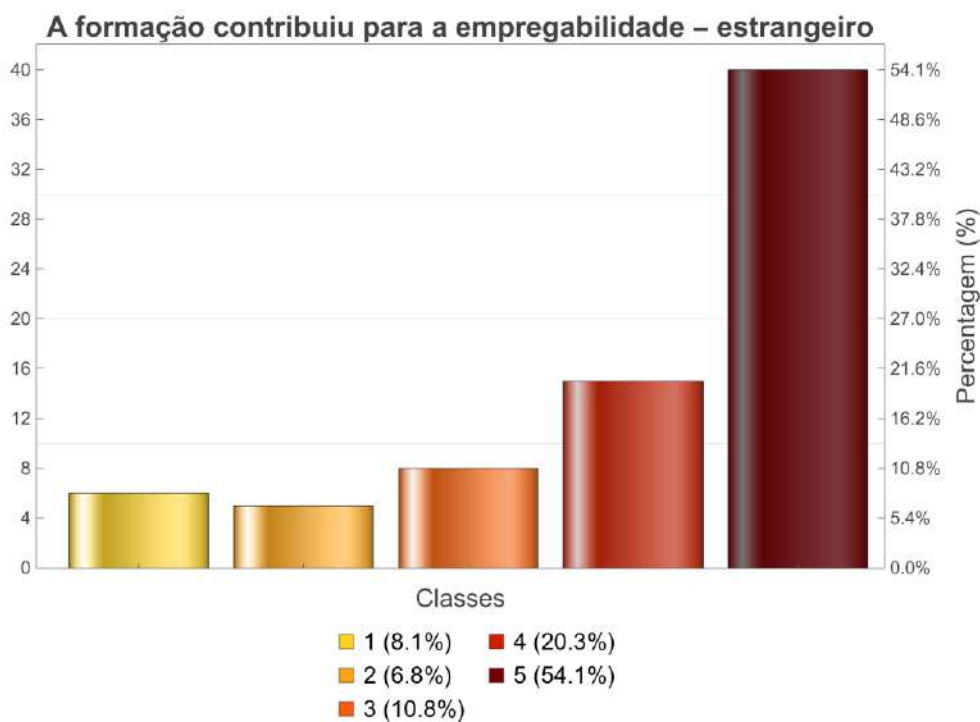
A leitura do gráfico confirma plenamente estes resultados estatísticos. **81,1% dos diplomados seleccionaram o valor máximo (5)**, enquanto **14,9% assinalaram o valor 4**, correspondendo a concordância clara. Apenas uma fracção residual indicou o valor 3 (4,1%), e **não se registam respostas de discordância** (valores 1 e 2). Este padrão mostra que a avaliação negativa ou mesmo neutra da qualidade da formação é praticamente inexistente entre os diplomados no estrangeiro.

Em termos substantivos, estes resultados são particularmente relevantes no contexto global do estudo. Apesar das dificuldades de inserção profissional, do desemprego e do subemprego já identificados em secções anteriores, os diplomados **não atribuem essas fragilidades à qualidade da formação recebida**, mas antes a factores estruturais do mercado de trabalho. A formação no estrangeiro surge, assim, como **robusta, exigente e reconhecida**, reforçando a ideia de que o problema central não reside na qualificação dos recursos humanos, mas na capacidade do sistema económico e institucional de os absorver e valorizar.

Os dados revelam uma **avaliação quase unânime da elevada qualidade da formação**, com indicadores estatísticos muito sólidos, baixa dispersão e forte concentração no máximo da escala, conferindo elevada credibilidade a esta conclusão.

5.3 A formação contribuiu para a empregabilidade

Medida	Valor
Variável	A formação contribuiu para a empregabilidade - estrangeiro
N	74
Média	4.05
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	1.29
Variância	1.67
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	3
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	2
Assimetria	-1.215
Curtose	3.258



Os resultados relativos à afirmação “**A formação contribuiu para a empregabilidade**”, no caso dos diplomados no estrangeiro, revelam uma avaliação **globalmente positiva**, embora mais **heterogênea e cautelosa** do que a observada nas questões sobre qualidade da formação ou preparação para o mercado de trabalho.

A **média de 4,05** situa-se claramente acima do ponto intermédio da escala de Likert (3), indicando concordância geral com a ideia de que a formação recebida contribui para a empregabilidade. A **mediana e a moda iguais a 5** mostram que a resposta mais frequente continua a ser “**concordo totalmente**”, o que confirma a existência de um núcleo expressivo de diplomados que reconhece um impacto directo e forte da formação na sua capacidade de inserção profissional.

Contudo, ao contrário das questões anteriores, a **dispersão das respostas é significativamente maior**. O **desvio-padrão de 1,29** e a **variância de 1,67** indicam uma variabilidade considerável nas percepções, sinal de que a experiência de empregabilidade após a formação não é homogénea entre os diplomados. Esta leitura é reforçada pelo facto de o **primeiro quartil (Q1) se situar no valor 3**, enquanto o terceiro quartil (Q3) se mantém em 5, resultando numa **amplitude interquartil de 2**. Ou seja, pelo menos 25% dos respondentes expressam uma posição neutra ou apenas moderadamente favorável.

A presença de um **valor mínimo de 1** revela que existe um pequeno subconjunto de diplomados que considera que a formação **não contribuiu** para a sua empregabilidade, um dado relevante do ponto de vista analítico. Ainda que minoritária, esta posição não pode ser ignorada, sobretudo quando articulada com os elevados níveis de desemprego e subemprego identificados noutras secções do estudo.

A **assimetria negativa (-1,215)** indica que a distribuição continua concentrada nos valores altos da escala, mas com uma cauda mais longa para valores baixos, reflectindo precisamente esta diversidade de experiências. A **curtose moderadamente elevada (3,258)** sugere uma concentração significativa em torno das respostas mais altas, embora menos extrema do que nas avaliações de qualidade da formação.

Em termos substantivos, estes resultados apontam para uma distinção clara feita pelos diplomados: a formação é reconhecida como **tecnicamente sólida e de elevada qualidade**, mas a sua tradução em empregabilidade efectiva depende fortemente de **factores externos**, nomeadamente a estrutura e a capacidade de absorção do mercado de trabalho nacional. Assim, a formação é vista como **necessária**, mas não **suficiente**, para garantir emprego.

Os dados mostram uma percepção amplamente favorável do contributo da formação para a empregabilidade, mas também evidenciam **tensões e frustrações** associadas à dificuldade de converter qualificações elevadas em oportunidades profissionais concretas, reforçando a ideia de um desajustamento estrutural entre formação avançada e mercado de trabalho.

5.4 Tive acesso a estágios ou prática profissional relevantes

Medida	Valor
Variável	Acesso a estágios ou prática profissional relevantes – estrangeiro
N	74
Média	3.92
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	1.47
Variância	2.16
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	3
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	2
Assimetria	-1.086
Curtose	2.681



Os resultados relativos ao **acesso a estágios ou prática profissional relevantes no estrangeiro** revelam uma avaliação globalmente positiva, ainda que menos consensual do que noutras dimensões analisadas anteriormente.

A distribuição das respostas mostra que **54,1% dos inquiridos situam-se no nível máximo da escala (5 – completo acordo)**, indicando que, para mais de metade dos diplomados, a formação realizada no estrangeiro proporcionou efectivamente acesso a experiências práticas relevantes, nomeadamente estágios ou contextos profissionais com valor formativo. Acresce ainda **17,6% no nível 4**, o que reforça a leitura de que cerca de **sete em cada dez respondentes manifestam concordância clara** com esta afirmação.

No entanto, observa-se também uma presença não negligenciável de respostas nos níveis inferiores da escala. Cerca de **14,9% posicionam-se no nível 1 (total desacordo)** e **4,1% no nível 2**, enquanto **9,5% optam por uma posição intermédia (nível 3)**. Esta dispersão indica que o acesso a estágios ou prática profissional não foi uma experiência homogénea para todos, dependendo fortemente da área de formação, da instituição de acolhimento, do país e, possivelmente, do grau frequentado.

As medidas estatísticas confirmam esta leitura. A **média de 3,92** situa-se claramente acima do ponto neutro da escala, evidenciando uma avaliação globalmente favorável, embora menos elevada do que a observada para a qualidade da formação ou para a preparação para o mercado de trabalho. A **mediana e a moda coincidem no valor máximo (5)**, o que indica que a resposta mais frequente e o ponto central da distribuição se encontram no nível de concordância total.

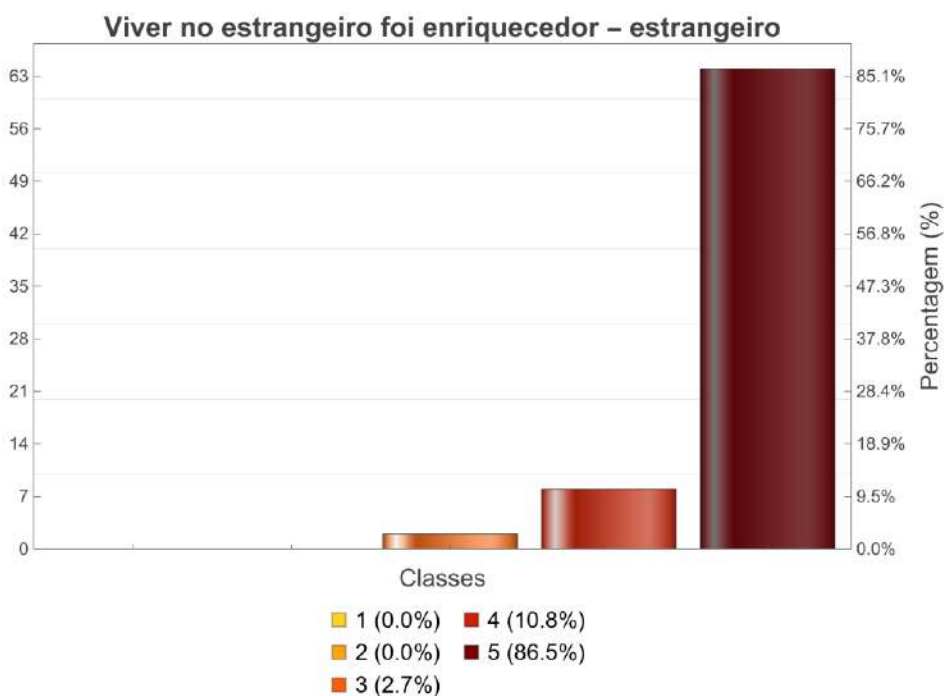
O **desvio padrão de 1,47** e a **variância de 2,16** são relativamente elevados quando comparados com outros indicadores analisados, reflectindo uma maior heterogeneidade de experiências. A **amplitude interquartil de 2**, com Q1 em 3 e Q3 em 5, confirma que, embora a maioria se concentre nos níveis superiores, existe uma franja significativa de diplomados cuja experiência prática foi limitada ou inexistente.

A **assimetria negativa (-1,086)** indica uma concentração das respostas nos valores altos da escala, mas menos acentuada do que noutras dimensões, enquanto a **curtose moderada (2,681)** sugere uma distribuição relativamente concentrada, mas com caudas visíveis, sobretudo nos níveis de discordância.

Os dados mostram que o programa de formação no estrangeiro **contribuiu de forma relevante para o acesso a estágios e prática profissional para uma maioria dos diplomados**, reforçando a sua componente aplicada e a ligação ao mundo do trabalho. Contudo, a variabilidade observada aponta para **desigualdades significativas nas oportunidades efectivamente oferecidas**, o que constitui um elemento crítico a considerar na avaliação global do programa e no desenho futuro de mecanismos que reforcem, de forma mais sistemática, a integração prática dos bolseiros durante o percurso formativo.

5.5 Viver no Estrangeiro foi Enriquecedor

Medida	Valor
Variável	Viver no estrangeiro foi enriquecedor – estrangeiro
N	74
Média	4.84
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	0.44
Variância	0.19
Mínimo	3
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	5
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	0
Assimetria	-2.751
Curtose	10.042



Os resultados, relativos à afirmação **“Viver no estrangeiro foi enriquecedor”** evidenciam um consenso extremamente forte e transversal entre os diplomados, constituindo uma das dimensões mais claramente positivas de todo o inquérito.

A **média muito elevada (4,84)**, próxima do valor máximo da escala, indica uma avaliação quase unânime do carácter enriquecedor da experiência internacional. Esta leitura é reforçada pela **mediana e pela moda iguais a 5**, o que significa que a resposta mais frequente e o ponto central da distribuição correspondem ao **completo acordo**.

A própria distribuição das respostas confirma esta concentração: **86,5% dos inquiridos posicionam-se no nível 5**, enquanto **10,8% indicam o nível 4**, revelando concordância clara. Apenas **2,7% optam por uma posição intermédia (nível 3)**, não existindo qualquer resposta nos níveis de discordância (1 ou 2). Na prática, **mais de 97% dos diplomados manifestam uma avaliação positiva**, sendo que a esmagadora maioria o faz de forma plenamente afirmativa.

Do ponto de vista estatístico, esta homogeneidade é confirmada por um **desvio padrão muito reduzido (0,44)** e por uma **variância baixa (0,19)**, indicando fraca dispersão das respostas. A **amplitude interquartil nula**, com Q1 e Q3 ambos iguais a 5, mostra que pelo menos 50% das observações se concentram exactamente no valor máximo da escala, um resultado raro em inquéritos deste tipo.

A **assimetria negativa acentuada (-2,751)** reflecte a forte concentração das respostas nos valores mais elevados, enquanto a **curtose muito elevada (10,042)** indica uma distribuição extremamente leptocúrtica, isto é, altamente concentrada num único ponto, com caudas muito reduzidas. Estes indicadores estatísticos traduzem, de forma rigorosa, o elevado grau de consenso observado.

Em termos substantivos, este resultado sublinha que a experiência de viver no estrangeiro foi percebida não apenas como académica ou profissionalmente relevante, mas também como **profundamente enriquecedora a nível pessoal, cultural e humano**. Trata-se de um impacto que ultrapassa o domínio estritamente formativo, contribuindo para o alargamento de horizontes, para o desenvolvimento de competências transversais — como autonomia, adaptação intercultural e pensamento crítico — e para a construção de trajectórias pessoais mais robustas.

Os dados mostram de forma inequívoca que **a dimensão experiencial da mobilidade internacional constitui um dos principais activos do programa**, sendo valorizada de modo quase unânime pelos diplomados. Este resultado confere forte legitimidade à aposta em programas de formação no estrangeiro, não apenas enquanto instrumentos de qualificação académica, mas também enquanto mecanismos de desenvolvimento humano e social de elevado impacto.

5.6 A Formação deu-me Preparação para Enfrentar Desafios Profissionais Locais e Globais

Medida	Valor
Variável	Preparação para desafios profissionais locais e globais - estrangeiro
N	74
Média	4.61
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	0.66
Variância	0.43
Mínimo	3
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	4
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	1
Assimetria	-1.419
Curtose	3.704



Os resultados relativos à **preparação para desafios profissionais locais e globais**, reportados pelos diplomados no estrangeiro, revelam uma avaliação globalmente **muito positiva e consistente**, tanto do ponto de vista descritivo como estatístico.

A média de **4,61** numa escala de Likert de 1 a 5, acompanhada por uma mediana de **5** e uma moda igualmente igual a **5**, indica que a resposta dominante é de **pleno acordo** com a afirmação de que a formação recebida preparou adequadamente os inquiridos para enfrentar desafios profissionais em contextos diversos, nacionais e internacionais. Esta concentração no valor máximo é reforçada pelo facto de o primeiro e o terceiro quartis coincidirem em **5**, o que implica uma **amplitude interquartil de apenas 1**, sinal de reduzida dispersão nas avaliações mais elevadas.

O gráfico confirma esta leitura: **70,3%** dos respondentes posicionam-se no nível máximo da escala, enquanto **20,3%** manifestam concordância (nível 4). Apenas **9,5%** situam a sua resposta num patamar intermédio (nível 3), não se registando qualquer resposta de discordância (níveis 1 ou 2). Este padrão traduz um consenso alargado quanto ao impacto positivo da formação na preparação profissional, com ausência de rejeição explícita da afirmação.

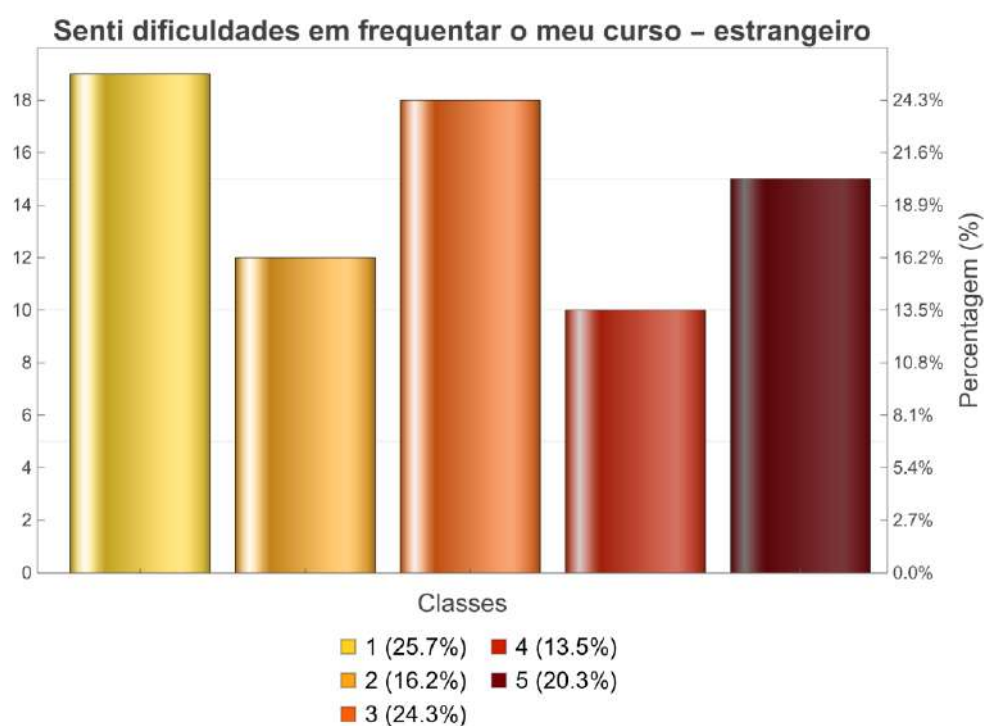
Do ponto de vista da dispersão, o desvio-padrão de **0,66** e a variância de **0,43** indicam uma variabilidade moderada, compatível com escalas fortemente assimétricas para valores elevados. A assimetria negativa (**-1,419**) confirma precisamente essa concentração à direita da distribuição, isto é, nos níveis mais altos de concordância. A curtose positiva (**3,704**) sugere uma distribuição mais “pontaguda” do que a normal, novamente coerente com a acumulação significativa de respostas no valor máximo.

Importa ainda sublinhar que o valor mínimo observado é **3**, o que significa que mesmo as avaliações mais críticas permanecem num registo neutro, nunca negativo. Este aspecto é particularmente relevante, pois indica que, entre os diplomados no estrangeiro, não há evidência de uma percepção de insuficiência formativa face às exigências profissionais contemporâneas.

Temos uma percepção muito sólida de que a experiência formativa internacional não apenas transmite conhecimentos técnicos, mas também competências transversais e capacidade de adaptação a contextos profissionais complexos e competitivos. Esta leitura é coerente com outros indicadores de satisfação e empregabilidade analisados anteriormente, reforçando a ideia de que a formação no estrangeiro constitui um activo estratégico na qualificação de recursos humanos altamente preparados para responder a desafios locais e globais.

5.7 Senti Dificuldades em Frequentar o Meu Curso

Medida	Valor
Variável	Senti dificuldades em frequentar o meu curso - estrangeiro
N	74
Média	2.86
Mediana	3.00
Moda(s)	1
Desvio padrão	1.46
Variância	2.15
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	1
Q3 (3.º quartil)	4
Amplitude interquartil	3
Assimetria	0.130
Curtose	1.703



A análise da afirmação “**Senti dificuldades em frequentar o meu curso**”, dirigida aos diplomados no estrangeiro, revela um quadro **heterogéneo e equilibrado**, bastante distinto dos indicadores de satisfação analisados anteriormente, que tendiam para avaliações claramente positivas.

A média de **2,86** situa-se ligeiramente abaixo do ponto intermédio da escala de Likert (3), sugerindo que, em termos globais, as dificuldades sentidas não são percebidas como dominantes, mas também não podem ser consideradas residuais. A mediana de **3** confirma esta leitura de neutralidade agregada, enquanto a moda igual a **1** indica que a resposta mais frequente corresponde a **“total desacordo”**, ou seja, um número significativo de inquiridos afirma não ter sentido dificuldades relevantes.

O gráfico mostra, contudo, uma dispersão considerável das respostas ao longo de toda a escala. **25,7%** dos respondentes posicionam-se no nível 1 e **16,2%** no nível 2, o que significa que cerca de **42%** reportam poucas ou nenhuma dificuldades. Em contrapartida, **24,3%** escolhem a opção intermédia (3), reflectindo experiências ambíguas ou contextuais, e um total de **33,8%** (níveis 4 e 5) reconhece ter enfrentado dificuldades significativas durante o percurso formativo.

Esta diversidade de experiências é confirmada pelos indicadores de dispersão. O desvio-padrão de **1,46** e a variância de **2,15** são relativamente elevados para uma escala de cinco pontos, evidenciando uma variabilidade real nas trajectórias individuais. A amplitude interquartil de **3** (Q1 = 1; Q3 = 4) reforça esta ideia, mostrando que metade das respostas se distribui por um intervalo largo da escala.

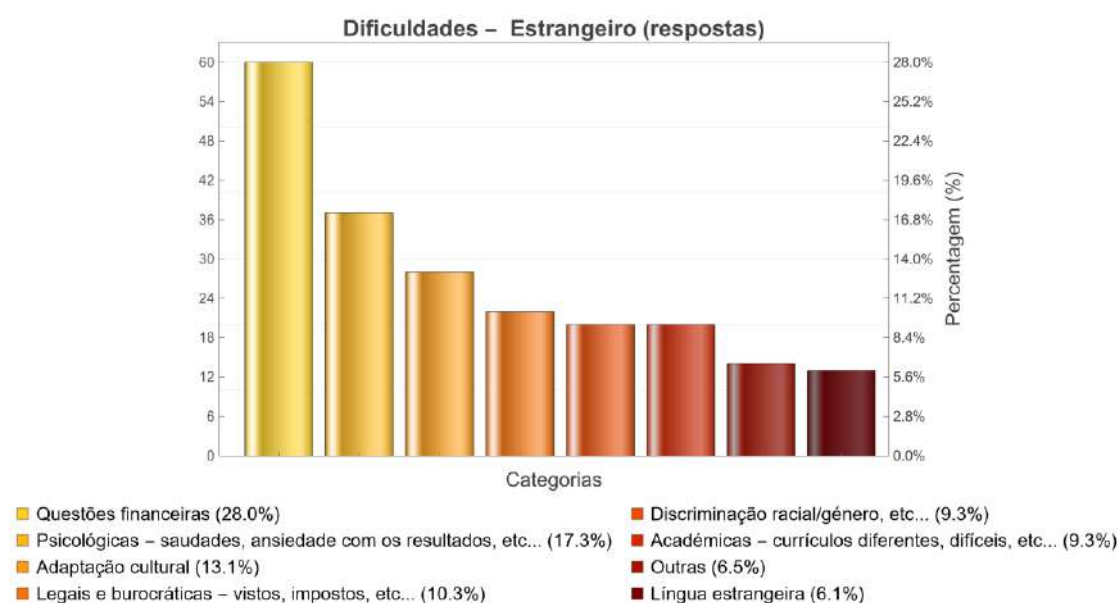
A assimetria ligeiramente positiva (**0,130**) indica uma distribuição relativamente equilibrada, sem enviesamento marcado para os extremos, enquanto a curtose de **1,703** sugere uma distribuição menos concentrada do que nos indicadores de satisfação, com maior peso nas respostas intermédias.

Em termos interpretativos, estes resultados são coerentes com a natureza exigente da experiência formativa internacional. As dificuldades reportadas podem estar associadas a factores como barreiras linguísticas, adaptação cultural, exigência académica elevada, métodos de ensino distintos ou constrangimentos financeiros e emocionais. Importa sublinhar que a presença destas dificuldades não invalida — antes complementa — os elevados níveis de satisfação global e de percepção de qualidade e preparação profissional observados noutras dimensões.

Uma parte relevante dos diplomados enfrentou desafios reais ao longo do percurso formativo no estrangeiro, mas esses desafios coexistem com avaliações muito positivas do impacto global da formação. Tal sugere que as dificuldades foram, em muitos casos, **superadas e integradas como parte do processo de aprendizagem e crescimento**, reforçando a robustez e o valor formativo da experiência internacional.

5.7.1 Dificuldades apontadas pelos estudantes no estrangeiro

Categoria	Indivíduos	% (indiv.)	Respostas	% (resp.)
Questões financeiras	60	54.1%	60	28.0%
Psicológicas - saudades, ansiedade com os resultados, etc...	37	33.3%	37	17.3%
Adaptação cultural	28	25.2%	28	13.1%
Legais e burocráticas - vistos, impostos, etc...	22	19.8%	22	10.3%
Discriminação racial/género, etc...	20	18.0%	20	9.3%
Académicas - currículos diferentes, difíceis, etc...	20	18.0%	20	9.3%
Língua estrangeira	13	11.7%	13	6.1%
Outras	14	12.6%	14	6.5%
Total	111	100.0%	214	100.0%



A informação apresentada permite identificar, de forma clara, os **principais tipos de dificuldades vivenciadas pelos bolseiros no estrangeiro**, distinguindo entre a proporção de **indivíduos afectados** e o peso relativo de cada categoria no **conjunto total de respostas**. Esta distinção é relevante porque vários respondentes assinalaram mais do que uma dificuldade, reflectindo a natureza cumulativa da experiência.

As **questões financeiras** destacam-se como a dificuldade mais frequente, sendo referidas por **54,1% dos indivíduos** e correspondendo a **28,0% do total de respostas**. Este resultado indica que mais de metade dos bolseiros enfrentou constrangimentos económicos durante o período de formação, confirmando que a bolsa não elimina totalmente a pressão financeira associada à permanência no estrangeiro.

As **dificuldades de natureza psicológica**, associadas a saudades, ansiedade, stress académico ou pressão pelos resultados, surgem em segundo lugar, afectando **33,3% dos indivíduos** e representando **17,3% das respostas**. Este valor revela que uma proporção significativa dos bolseiros experienciou desafios emocionais relevantes ao longo do percurso formativo.

A **adaptação cultural** é mencionada por **25,2% dos indivíduos (13,1% das respostas)**, evidenciando dificuldades relacionadas com normas sociais, estilos de vida e contextos institucionais distintos dos de origem. Estas dificuldades tendem a surgir em articulação com as dimensões psicológicas e de integração social.

As **questões legais e burocráticas**, incluindo vistos, autorizações de residência, impostos ou procedimentos administrativos, são assinaladas por **19,8% dos indivíduos**, correspondendo a **10,3% das respostas**. Embora menos frequentes do que as dificuldades financeiras ou psicológicas, estes constrangimentos têm impacto directo na estabilidade do percurso académico.

As **dificuldades académicas**, associadas a currículos diferentes, maior exigência ou métodos de avaliação distintos, afectam igualmente **18,0% dos indivíduos (9,3% das respostas)**. Este resultado mostra que os desafios académicos existem, mas não constituem a dimensão dominante da experiência formativa.

A **discriminação racial ou de género** é também referida por **18,0% dos indivíduos**, representando **9,3% das respostas**. Trata-se de um valor que não pode ser considerado residual, indicando que uma parte significativa, quase um quinto, dos bolseiros enfrentou situações de exclusão ou tratamento desigual.

Por fim, as dificuldades relacionadas com a **língua estrangeira** são mencionadas por **11,7% dos indivíduos (6,1% das respostas)**, sugerindo que, embora a maioria tenha conseguido lidar adequadamente com a exigência linguística, esta permanece um obstáculo relevante para uma minoria, nata-se também que muitos dos estudantes estiveram num contexto linguístico do português, em Portugal e no Brasil, como se pode ver mais acima, nas estatísticas do país de acolhimento.

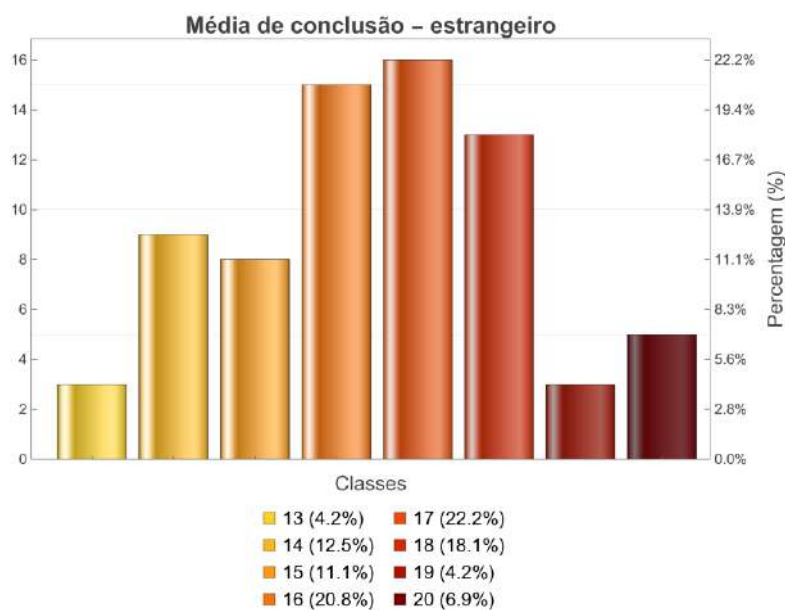
No seu conjunto, os dados mostram que as dificuldades mais frequentes se situam sobretudo nos planos **financeiro, psicológico e de adaptação**, enquanto os obstáculos estritamente académicos assumem um peso relativo menor, evidenciando a complexidade do contexto em que decorre a formação internacional.

Dados Estatísticos Sobre Conclusão dos Estudos

6.1 Média de conclusão – estudos concluídos

6.1.1 Estrangeiro

Medida	Valor
Variável	Média de conclusão - estrangeiro
N	72
Média	16.50
Mediana	17.00
Moda (s)	17
Desvio padrão	1.79
Variância	3.21
Mínimo	13
Máximo	20
Q1 (1.º quartil)	15
Q3 (3.º quartil)	18
Amplitude interquartil	3
Assimetria	0.022
Curtose	2.462



Os dados relativos à **média de conclusão no estrangeiro** revelam uma distribuição bastante concentrada e estável em torno dos valores centrais, permitindo caracterizar com alguma precisão o desempenho médio dos estudantes no momento de conclusão.

A amostra considerada inclui **72 indivíduos**, com uma **média de conclusão de 16,5 valores**, valor muito próximo da **mediana (17)** e coincidente com a **moda**, o que indica uma forte concentração das classificações em torno deste patamar. Esta proximidade entre média, mediana e moda sugere uma distribuição globalmente equilibrada, sem deslocamentos relevantes para valores extremos.

O intervalo observado vai de um **mínimo de 13 valores** a um **máximo de 20**, traduzindo uma amplitude total moderada. O **desvio padrão de 1,79 valores** confirma que a dispersão em torno da média é relativamente reduzida, indicando uma homogeneidade apreciável nos resultados finais obtidos pelos estudantes. A **variância de 3,21** reforça esta leitura de variabilidade contida.

A análise por quartis mostra que **50% das observações se situam entre 15 e 18 valores**, com um **intervalo interquartil de apenas 3 valores**. Este dado é particularmente relevante, pois demonstra que a maioria dos estudantes conclui os seus estudos dentro de um intervalo relativamente estreito de classificações, afastando a ideia de resultados muito díspares.

A **assimetria praticamente nula (0,022)** indica uma distribuição quase perfeitamente simétrica, sem enviesamento significativo para valores mais baixos ou mais elevados. A **curtose de 2,462**, inferior ao valor de referência da distribuição normal, aponta para uma distribuição ligeiramente mais achatada, com menor concentração extrema em torno da média, mas sem desvios acentuados.

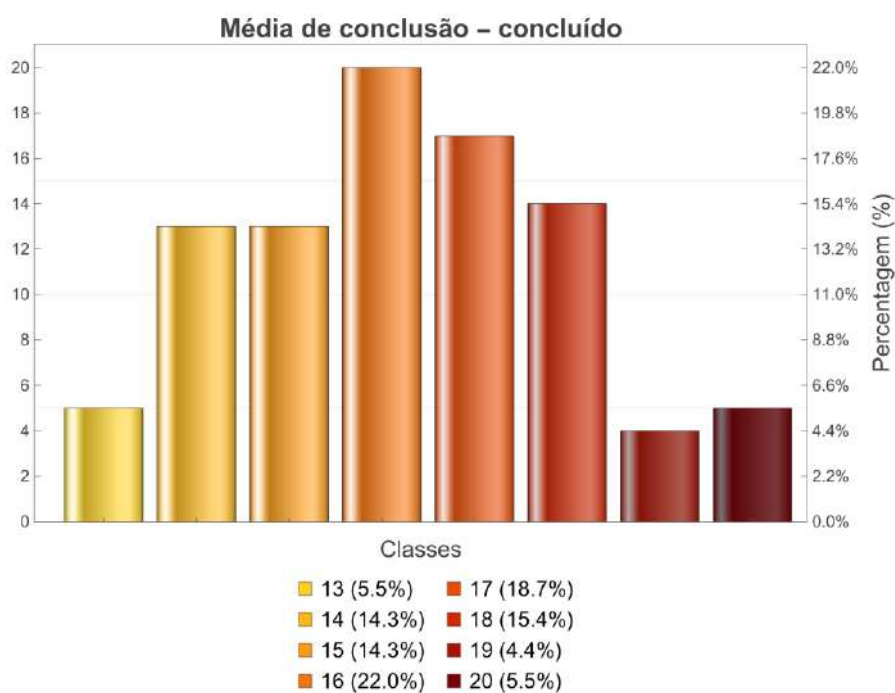
A leitura do gráfico confirma esta estrutura: as classificações mais frequentes concentram-se entre **16 e 18 valores**, com destaque para os **17 valores (22,2%)**, seguidos de **16 valores (20,8%)** e **18 valores (18,1%)**. As classificações mais baixas (13 e 14 valores) e as mais elevadas (19 e 20 valores) surgem com menor frequência, reforçando o carácter central da distribuição.

No seu conjunto, estes resultados mostram que a conclusão dos estudos no estrangeiro ocorre, maioritariamente, com **classificações consistentes e relativamente elevadas**, apresentando baixa dispersão e elevada concentração em torno de valores intermédios-altos. A distribuição observada não evidencia padrões de polarização nem sinais de fragilidade generalizada no desempenho académico, apontando antes para uma conclusão marcada por resultados académicos estáveis e previsíveis dentro do grupo analisado.

6.1.2 Todos os diplomados

Temos aqui todos os estudantes, incluindo os que também tiveram formação em Angola.

Medida	Valor
Variável	Média de conclusão - concluído
N	91
Média	16.25
Mediana	16.00
Moda (s)	16
Desvio padrão	1.80
Variância	3.26
Mínimo	13
Máximo	20
Q1 (1.º quartil)	15
Q3 (3.º quartil)	18
Amplitude interquartil	$\frac{11}{4}$
Assimetria	0.154
Curtose	2.410



A distribuição da **média de conclusão dos diplomados que já concluíram os estudos** apresenta um perfil muito próximo do observado anteriormente para o grupo formado no estrangeiro, embora com **ligeiras diferenças nos valores centrais e na dispersão**, que merecem ser assinaladas.

Neste conjunto, a amostra é mais alargada (**N = 91**), o que confere maior robustez estatística aos resultados. A **média de conclusão é de 16,25 valores**, ligeiramente inferior à média observada no grupo do estrangeiro (**16,50**), diferença que é coerente com a **mediana de 16** e com a **moda também fixada em 16**. Este alinhamento entre média, mediana e moda indica novamente uma distribuição bem centrada, sem enviesamentos relevantes.

O intervalo de variação mantém-se idêntico ao anterior, com **mínimo de 13 valores** e **máximo de 20**, sugerindo que ambos os grupos partilham limites semelhantes de desempenho académico. O **desvio padrão (1,80)** é praticamente igual ao observado no grupo do estrangeiro (1,79), o que indica um nível de dispersão comparável. A **variância (3,26)** confirma esta leitura de estabilidade.

A análise por quartis mostra que **50% dos diplomados se situam entre 15 e 18 valores**, exactamente o mesmo intervalo interquartil identificado anteriormente, embora aqui com uma **amplitude interquartil de 4 valores**, ligeiramente superior à do grupo do estrangeiro. Este pequeno aumento sugere uma dispersão marginalmente maior no grupo dos concluídos, mas sem alteração substantiva do padrão geral.

A **assimetria positiva muito reduzida (0,154)** indica uma distribuição quase simétrica, com uma ligeira inclinação para valores mais elevados, enquanto a **curtose de 2,410** aponta, tal como antes, para uma distribuição algo mais achatada do que a normal, sem concentração excessiva em torno da média.

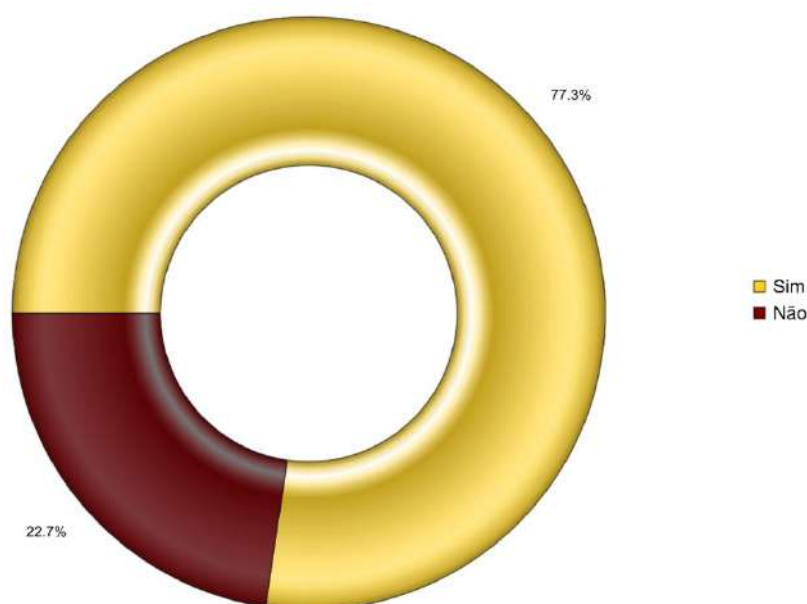
O gráfico confirma estas conclusões: a maior frequência ocorre em **16 valores (22,0%)**, seguida de **17 valores (18,7%)** e **18 valores (15,4%)**, reforçando a centralidade do intervalo 16–18. As classificações mais baixas (13 e 14) e as mais elevadas (19 e 20) continuam a ter um peso reduzido, mantendo-se periféricas na distribuição.

Comparando ambos os grupos, observa-se que o **perfil académico é muito semelhante**, com resultados consistentes, concentração em valores intermédios-altos e baixa dispersão. A principal diferença reside numa **ligeira redução da média e da mediana** no grupo dos concluídos, acompanhada por uma dispersão marginalmente superior. Estas diferenças são pequenas e não alteram a leitura global: em ambos os casos, a conclusão dos estudos ocorre maioritariamente com classificações estáveis e relativamente elevadas, sem sinais de polarização ou fragilidade académica.

6.2 Regressou a Angola no final dos seus estudos?

6.2.1 Estudantes no estrangeiro

Regressou a Angola após concluir o seu curso? – estrangeiro



Os dados relativos ao **regresso a Angola após a conclusão do curso no estrangeiro** mostram um padrão maioritariamente alinhado com o objectivo formal do programa, embora com uma margem não negligenciável de não cumprimento.

A maioria dos diplomados inquiridos, **77,3% (58 indivíduos)**, declara ter regressado ao país após a conclusão da formação. Este valor indica que, para uma proporção significativa dos bolseiros, o percurso de formação internacional foi seguido pelo retorno ao contexto nacional, o que sugere uma adesão substancial à lógica de regresso associada ao programa.

Contudo, **22,7% (17 indivíduos)** referem não ter regressado a Angola após a conclusão dos estudos. Este resultado não pode ser considerado residual, representando aproximadamente **um em cada cinco diplomados**. A sua existência aponta para situações de adiamento, incumprimento ou reconfiguração do percurso pós-formação, cuja explicação poderá estar associada a múltiplos factores, incluindo oportunidades profissionais no exterior, constrangimentos administrativos, dificuldades de reintegração institucional ou opções pessoais.

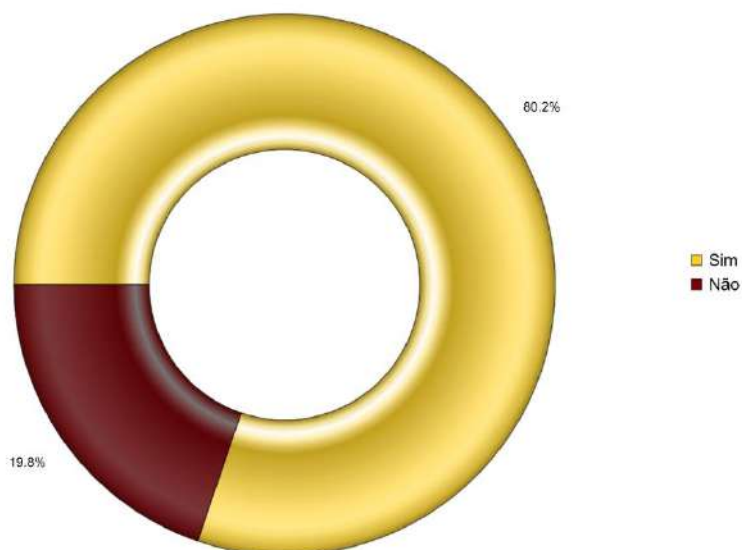
A leitura conjunta destes valores sugere, por um lado, que o mecanismo de retorno tem eficácia relevante em termos quantitativos, mas, por outro, que **o regresso não é automático nem universal**, mesmo quando formalmente exigido. A proporção de não regressos evidencia a importância de distinguir entre obrigação

normativa e capacidade efectiva de concretização, remetendo a análise para as condições institucionais, profissionais e económicas que enquadram o momento pós-conclusão.

Em termos analíticos, estes resultados reforçam a necessidade de tratar o regresso não apenas como um acto binário (regressou / não regressou), mas como um processo dependente do contexto e do acompanhamento pós-formação, especialmente quando o objectivo último é a integração produtiva dos diplomados no país.

6.2.2 Todos os que concluíram

Regressou a Angola após concluir o seu curso? – concluído



Os resultados relativos aos **diplomados que já concluíram os estudos** mostram um padrão de regresso a Angola **ligeiramente mais elevado** do que o observado no conjunto dos formados no estrangeiro.

Neste grupo, **80,2% dos respondentes (77 indivíduos)** indicam ter regressado ao país após a conclusão do curso, enquanto **19,8% (19 indivíduos)** referem não o ter feito. A diferença face ao grupo anterior é moderada, mas consistente, traduzindo um acréscimo de cerca de **3 pontos percentuais** na taxa de regresso.

Este valor sugere que, entre aqueles cujo percurso formativo está efectivamente encerrado e que concluíram os estudos no estrangeiro e/ou ANgola, o regresso tende a concretizar-se com maior frequência, o que é compatível com a ideia de que parte dos não regressos observados entre os formados no estrangeiro poderá corresponder a situações transitórias, adiamentos ou processos ainda em curso no momento da recolha de dados.

Ainda assim, a existência de **cerca de um quinto dos diplomados concluídos que não regressaram** continua a ser um dado estruturalmente relevante. Este resultado indica que a conclusão formal da formação não garante, por si só, o retorno ao país, reforçando a distinção entre cumprimento académico e integração territorial efectiva.

Do ponto de vista analítico, o gráfico confirma que o regresso é o comportamento dominante, mas não universal. A persistência de uma fracção significativa de não regressos aponta para a necessidade de interpretar o retorno como um fenómeno condicionado por factores profissionais, institucionais e contextuais, e não apenas como uma consequência automática da conclusão dos estudos ou de obrigações formais associadas ao programa.

6.2.3 Razões apontadas para o não regresso:

As respostas apresentadas reflectem um **conjunto muito heterogéneo de situações individuais**, não sendo apropriado qualquer tratamento analítico ou inferência geral, dado o **número reduzido de casos (17 respostas)** e o facto de cada motivo surgir apenas uma vez, correspondendo sempre a **5,9% do total**.

Os motivos invocados distribuem-se por diferentes ordens de razão. Em vários casos, os respondentes referem **questões administrativas e financeiras associadas à bolsa**, nomeadamente atrasos ou incumprimentos no pagamento de propinas, subsídios ou do último semestre, o que impediu a emissão de certificados ou diplomas e condicionou o regresso. Algumas respostas mencionam explicitamente sentimentos de **abandono institucional**, dificuldades acumuladas e endividamento resultante dessas situações.

Outras respostas indicam razões ligadas ao **percurso académico ainda em curso**, como a não conclusão do curso, a continuidade de estudos adicionais, a realização de mestrado ou doutoramento, ou exigências académicas específicas, como a publicação de artigos científicos antes do encerramento formal do ciclo de estudos.

Há igualmente referências a **condicionantes profissionais**, incluindo a falta de oportunidades de emprego em Angola, a procura de trabalho para regularizar dívidas, ou a ausência de garantias de reintegração no posto de trabalho anterior. Em alguns casos, surgem motivações de natureza mais subjectiva ou pessoal, expressas de forma breve.

No seu conjunto, estas respostas devem ser lidas **como testemunhos individuais**, ilustrativos da diversidade de percursos e constrangimentos enfrentados por alguns bolseiros, sem pretensão de representatividade estatística ou generalização para o universo dos beneficiários.

Seguem **seis citações literais**, tal como foram registadas pelos respondentes, para justificarem o seu não regresso, as três primeiras negativas e as três finais positivas:

“O INAGEB não cumpriu com o contrato: não pagou o meu último semestre e os subsídios de julho de 2024 a julho de 2025. Por outro, o ministério da educação não aceitou guardar o meu emprego (ainda que pedi que fosse sem salário). Isso levou-me a contrair dívidas, agora luto por pagar essas dívidas e atender a minha família ao mesmo tempo.”

“Ainda não foi paga a dívida da universidade e não tenho o certificado nem o diploma.”

“Estou à procura de emprego para pagar as dívidas contraídas durante o semestre que o INAGBE decidiu me abandonar.”

“Irei regressar após a conclusão de mais uma formação que estou a fazer.”

“Para dar continuidade aos estudos.”

“Tive a possibilidade de continuar com o doutoramento.”

6.3 Está a contribuir profissionalmente para instituições do Estado ou projectos governamentais em Angola?

Está a contribuir profissionalmente para instituições do Estado ou projectos governamentais em Angola? – concluído



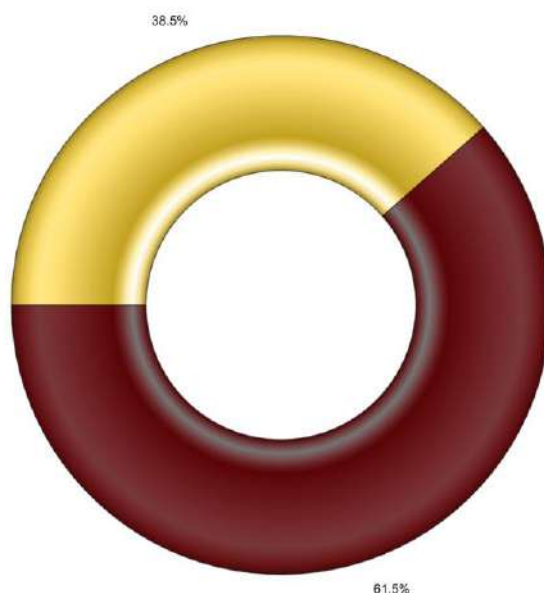
Observa-se que, entre os inquiridos que **concluíram os estudos**, a **maioria não está a contribuir profissionalmente para instituições do Estado ou projectos governamentais em Angola**. Concretamente, **56,3% (54 indivíduos)** indicam não se encontrar envolvidos nesse tipo de actividade, enquanto **43,8% (42 indivíduos)** afirmam estar a contribuir.

A **integração efectiva em funções ou projectos públicos não é maioritária**, mesmo após a conclusão da formação. A diferença entre as duas categorias é moderada, mas consistente, sugerindo que a conclusão do curso, por si só, **não garante automaticamente a integração profissional no sector público ou em iniciativas governamentais**.

Os dados descrevem, assim, uma situação em que uma parte relevante dos diplomados já se encontra a contribuir institucionalmente, mas onde **mais de metade permanece fora desses circuitos**, reflectindo trajetórias profissionais diversas e possíveis constrangimentos de absorção por parte das estruturas estatais.

6.4 Considera que o seu potencial para o país está a ser plenamente aproveitado?

Considera que o seu potencial para o país está a ser plenamente aproveitado? – concluído



Os resultados indicam que, entre os inquiridos que **concluíram os estudos**, a **percepção dominante é a de subaproveitamento do seu potencial para o país**. Uma maioria clara, **61,5% (59 indivíduos)**, considera que o seu potencial **não está a ser plenamente aproveitado**, enquanto **38,5% (37 indivíduos)** entende que está a contribuir de forma adequada.

Esta distribuição revela um desfasamento relevante entre a qualificação adquirida e a utilização efectiva das competências no contexto nacional. Mesmo entre diplomados que já regressaram e, em muitos casos, se encontram activos profissionalmente, prevalece a sensação de que **as capacidades, conhecimentos e experiência acumulados não estão a ser mobilizados de forma plena**.

O gráfico traduz, assim, uma percepção generalizada de **ineficiência na absorção do capital humano qualificado**, mais do que uma avaliação individual de desempenho. A resposta negativa maioritária sugere limitações estruturais na integração profissional, na adequação entre formação e funções

desempenhadas ou nas oportunidades disponíveis para aplicar competências de elevado nível em benefício do país.

6.5 Explique como o seu Potencial se Poderia Desenvolver de Forma a Contribuir mais para o nosso País? Resposta Aberta

A análise da resposta “Explique como o seu potencial se poderia desenvolver de forma a contribuir mais para o nosso país?” revela um padrão de respostas notavelmente consistente, apesar da diversidade de percursos académicos, áreas científicas e experiências profissionais dos inquiridos. Trata-se de uma pergunta aberta, de natureza qualitativa, e as respostas fornecem um retrato claro não apenas das expectativas individuais, mas sobretudo das fragilidades estruturais do sistema de integração do capital humano altamente qualificado em Angola.

Em primeiro lugar, emerge de forma transversal a ideia de que o desenvolvimento do potencial individual depende, antes de mais, do enquadramento profissional adequado à área de formação. A esmagadora maioria dos respondentes afirma possuir competências técnicas, científicas ou pedagógicas relevantes, adquiridas com elevado investimento público e pessoal, muitas vezes no estrangeiro, mas refere não ter oportunidade de exercer na sua área específica. Esta desconexão entre formação e colocação profissional surge como o principal bloqueio à contribuição efectiva para o desenvolvimento do país. Não se trata de uma reivindicação genérica de emprego, mas de um pedido claro de alinhamento entre qualificações avançadas e funções desempenhadas.

Um segundo eixo fortemente presente nas respostas prende-se com o papel do ensino e da formação, em particular no ensino superior e na formação de professores. Muitos inquiridos identificam o sistema educativo como um espaço privilegiado para aplicar conhecimentos adquiridos no exterior, introduzir metodologias pedagógicas mais modernas, reforçar a componente prática do ensino e promover a inovação didáctica, incluindo modelos híbridos e o uso de tecnologias digitais. Esta visão sugere uma consciência clara de que o desenvolvimento do país passa, estruturalmente, pela qualificação contínua do seu sistema educativo e pela valorização do conhecimento científico e pedagógico.

Paralelamente, destaca-se de forma muito significativa a referência à investigação científica, à inovação e à transferência de conhecimento. Diversos respondentes mencionam experiência em investigação, publicação científica, trabalho laboratorial ou participação em projectos tecnológicos avançados, sublinhando a ausência de condições institucionais que permitam dar continuidade a esse trabalho em Angola. Surge aqui uma crítica implícita à inexistência, ou fragilidade, de um ecossistema científico nacional capaz de integrar investigadores formados, articular universidades com o sector produtivo e transformar conhecimento académico em valor económico e social.

Outro tema recorrente, abordado de forma mais explícita e crítica, diz respeito à administração pública, à burocracia e à ausência de critérios meritocráticos claros. Algumas respostas descrevem situações concretas de concursos públicos concluídos sem integração efectiva, atrasos administrativos prolongados ou falta de resposta institucional. Estas referências apontam para um problema sistémico de governação e gestão de recursos humanos, que mina a confiança dos quadros qualificados e contribui para a subutilização de competências estratégicas para o país.

As respostas também evidenciam uma forte concentração de competências em sectores considerados estratégicos para o desenvolvimento nacional, como energia, recursos naturais, ambiente, tecnologias de informação, engenharia, agricultura, planeamento urbano e saúde. Longe de constituir uma dispersão aleatória, esta diversidade sectorial revela um alinhamento claro entre a formação dos bolseiros e as necessidades estruturais do país. O potencial identificado pelos próprios respondentes corresponde, em muitos casos, a áreas onde Angola recorre sistematicamente a consultoria externa, frequentemente sem integrar técnicos nacionais qualificados.

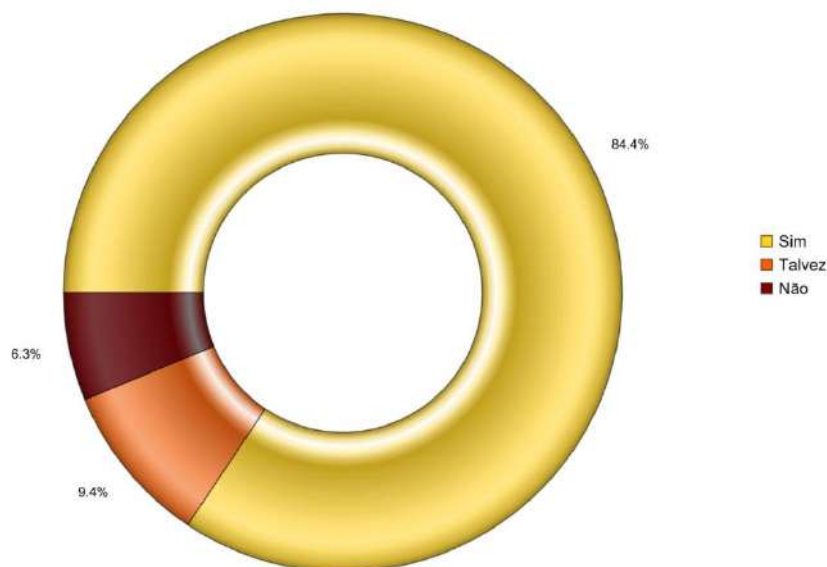
Em menor escala, mas de forma consistente, surgem referências ao empreendedorismo, à criação de startups e à iniciativa privada como vias alternativas de contribuição para o desenvolvimento. No entanto, estas propostas aparecem quase sempre condicionadas à existência de apoio institucional mínimo, acesso a financiamento, enquadramento legal adequado e políticas públicas que incentivem a inovação e a criação de valor local. O empreendedorismo é visto menos como substituto do Estado e mais como complemento a um ambiente institucional funcional.

Finalmente, atravessando praticamente todas as respostas, encontra-se uma dimensão de reconhecimento, dignidade e retorno social do investimento público. Muitos inquiridos exprimem orgulho na formação recebida e no regresso ao país, mas também frustração perante a sensação de desvalorização e abandono institucional. Esta dimensão não deve ser lida como mera queixa individual, mas como um alerta claro para o risco de transformar investimento público em capital humano improdutivo por ausência de políticas de integração eficazes.

Esta resposta evidencia que o desenvolvimento do potencial dos bolseiros não depende primariamente de factores individuais, mas da existência de mecanismos institucionais claros, transparentes e funcionais que assegurem a integração profissional, científica e social de quadros altamente qualificados. As respostas apontam para a necessidade de políticas públicas activas de absorção de capital humano, reforço da meritocracia, articulação entre formação e mercado de trabalho, e criação de ecossistemas de inovação e investigação. Sem estas condições estruturais, o potencial identificado permanece latente; com elas, poderia transformar-se num contributo decisivo para o desenvolvimento sustentável do país.

6.6 Tem interesse em permanecer ou regressar em Angola a longo prazo?

Tem interesse em permanecer ou regressar em Angola a longo prazo? – concluído



Os resultados mostram uma **forte intenção de permanência ou regresso a Angola a longo prazo** entre os inquiridos que concluíram os estudos. Uma larga maioria, **84,4% (81 indivíduos)**, responde afirmativamente, indicando uma clara disponibilidade para construir o seu percurso profissional e pessoal no país.

A categoria “**Talvez**”, com **9,4% (9 indivíduos)**, sugere uma posição intermédia, tipicamente associada a incerteza quanto às condições futuras de integração profissional, estabilidade laboral ou valorização das competências adquiridas. Este grupo não rejeita a permanência, mas condiciona a decisão à evolução do contexto institucional e económico.

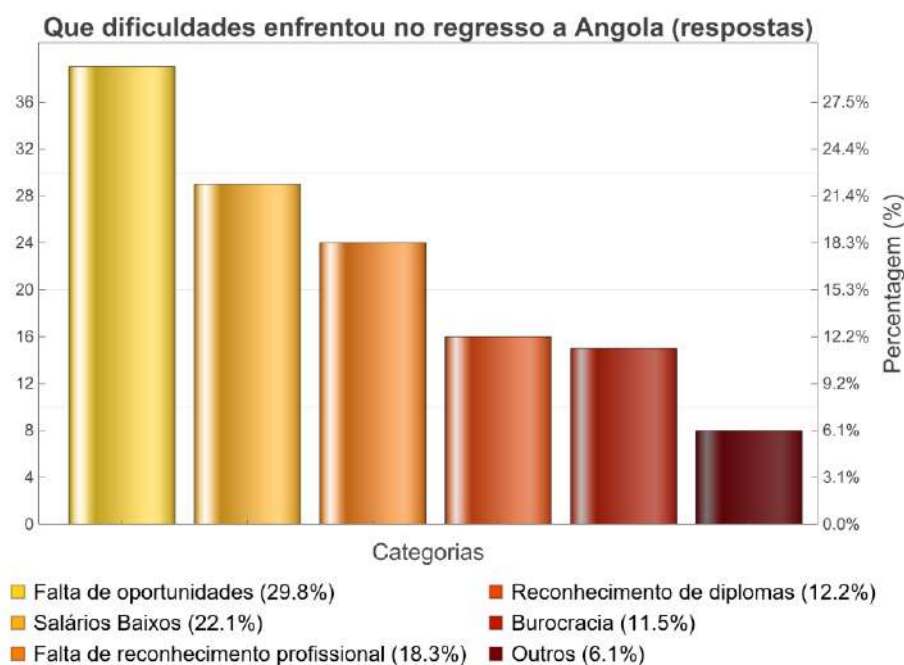
Por fim, apenas **6,3% (6 indivíduos)** afirmam não ter interesse em permanecer ou regressar a Angola a longo prazo. Trata-se de uma minoria residual, o que reforça a leitura de que a **vontade de permanência existe de forma muito expressiva**, mesmo num contexto em que outros indicadores revelam dificuldades de emprego, subaproveitamento do potencial e constrangimentos institucionais.

Em conjunto, estes dados evidenciam um **alinhamento forte entre o investimento público em formação e a intenção de retorno e permanência dos diplomados**, sugerindo que os principais desafios não residem na falta de compromisso dos beneficiários, mas antes nas condições estruturais que permitam transformar essa disponibilidade em integração efectiva e contributo sustentável para o país.

6.7 Que dificuldades enfrentou no regresso a Angola

Indivíduos que estudaram no estrangeiro e já regressaram.

Categoria	Indivíduos	% (indiv.)	Respostas	% (resp.)
Falta de oportunidades	39	55.7%	39	29.8%
Salários Baixos	29	41.4%	29	22.1%
Falta de reconhecimento profissional	24	34.3%	24	18.3%
Reconhecimento de diplomas	16	22.9%	16	12.2%
Burocracia	15	21.4%	15	11.5%
Outros	8	11.4%	8	6.1%
Total	70	100.0%	131	100.0%



A distribuição das dificuldades enfrentadas no regresso a Angola revela um conjunto de obstáculos estruturais, sobretudo de natureza **económica e institucional**, que condicionam a reintegração dos diplomados.

A dificuldade mais frequentemente assinalada é a **falta de oportunidades profissionais**, mencionada por **55,7% dos indivíduos**, correspondendo a **29,8% do total de respostas**. Este dado indica que, para mais de metade dos respondentes, o principal constrangimento não está na formação adquirida, mas na limitada capacidade do mercado de trabalho para absorver perfis qualificados, em particular após percursos formativos exigentes.

Os **salários baixos** surgem como o segundo factor mais relevante, referidos por **41,4% dos indivíduos** (**22,1% das respostas**). Este resultado sugere que, mesmo quando existe colocação profissional, as

condições remuneratórias são frequentemente percebidas como desajustadas face às qualificações e expectativas criadas pela formação avançada.

Segue-se a **falta de reconhecimento profissional**, indicada por **34,3% dos indivíduos (18,3% das respostas)**, o que aponta para dificuldades de valorização efectiva das competências adquiridas, seja em termos de progressão na carreira, enquadramento funcional ou estatuto profissional.

As dificuldades associadas ao **reconhecimento de diplomas**, assinaladas por **22,9% dos indivíduos (12,2% das respostas)**, evidenciam entraves administrativos que atrasam ou limitam o acesso ao mercado de trabalho, mesmo após a conclusão formal dos estudos. De forma próxima, a **burocracia**, mencionada por **21,4% dos indivíduos (11,5% das respostas)**, reforça a percepção de processos morosos e pouco articulados entre instituições.

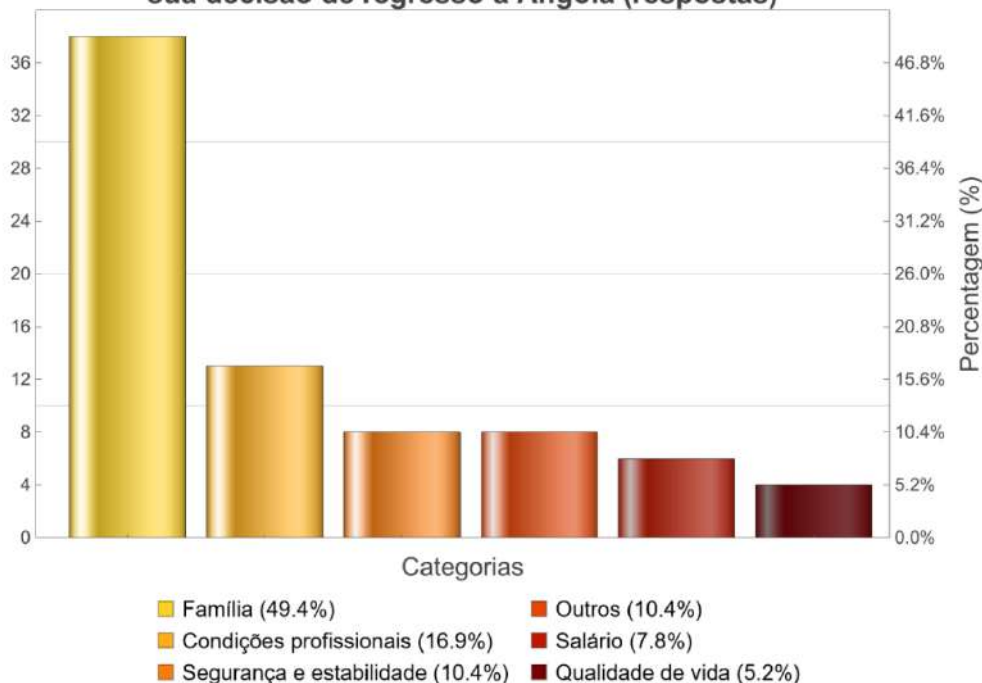
No seu conjunto, os dados mostram que as dificuldades no regresso não são pontuais nem individuais, mas resultam sobretudo de **limitações estruturais do mercado de trabalho, de enquadramento institucional e de valorização profissional**, que afectam de forma transversal os diplomados regressados.

6.8 Factores que influenciaram a sua decisão de regresso a Angola

Diplomados no estrangeiro que regressaram.

Categoria	Indivíduos	% (indiv.)	Respostas	% (resp.)
Família	38	67.9%	38	49.4%
Condições profissionais	13	23.2%	13	16.9%
Segurança e estabilidade	8	14.3%	8	10.4%
Outros	8	14.3%	8	10.4%
Salário	6	10.7%	6	7.8%
Qualidade de vida	4	7.1%	4	5.2%
Total	56	100.0%	77	100.0%

Factores que influenciaram a sua decisão de regresso a Angola (respostas)



A distribuição dos factores que influenciam a decisão de permanecer ou regressar a Angola evidencia uma hierarquia clara de motivações, com predominância de dimensões **sociais e pessoais** sobre factores estritamente económicos.

A **família** surge como o principal elemento determinante, referida por **67,9% dos indivíduos**, correspondendo a **49,4% do total de respostas**. Este resultado indica que, para a maioria dos respondentes, as decisões de permanência ou regresso são fortemente ancoradas em vínculos familiares, redes de apoio e responsabilidades pessoais, assumindo um peso claramente superior a qualquer outro factor considerado.

As **condições profissionais** aparecem num segundo plano, mencionadas por **23,2% dos indivíduos (16,9% das respostas)**. Embora relevantes, estes dados sugerem que as oportunidades de carreira, o enquadramento funcional ou as perspectivas de progressão, apesar de importantes, não são o principal motor das decisões de longo prazo, funcionando antes como factores condicionantes.

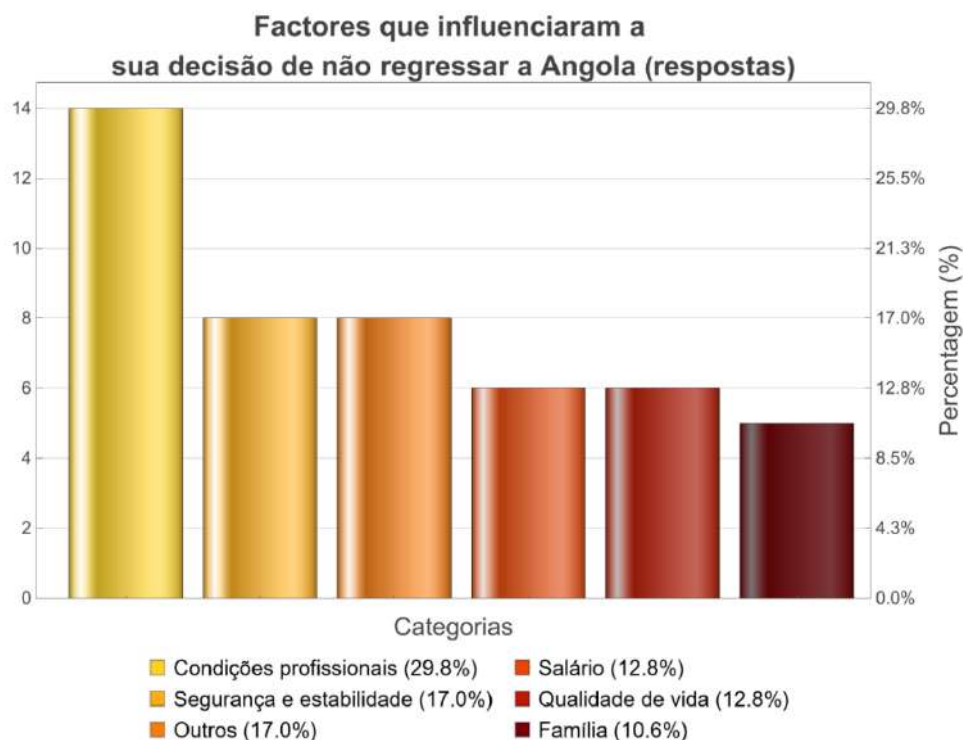
A **segurança e estabilidade**, assinaladas por **14,3% dos indivíduos (10,4% das respostas)**, reforçam a importância de contextos institucionais previsíveis e de condições de vida seguras, ainda que com um peso inferior ao das dimensões familiares e profissionais.

O **salário**, referido por apenas **10,7% dos indivíduos (7,8% das respostas)**, surge com um peso relativamente reduzido, sugerindo que a remuneração, isoladamente, não é determinante para a maioria dos respondentes na decisão de permanecer ou regressar ao país. De forma semelhante, a **qualidade de vida**, mencionada por **7,1% dos indivíduos (5,2% das respostas)**, assume uma relevância marginal no conjunto das motivações identificadas.

Globalmente, os resultados indicam que as decisões de longo prazo relativas à permanência ou regresso a Angola são predominantemente orientadas por **factores familiares e relacionais**, sendo os aspectos económicos e profissionais relevantes, mas claramente secundários no processo decisório.

6.9 Factores que influenciaram a sua decisão de não regressar a Angola

Diplomados que não regressaram.



A distribuição apresentada refere-se a um subconjunto reduzido de respondentes e deve ser lida de forma descritiva, sem extrapolações excessivas. Ainda assim, permite identificar a **ordem relativa dos factores** que condicionam as decisões destes indivíduos.

As **condições profissionais** surgem como o factor mais frequentemente referido, mencionado por **63,6% dos indivíduos**, representando **29,8% do total de respostas**. Este resultado indica que, neste grupo específico, as oportunidades de carreira, o enquadramento funcional e as perspectivas de progressão assumem um papel central na avaliação do futuro profissional em Angola.

A **segurança e estabilidade** e a categoria **“Outros”** surgem num segundo patamar, ambas referidas por **36,4% dos indivíduos** e correspondendo a **17,0% das respostas** em cada caso.

Na categoria **“outros”** há situações de **continuação da formação**, em que os respondentes permanecem fora para concluir estudos adicionais ou consolidar o percurso académico. Outras respostas remetem para **motivações pessoais e familiares**, como a referência directa à **filha** ou a um **propósito de vida** ligado ao contributo para o país. Há ainda casos associados a **projectos profissionais**

próprios, nomeadamente a ligação a iniciativas empresariais, onde a permanência ou mobilidade está subordinada ao desenvolvimento dessas actividades.

No conjunto, esta categoria reúne respostas residuais, muito diversas entre si, que não traduzem um padrão dominante, mas antes **situações individuais específicas**.

Estes valores sugerem que factores relacionados com previsibilidade institucional, estabilidade social ou circunstâncias pessoais específicas têm um peso relevante, embora inferior ao das condições profissionais.

O **salário** e a **qualidade de vida** apresentam valores idênticos, sendo mencionados por **27,3% dos indivíduos (12,8% das respostas)** cada). Estes factores económicos e materiais são considerados importantes por uma parte significativa dos respondentes, mas não constituem o principal critério de decisão neste grupo.

A **família**, referida por **22,7% dos indivíduos (10,6% das respostas)**, assume aqui um peso mais reduzido quando comparada com outros segmentos analisados anteriormente. Esta diferença sugere que, para este subconjunto, as decisões estão menos ancoradas em vínculos familiares e mais orientadas por considerações profissionais e contextuais.

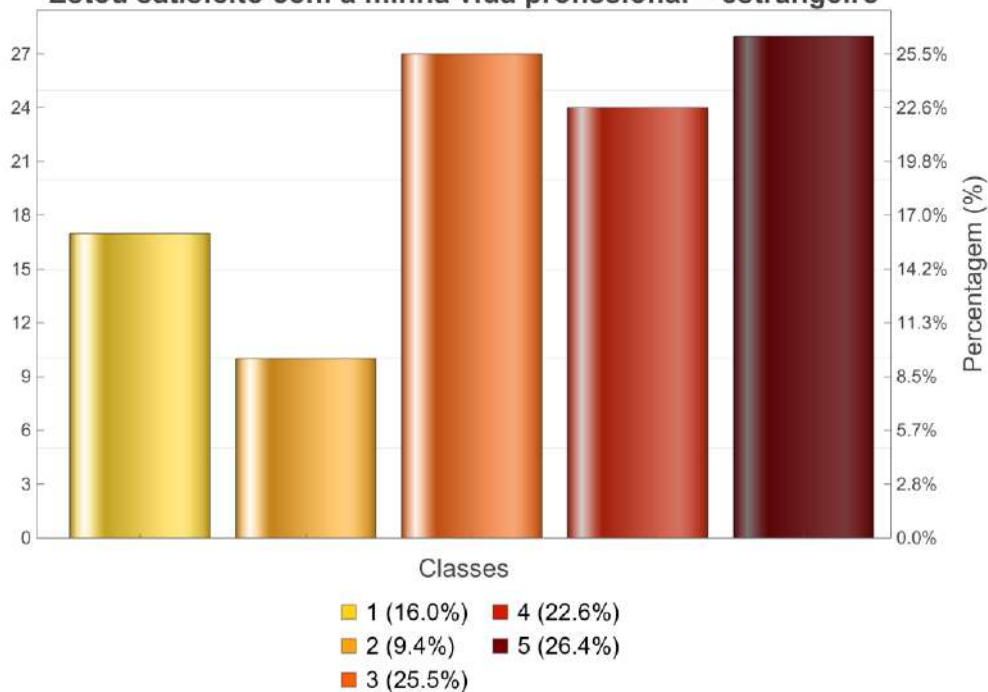
Os dados indicam um perfil decisório mais **centrado no mercado de trabalho e nas condições objectivas de exercício profissional**, com menor preponderância de factores familiares. Esta configuração distingue-se de outros grupos da amostra mais alargada e aponta para a heterogeneidade das motivações subjacentes às decisões de permanência ou regresso a Angola.

6.10 Índices Lickert de satisfação pessoal

6.10.1 Estou satisfeito com a minha vida profissional

Medida	Valor
Variável	Estou satisfeito com a minha vida profissional - estrangeiro
N	106
Média	3.34
Mediana	3.00
Moda (s)	5
Desvio padrão	1.39
Variância	1.92
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	2
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	3
Assimetria	-0.387
Curtose	1.977

Estou satisfeito com a minha vida profissional – estrangeiro



Medida	Valor
Variável	Estou satisfeito com a minha vida profissional – concluído
N	92
Média	3.04
Mediana	3.00
Moda (s)	4 , 3
Desvio padrão	1.37
Variância	1.89
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	2
Q3 (3.º quartil)	4
Amplitude interquartil	2
Assimetria	-0.130
Curtose	1.818



Os dois conjuntos de resultados permitem comparar a **satisfação com a vida profissional** entre os diplomados que **já concluíram os estudos** e o grupo de **formados no estrangeiro**, evidenciando diferenças moderadas, mas consistentes.

No grupo dos **concluídos**, a média situa-se em **3,04**, com **mediana igual a 3**, o que corresponde a uma avaliação globalmente neutra a ligeiramente positiva. A existência de duas modas (**3 e 4**) indica alguma divisão nas percepções, entre uma avaliação intermédia e uma avaliação já claramente positiva. O **desvio-padrão de 1,37** revela uma dispersão considerável das respostas, reflectindo experiências profissionais bastante diferenciadas. A distribuição é praticamente simétrica (**assimetria -0,130**), com metade das respostas concentradas entre **2 e 4**, como indicado pelos quartis. Este padrão sugere ausência de polarização forte, mas também falta de um consenso claro em torno de níveis elevados de satisfação.

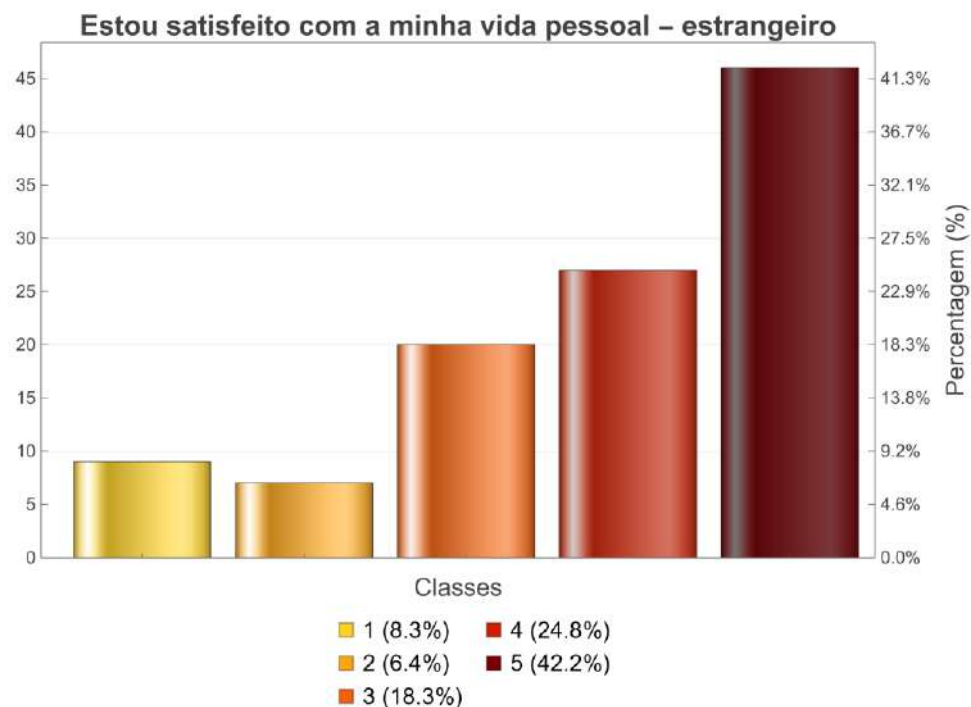
No grupo dos **formados no estrangeiro**, a média é mais elevada (**3,34**), mantendo-se a **mediana em 3**, mas com uma **moda situada no valor máximo da escala (5)**. Este dado indica que, embora a avaliação central continue a ser intermédia, existe uma proporção relevante de respondentes com níveis muito elevados de satisfação profissional. O **desvio-padrão (1,39)** é semelhante ao do grupo dos concluídos, sinalizando uma variabilidade comparável. No entanto, o **terceiro quartil no valor 5** e a **amplitude interquartil de 3** mostram uma maior dispersão para níveis altos de satisfação. A **assimetria mais negativa (-0,387)** confirma esta inclinação para valores elevados.

Em termos comparativos, os diplomados no estrangeiro revelam **níveis médios de satisfação profissional ligeiramente superiores** aos dos concluídos, bem como uma **maior presença de avaliações muito positivas**. A diferença não é extrema, mas é consistente ao longo das medidas de posição e

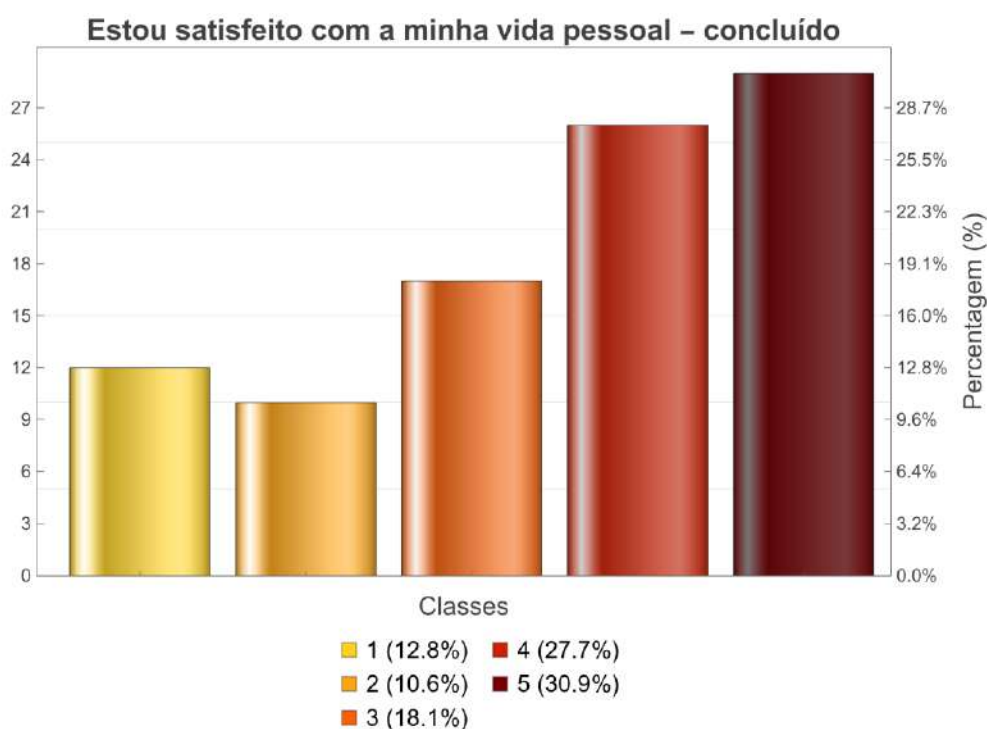
forma, sugerindo que a situação profissional dos formados no estrangeiro tende a ser percebida de forma mais favorável do que a dos que já encerraram formalmente o percurso académico.

6.10.2 Estou satisfeito com a minha vida pessoal

Medida	Valor
Variável	Estou satisfeito com a minha vida pessoal – estrangeiro
N	109
Média	3.86
Mediana	4.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	1.27
Variância	1.60
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	3
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	2
Assimetria	-0.924
Curtose	2.830



Medida	Valor
Variável	Estou satisfeito com a minha vida pessoal - concluído
N	94
Média	3.53
Mediana	4.00
Moda (s)	5
Desvio padrão	1.37
Variância	1.86
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	3
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	2
Assimetria	-0.590
Curtose	2.143



Os resultados relativos à **satisfação com a vida pessoal** revelam níveis globalmente elevados em ambos os grupos, com diferenças moderadas, mas consistentes, a favor dos **formados no estrangeiro**.

No grupo **estrangeiro**, a média situa-se em **3,86**, com **mediana de 4** e **moda no valor máximo da escala (5)**. Estes indicadores apontam para uma avaliação claramente positiva da vida pessoal. A dispersão é moderada (**desvio-padrão de 1,27**), ligeiramente inferior à observada no outro grupo, sugerindo maior homogeneidade nas percepções. Os quartis indicam que **50% das respostas se situam entre 3 e 5**,

reforçando a concentração em níveis elevados de satisfação. A **assimetria negativa acentuada (-0,924)** confirma uma forte inclinação para os valores altos da escala, enquanto a **curtose de 2,83** indica uma concentração relativamente elevada em torno desses valores.

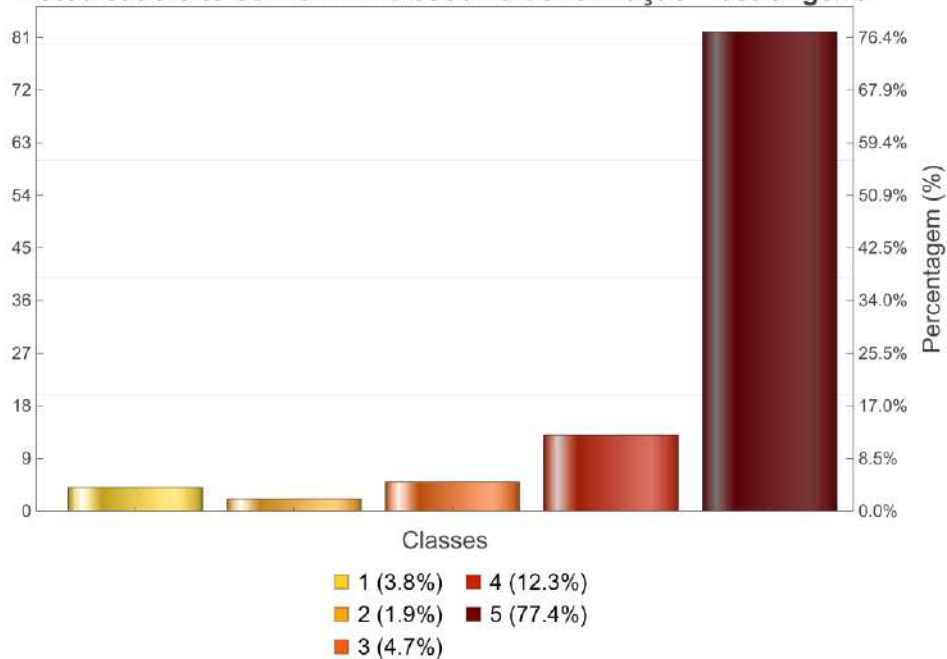
No grupo dos estudos **concluídos**, a média é mais baixa (**3,53**), embora a **mediana se mantenha em 4** e a **moda continue a ser 5**, o que revela que a avaliação global permanece positiva. Contudo, a dispersão é ligeiramente superior (**desvio-padrão de 1,37**), e a assimetria negativa é menos pronunciada (**-0,590**), indicando uma distribuição menos concentrada nos níveis mais altos. Tal como no grupo estrangeiro, o intervalo interquartil é de **2 valores**, com metade das respostas entre **3 e 5**, mas com maior peso relativo de avaliações intermédias.

Comparativamente, ambos os grupos revelam **níveis elevados de satisfação com a vida pessoal**, mas os formados no estrangeiro apresentam **uma avaliação média mais favorável, maior concentração em valores máximos e menor dispersão**. A diferença não é abrupta, mas é consistente em todas as medidas de posição e forma, sugerindo que a experiência no estrangeiro — ou o contexto associado a essa fase do percurso — está associada a uma percepção ligeiramente mais positiva da vida pessoal quando comparada com a situação dos diplomados já concluídos.

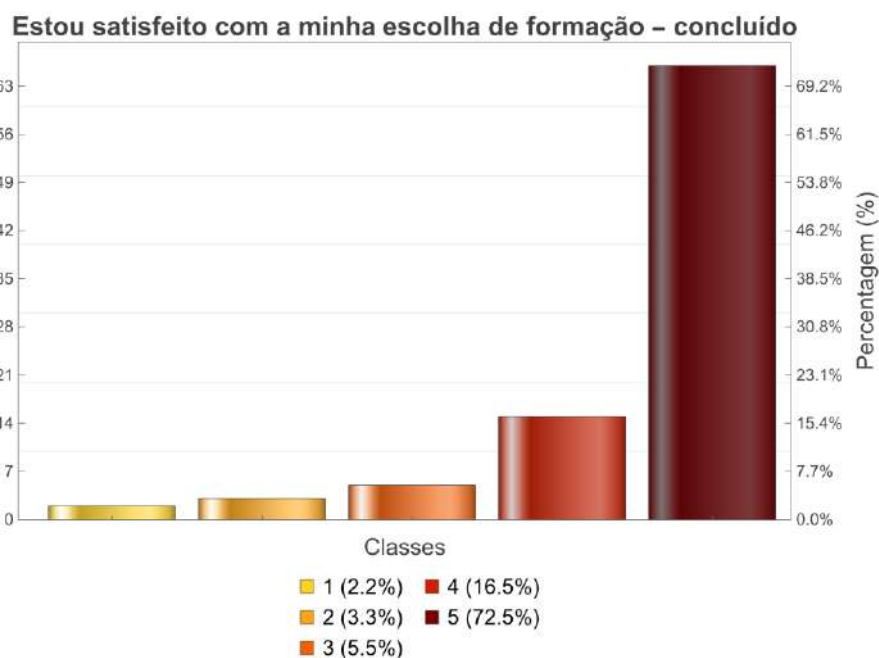
6.10.3 Estou satisfeito com a minha escolha de formação

Medida	Valor
Variável	Estou satisfeito com a minha escolha de formação - estrangeiro
N	106
Média	4.58
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	0.96
Variância	0.91
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	5
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	0
Assimetria	-2.552
Curtose	8.952

Estou satisfeito com a minha escolha de formação – estrangeiro



Medida	Valor
Variável	Estou satisfeito com a minha escolha de formação – concluído
N	91
Média	4.54
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	0.91
Variância	0.83
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	4
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	1
Assimetria	-2.246
Curtose	7.688



Os dois conjuntos de resultados evidenciam **níveis muito elevados de satisfação com a escolha da formação**, tanto entre os **formados no estrangeiro** como entre os **concluídos**, com diferenças apenas marginais entre os grupos.

No grupo **estrangeiro**, a satisfação é particularmente acentuada. A **média de 4,58**, a **mediana no valor máximo da escala (5)** e a **moda igualmente em 5** indicam uma concordância quase total quanto à adequação da escolha formativa. O dado mais expressivo é o facto de **o primeiro e o terceiro quartil coincidirem em 5**, resultando numa **amplitude interquartil nula**, o que significa que pelo menos metade dos respondentes atribuiu a classificação máxima. A **assimetria fortemente negativa (-2,552)** confirma a concentração extrema nos valores altos, enquanto a **curtose muito elevada (8,952)** indica uma distribuição altamente concentrada, com poucas respostas fora do patamar máximo.

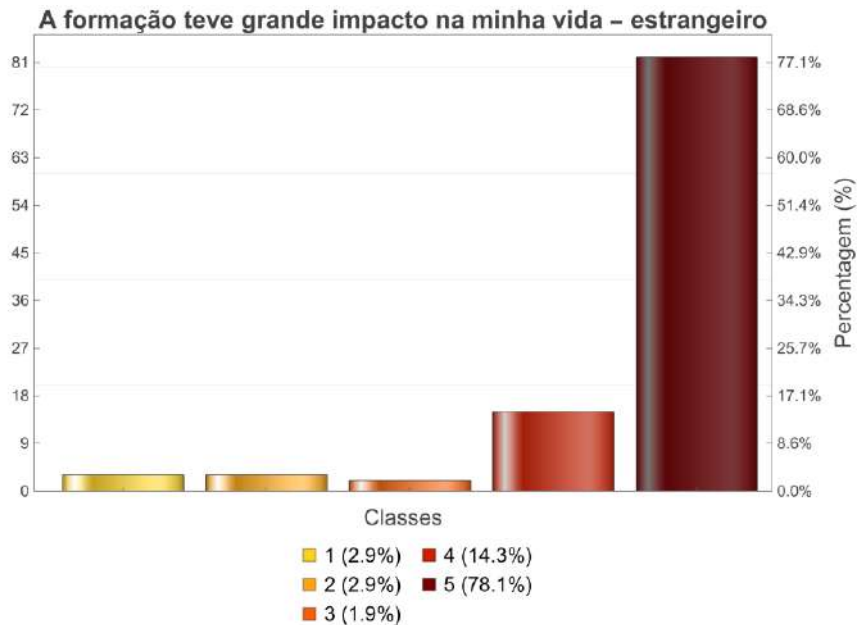
No grupo dos **concluídos**, o padrão é muito semelhante. A **média de 4,54**, a **mediana de 5** e a **moda em 5** mostram uma avaliação igualmente muito positiva. A dispersão é ligeiramente maior do que no grupo estrangeiro, como reflecte o **intervalo interquartil de 1**, com metade das respostas entre **4 e 5**, mas sem alterar o sentido geral da distribuição. A **assimetria negativa acentuada (-2,246)** e a **curtose elevada (7,688)** indicam, também aqui, forte concentração nos níveis máximos de satisfação.

Na comparação directa, as diferenças entre os dois grupos são mínimas e não alteram a leitura global. Em ambos os casos, a satisfação com a escolha da formação é **quase unânime**, apresentando valores muito próximos do limite superior da escala, baixa variabilidade relativa e distribuições fortemente enviesadas para respostas máximas. Estes resultados sugerem que a escolha do percurso formativo é percebida, de forma transversal, como acertada, independentemente de o percurso académico estar concluído ou ainda associado à experiência no estrangeiro.

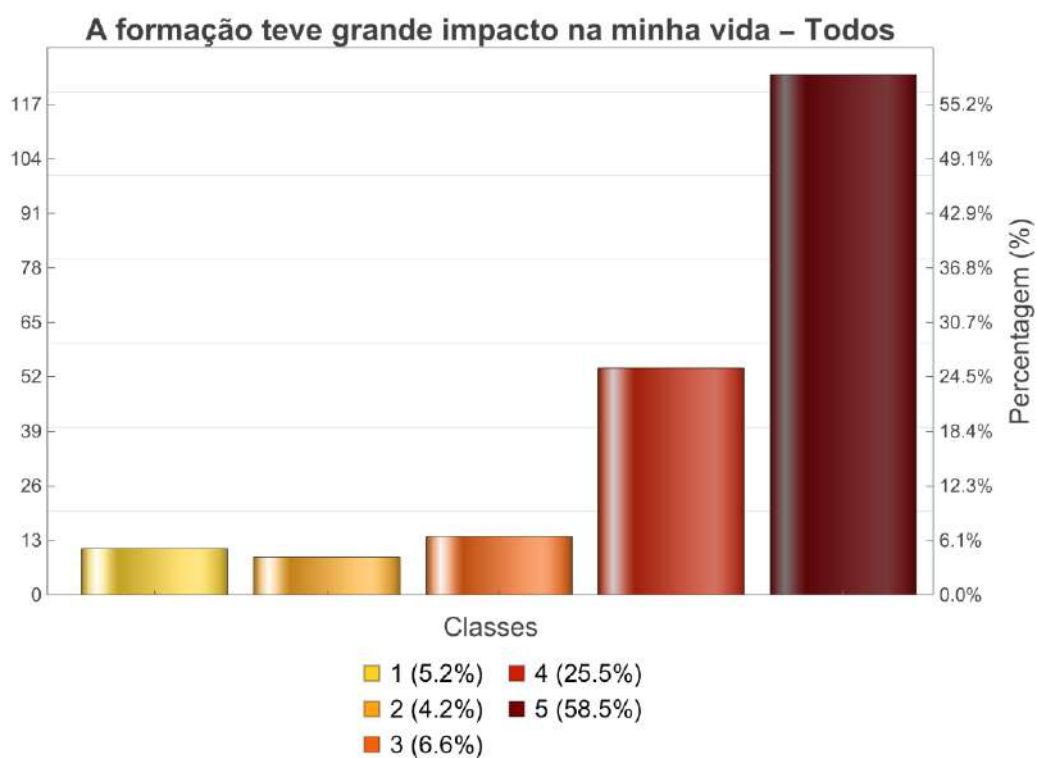
6.10.4 A formação teve grande impacto na minha vida

Aqui comparamos os formandos no estrangeiro com toda a amostra, de forma a entendermos o papel da formação num grupo mais alargado de todos os respondentes. Este impacto é muito importante e deve ser quantificado, contrastando com a experiência altamente valorizadora de estudar no estrangeiro.

Medida	Valor
Variável	A formação teve grande impacto na minha vida - estrangeiro
N	105
Média	4.62
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	0.89
Variância	0.80
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	5
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	0
Assimetria	-2.771
Curtose	10.324



Medida	Valor
Variável	A formação teve grande impacto na minha vida - Todos
N	212
Média	4.28
Mediana	5.00
Moda (s)	5
Desvio padrão	1.10
Variância	1.22
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	4
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	1
Assimetria	-1.693
Curtose	5.102



Os resultados relativos ao **impacto da formação na vida dos respondentes** mostram avaliações muito elevadas em ambos os grupos, com diferenças claras na **intensidade e na concentração das respostas**.

No grupo dos **formados no estrangeiro**, a avaliação é particularmente forte. A **média de 4,62**, combinada com **mediana e moda no valor máximo (5)**, indica que o impacto da formação é percebido como muito elevado pela esmagadora maioria dos respondentes. Este padrão é reforçado pelo facto de **o primeiro e o terceiro quartil coincidirem em 5**, resultando numa **amplitude interquartil nula**, o que significa que pelo menos metade dos indivíduos atribuiu a pontuação máxima. A **assimetria muito negativa (-2,771)** e a **curtose extremamente elevada (10,324)** confirmam uma distribuição fortemente concentrada nos valores mais altos, com muito poucas respostas afastadas desse patamar. A baixa variabilidade (**desvio-padrão de 0,89**) reforça esta leitura de consenso.

No conjunto de **todos os respondentes**, o padrão mantém-se claramente positivo, mas com **maior dispersão**. A **média desce para 4,28**, embora a **mediana e a moda permaneçam em 5**, indicando que a avaliação dominante continua a ser a de impacto muito significativo. Contudo, o **intervalo interquartil de 1**, com metade das respostas entre **4 e 5**, revela uma presença mais visível de avaliações ligeiramente menos extremas. A **assimetria negativa (-1,693)** continua a mostrar concentração nos valores altos, mas de forma menos pronunciada, e a **curtose de 5,102** indica uma distribuição ainda concentrada, embora claramente menos extrema do que no grupo estrangeiro.

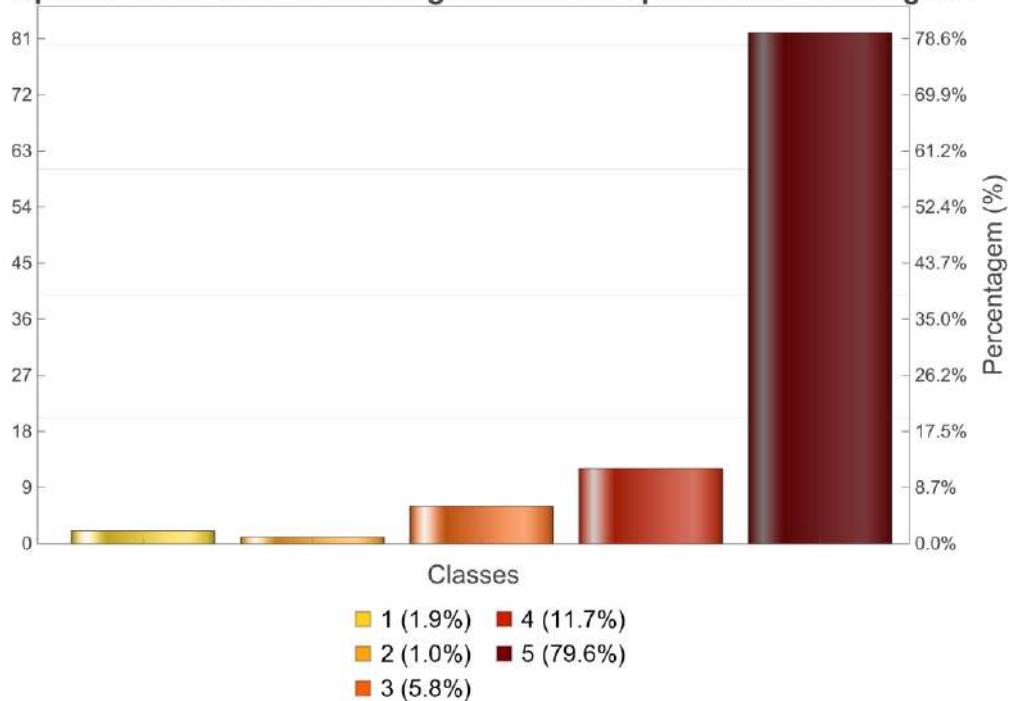
Na comparação directa, os dados mostram que o **impacto da formação é percebido como mais intenso e mais consensual entre os formados no estrangeiro** do que no conjunto total dos respondentes. No grupo mais alargado, a avaliação continua a ser amplamente positiva, mas com maior diversidade de experiências e percepções. Esta diferença sugere que a experiência formativa no estrangeiro está associada a uma percepção particularmente forte de transformação pessoal e trajectória de vida, enquanto no universo total essa percepção, embora dominante, é ligeiramente mais heterogénea.

6.10.5 A experiência de viver no estrangeiro é/foi enriquecedora

Apenas estudantes que fizeram a formação no estrangeiro.

Medida	Valor
Variável	A experiência de viver no estrangeiro é/foi enriquecedora – estrangeiro
N	103
Média	4.66
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	0.80
Variância	0.64
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	5
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	0
Assimetria	-2.793
Curtose	11.129

A experiência de viver no estrangeiro é/foi enriquecedora – estrangeiro



Os resultados relativos à **experiência de viver no estrangeiro** revelam uma avaliação extremamente positiva e fortemente consensual entre os respondentes.

A **média de 4,66**, aliada a uma **mediana e moda fixadas no valor máximo da escala (5)**, indica que a experiência é percebida, de forma quase unânime, como altamente enriquecedora. Este consenso é particularmente evidente no facto de **o primeiro e o terceiro quartil coincidirem em 5**, resultando numa **amplitude interquartil nula**, o que significa que pelo menos metade dos respondentes atribuiu a pontuação máxima.

A **baixa dispersão das respostas (desvio-padrão de 0,80)** reforça esta leitura, sugerindo pouca variabilidade nas avaliações individuais. A **assimetria fortemente negativa (-2,793)** confirma a concentração das respostas nos valores mais elevados da escala, enquanto a **curtose muito elevada (11,129)** indica uma distribuição extremamente concentrada em torno do valor máximo, com raríssimas avaliações afastadas desse patamar.

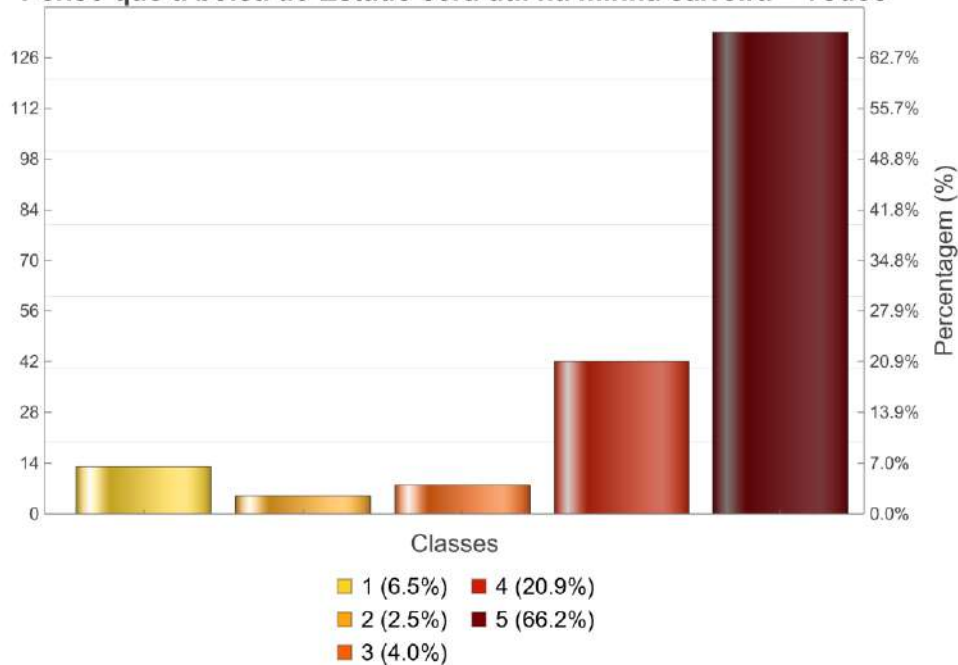
No seu conjunto, os dados mostram que a vivência no estrangeiro é percebida como uma experiência marcadamente positiva, com elevado grau de consenso e impacto pessoal, distinguindo-se como uma das dimensões mais valorizadas de todo o percurso formativo analisado.

6.10.6 Penso que a bolsa do Estado será útil na minha carreira

Aqui interrogaram-se todos os estudantes, os que concluíram, os que estiveram no estrangeiro na totalidade da bolsa, os que ainda não partiram e os que fizeram formação parcialmente no estrangeiro, uma vez que a expectativa é global e transversala todos os grupos.

Medida	Valor
Variável	Penso que a bolsa do Estado será útil na minha carreira - Todos
N	201
Média	4.38
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	1.12
Variância	1.25
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	4
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	1
Assimetria	-2.016
Curtose	6.154

Penso que a bolsa do Estado será útil na minha carreira – Todos



Os resultados mostram uma **avaliação claramente positiva da utilidade da bolsa do Estado para a carreira profissional**, partilhada pela larga maioria dos respondentes.

A **média de 4,38** e a **mediana no valor máximo da escala (5)** indicam que a percepção dominante é a de que a bolsa constitui um recurso relevante e com impacto concreto no percurso profissional. A **moda igualmente em 5** reforça esta leitura, evidenciando que a resposta mais frequente corresponde ao nível mais elevado de concordância.

A distribuição apresenta **variabilidade moderada (desvio-padrão de 1,12)**, o que sugere que, apesar do consenso geral, existem experiências individuais distintas quanto ao grau exacto de utilidade percebida. Ainda assim, os quartis mostram que **metade das respostas se concentra entre 4 e 5**, confirmando que as avaliações intermédias ou negativas são minoritárias.

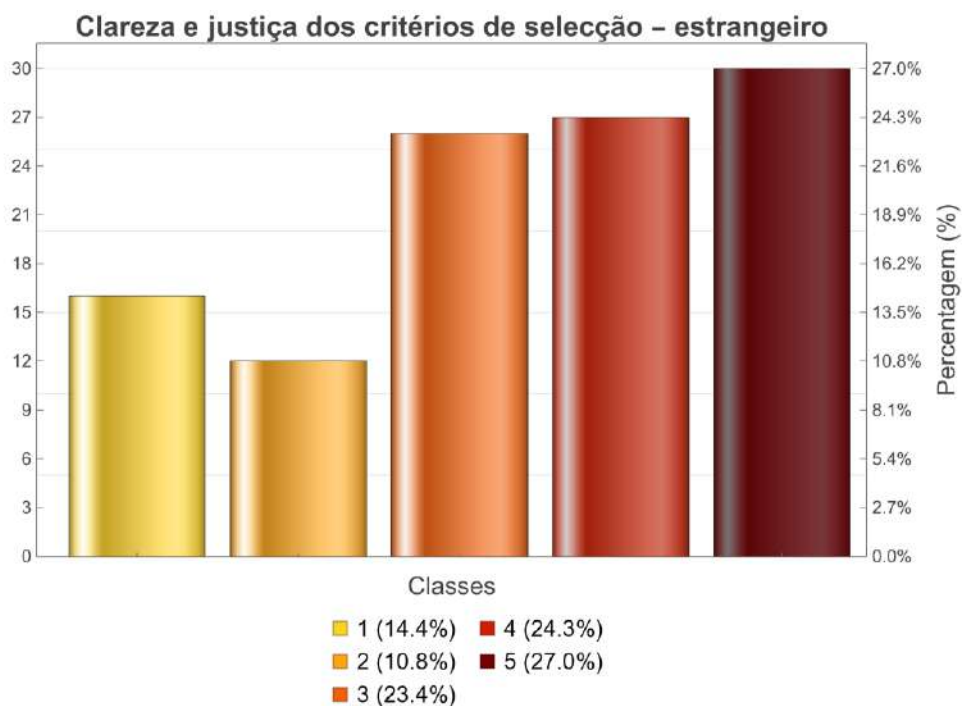
A **assimetria negativa acentuada (-2,016)** revela uma clara inclinação da distribuição para os valores altos da escala, enquanto a **curtose elevada (6,154)** indica uma concentração significativa das respostas em torno desses valores, embora menos extrema do que noutras dimensões analisadas.

No conjunto, os dados sugerem que a bolsa é amplamente reconhecida como um **activo relevante para a progressão profissional**.

6.11 Índices de satisfação com programa de bolsas

6.11.1 Clareza e justiça dos critérios de selecção

Medida	Valor
Variável	Clareza e justiça dos critérios de selecção - estrangeiro
N	111
Média	3.39
Mediana	4.00
Moda (s)	5
Desvio padrão	1.37
Variância	1.88
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	2
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	$\frac{11}{4}$
Assimetria	-0.424
Curtose	2.011



Os resultados relativos à **clareza e justiça dos critérios de selecção** revelam uma avaliação **moderadamente positiva**, mas com **heterogeneidade significativa nas percepções** dos respondentes.

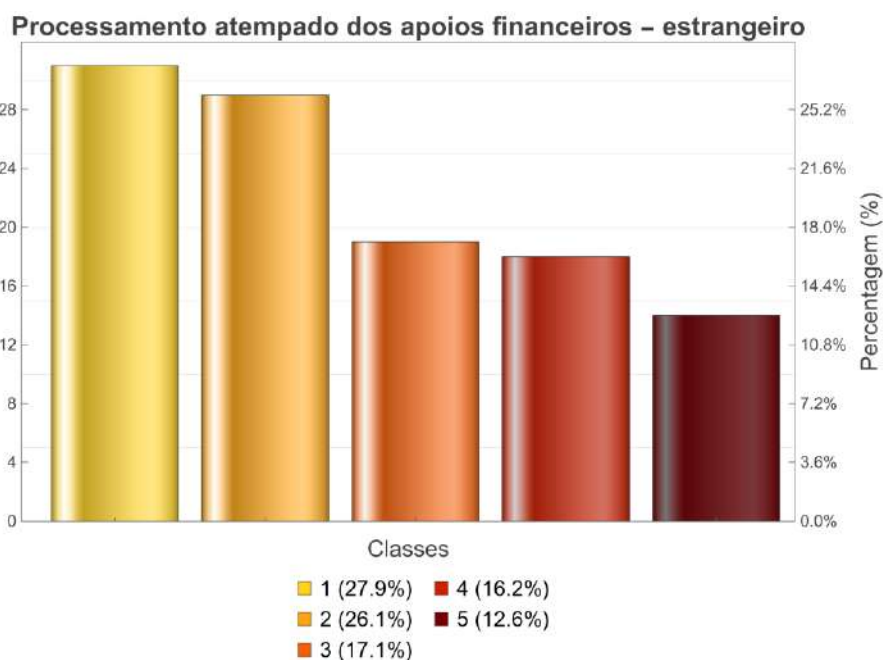
A **média de 3,39** situa-se ligeiramente acima do ponto intermédio da escala, enquanto a **mediana de 4** indica que a avaliação mais comum tende para uma percepção positiva. A presença de **moda no valor máximo (5)** mostra que uma parte relevante dos respondentes considera os critérios claros e justos em elevado grau. No entanto, esta leitura positiva não é uniforme.

A **dispersão elevada (desvio-padrão de 1,37)** e o **intervalo interquartil alargado (entre 2 e 5)** evidenciam uma diversidade substancial de experiências e percepções, com coexistência de avaliações baixas, intermédias e altas. A **assimetria ligeiramente negativa (-0,424)** indica uma inclinação moderada para respostas mais favoráveis, mas sem concentração acentuada nos valores máximos.

A **curtose de 2,011** sugere uma distribuição relativamente achatada, sem picos extremos, o que é consistente com a ausência de consenso forte. Em conjunto, estes indicadores mostram que, embora a avaliação tenda globalmente para o lado positivo, **a clareza e a justiça dos critérios de selecção não são percebidas de forma homogénea**, refletindo diferenças marcadas na experiência dos candidatos ao processo de selecção.

6.11.2 Processamento atempado dos apoios financeiros

Medida	Valor
Variável	Processamento atempado dos apoios financeiros - estrangeiro
N	111
Média	2.59
Mediana	2.00
Moda (s)	1
Desvio padrão	1.38
Variância	1.90
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	1
Q3 (3.º quartil)	4
Amplitude interquartil	3
Assimetria	0.399
Curtose	1.894



Os resultados relativos ao **processamento atempado dos apoios financeiros** evidenciam uma avaliação globalmente **negativa**, com elevado grau de dispersão nas respostas.

A **média de 2,59** situa-se abaixo do ponto intermédio da escala, sendo reforçada por uma **mediana de 2** e por uma **moda no valor mínimo (1)**, o que indica que a resposta mais frequente corresponde a uma avaliação claramente desfavorável. Estes indicadores apontam para uma percepção dominante de **atrasos ou falhas na regularidade dos apoios financeiros**.

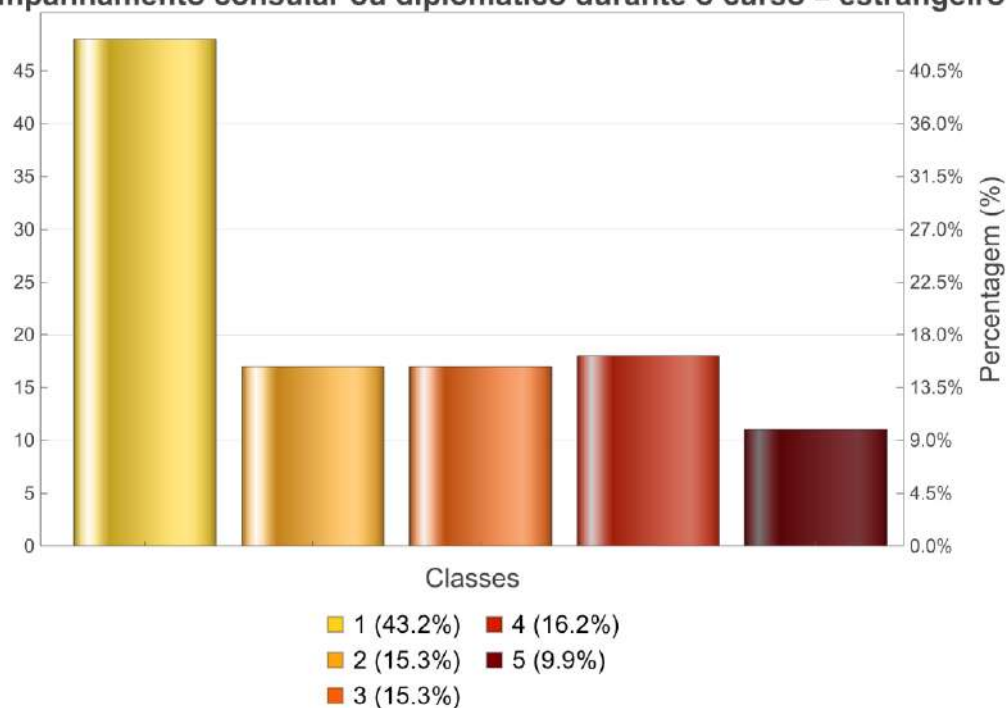
A **dispersão elevada (desvio-padrão de 1,38)** e o **intervalo interquartil amplo (de 1 a 4)** mostram que as experiências não são homogéneas: coexistem situações de avaliação muito negativa com outras mais favoráveis, ainda que estas últimas sejam minoritárias. A **assimetria positiva (0,399)** confirma a concentração das respostas nos valores mais baixos da escala, com uma cauda estendida para avaliações mais altas.

A **curtose de 1,894** sugere uma distribuição relativamente achatada, compatível com a diversidade de situações reportadas e com a ausência de consenso positivo. No conjunto, os dados descrevem um processo percebido como **pouco fiável em termos de pontualidade**, constituindo uma das dimensões com avaliação mais crítica entre as analisadas.

6.11.3 Acompanhamento consular ou diplomático durante o curso

Medida	Valor
Variável	Acompanhamento consular ou diplomático durante o curso - estrangeiro
N	111
Média	2.34
Mediana	2.00
Moda(s)	1
Desvio padrão	1.42
Variância	2.03
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	1
Q3 (3.º quartil)	4
Amplitude interquartil	3
Assimetria	0.559
Curtose	1.884

Acompanhamento consular ou diplomático durante o curso - estrangeiro



Os resultados relativos ao **acompanhamento consular ou diplomático durante o curso** indicam uma avaliação **claramente desfavorável**, com forte concentração de respostas nos níveis mais baixos da escala.

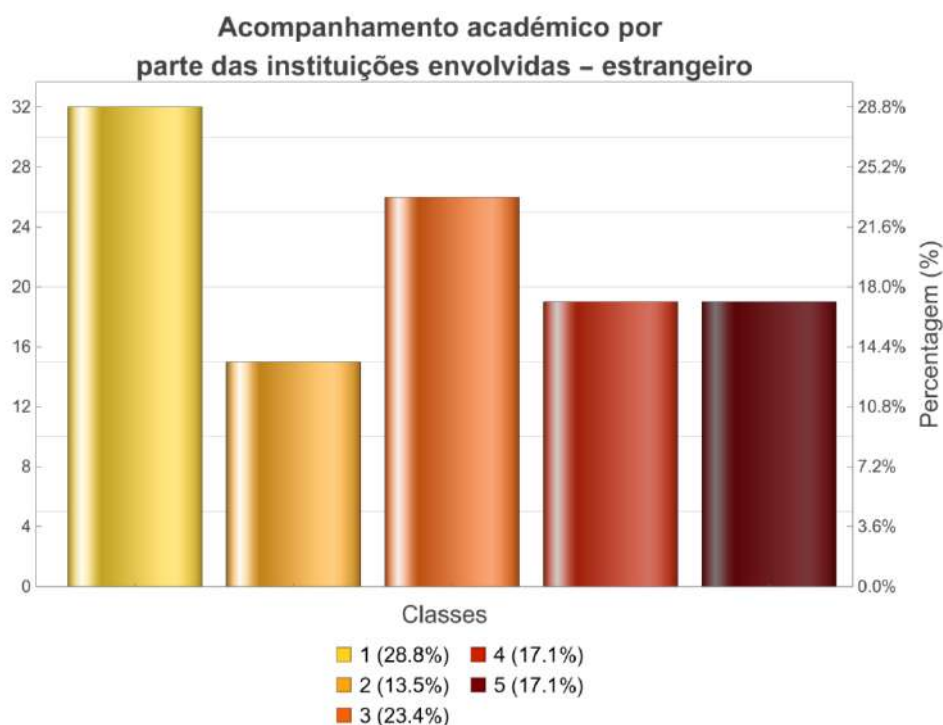
A **média de 2,34**, a **mediana de 2** e a **moda no valor mínimo (1)** mostram que a percepção dominante é a de um acompanhamento insuficiente ou inexistente. Estes indicadores posicionam esta dimensão entre as **mais criticamente avaliadas** do conjunto analisado.

A **dispersão elevada (desvio-padrão de 1,42)** e o **intervalo interquartil amplo (de 1 a 4)** revelam experiências muito diferenciadas entre os respondentes, sugerindo que, embora alguns tenham beneficiado de algum nível de apoio, a maioria não reconhece um acompanhamento regular ou eficaz. A **assimetria positiva (0,559)** confirma a concentração das respostas nos valores mais baixos, com uma cauda que se estende para avaliações mais favoráveis.

A **curtose de 1,884** indica uma distribuição relativamente achatada, compatível com a coexistência de avaliações extremas e intermédias, mas sem qualquer sinal de consenso positivo. No conjunto, os dados apontam para uma percepção generalizada de **fragilidade no acompanhamento institucional durante a permanência no estrangeiro**, distinguindo esta dimensão como uma das áreas mais problemáticas do programa.

6.11.4 Acompanhamento académico por parte das instituições envolvidas

Medida	Valor
Variável	Acompanhamento académico por parte das instituições envolvidas - estrangeiro
N	111
Média	2.80
Mediana	3.00
Moda (s)	1
Desvio padrão	1.46
Variância	2.12
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	1
Q3 (3.º quartil)	4
Amplitude interquartil	3
Assimetria	0.117
Curtose	1.680



Os resultados relativos ao **acompanhamento académico por parte das instituições envolvidas** mostram uma avaliação **globalmente modesta**, situada próxima do ponto intermédio da escala, mas marcada por **elevada heterogeneidade nas respostas**.

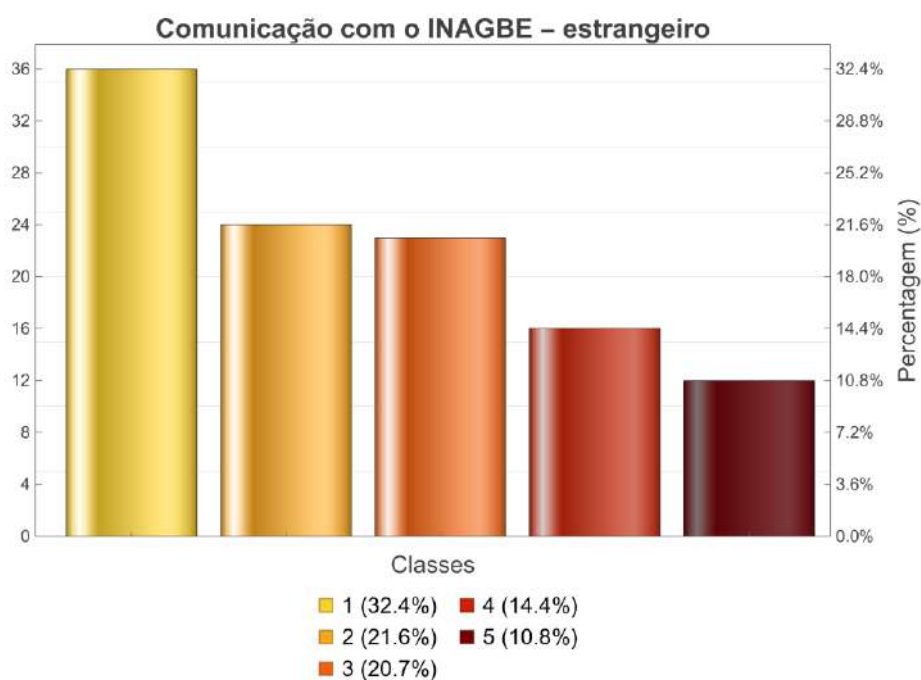
A **média de 2,80** e a **mediana de 3** indicam uma percepção que oscila entre avaliação neutra e ligeiramente negativa. A presença de **moda no valor mínimo (1)** revela que a resposta mais frequente corresponde a uma avaliação claramente desfavorável, o que sinaliza fragilidades recorrentes no acompanhamento académico percebido pelos estudantes.

A **dispersão elevada (desvio-padrão de 1,46)** e o **intervalo interquartil amplo (de 1 a 4)** confirmam a diversidade de experiências individuais, com coexistência de situações de acompanhamento inexistente, irregular ou satisfatório. A **assimetria praticamente nula (0,117)** indica ausência de enviesamento claro para valores altos ou baixos, traduzindo uma distribuição equilibrada, mas sem concentração positiva.

A **curtose de 1,680** sugere uma distribuição relativamente achatada, compatível com a ausência de consenso e com a variabilidade observada. No conjunto, os dados apontam para um acompanhamento académico percebido como **insuficiente ou inconsistente**, não se afirmando como uma dimensão forte da experiência formativa no estrangeiro.

6.11.5 Comunicação com o Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE)

Medida	Valor
Variável	Comunicação com o INAGBE – estrangeiro
N	111
Média	2.50
Mediana	2.00
Moda (s)	1
Desvio padrão	1.36
Variância	1.85
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	1
Q3 (3.º quartil)	4
Amplitude interquartil	$\frac{11}{4}$
Assimetria	0.444
Curtose	1.971



Os resultados relativos à **comunicação com o INAGBE** revelam uma avaliação **predominantemente negativa**, com significativa dispersão das respostas.

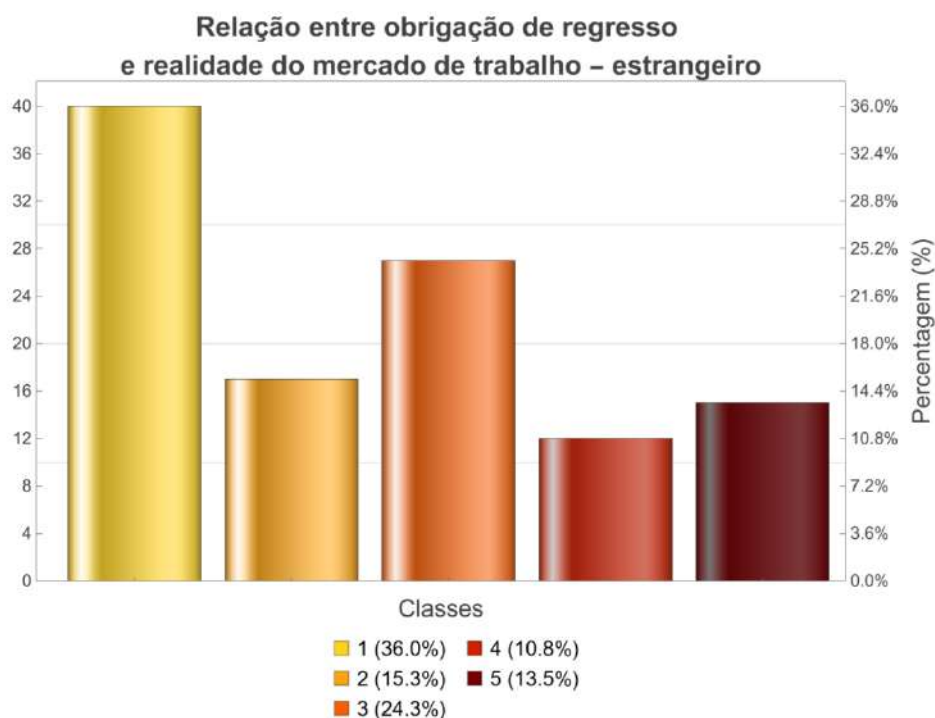
A **média de 2,50**, a **mediana de 2** e a **moda no valor mínimo (1)** indicam que a percepção dominante é a de uma comunicação insuficiente ou pouco eficaz. Estes valores situam esta dimensão abaixo do ponto intermédio da escala, sinalizando fragilidades recorrentes na relação institucional com os bolsiros durante a permanência no estrangeiro.

A **dispersão elevada (desvio-padrão de 1,36)** e o **intervalo interquartil alargado (entre 1 e 4)** mostram que, embora existam casos de avaliação mais positiva, estes são minoritários face ao volume de respostas desfavoráveis. A **assimetria positiva (0,444)** confirma a concentração nos valores mais baixos da escala, com uma cauda estendida para avaliações mais elevadas.

A **curtose de 1,971** sugere uma distribuição relativamente achatada, compatível com a coexistência de experiências muito negativas e algumas mais favoráveis, mas sem qualquer sinal de consenso positivo. No conjunto, os dados descrevem uma comunicação percebida como **irregular e pouco satisfatória**, posicionando esta dimensão entre as áreas mais criticadas do acompanhamento institucional.

6.11.6 Relação entre obrigação de regresso e realidade do mercado de trabalho

Medida	Valor
Variável	Relação entre obrigação de regresso e realidade do mercado de trabalho - estrangeiro
N	111
Média	2.50
Mediana	2.00
Moda (s)	1
Desvio padrão	1.42
Variância	2.02
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	1
Q3 (3.º quartil)	3
Amplitude interquartil	2
Assimetria	0.441
Curtose	1.917



Os resultados relativos à **relação entre a obrigação de regresso e a realidade do mercado de trabalho** evidenciam uma percepção **claramente desfavorável** por parte dos respondentes.

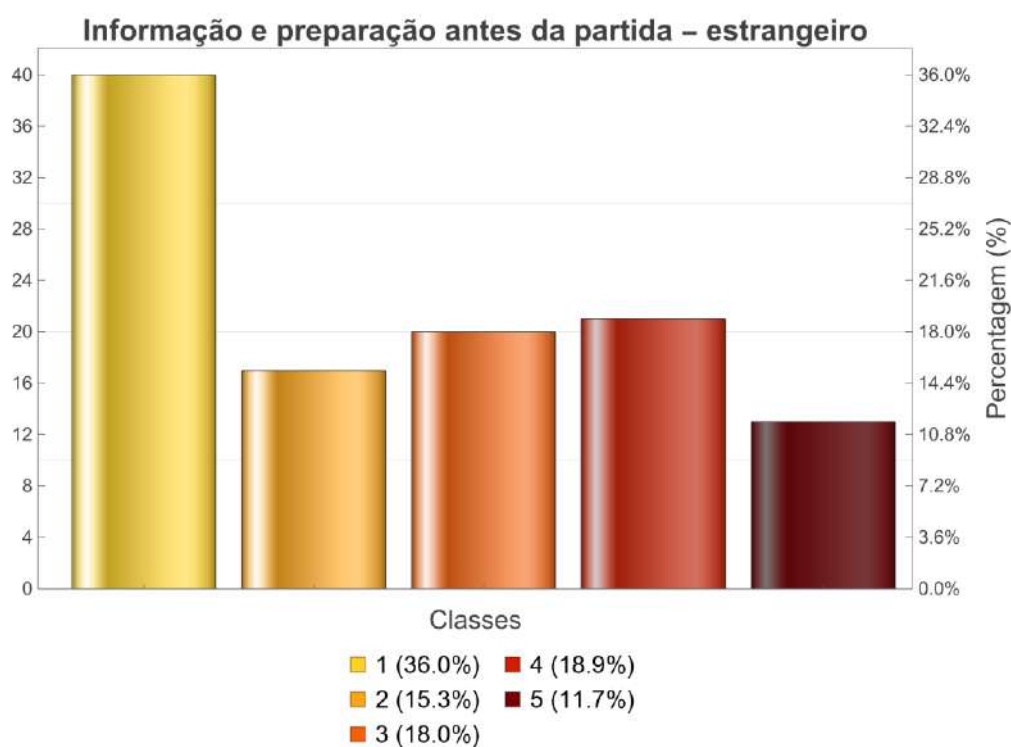
A **média de 2,50**, associada a uma **mediana de 2** e a uma **moda no valor mínimo da escala (1)**, indica que a avaliação dominante é a de um **desfasamento entre a exigência formal de regresso e as condições efectivas do mercado de trabalho**. Estes valores situam-se de forma consistente abaixo do ponto intermédio da escala, sinalizando uma percepção negativa generalizada.

A **dispersão elevada (desvio-padrão de 1,42)** revela experiências diversificadas, mas o **intervalo interquartil relativamente contido (entre 1 e 3)** mostra que metade das respostas se concentra nos níveis mais baixos da escala. A **assimetria positiva (0,441)** confirma essa concentração em avaliações desfavoráveis, com poucas respostas a deslocarem-se para valores mais elevados.

A **curtose de 1,917** aponta para uma distribuição relativamente achatada, sem concentração em avaliações positivas. No seu conjunto, os dados sugerem que a obrigação de regresso é percebida como **pouco articulada com a realidade das oportunidades profissionais disponíveis**, constituindo uma das dimensões mais críticas do ponto de vista da coerência entre desenho do programa e contexto de absorção no mercado de trabalho.

6.11.7 Informação e preparação antes da partida

Medida	Valor
Variável	Informação e preparação antes da partida - estrangeiro
N	111
Média	2.55
Mediana	2.00
Moda(s)	1
Desvio padrão	1.44
Variância	2.07
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	1
Q3 (3.º quartil)	4
Amplitude interquartil	3
Assimetria	0.324
Curtose	1.705



Os resultados relativos à **informação e preparação antes da partida** indicam uma avaliação **globalmente negativa**, embora com alguma dispersão nas respostas.

A **média de 2,55**, a **mediana de 2** e a **moda no valor mínimo (1)** mostram que a percepção dominante é a de preparação insuficiente antes do início do percurso no estrangeiro. Estes indicadores situam esta dimensão abaixo do ponto intermédio da escala, sugerindo fragilidades no fornecimento de informação e no apoio pré-partida.

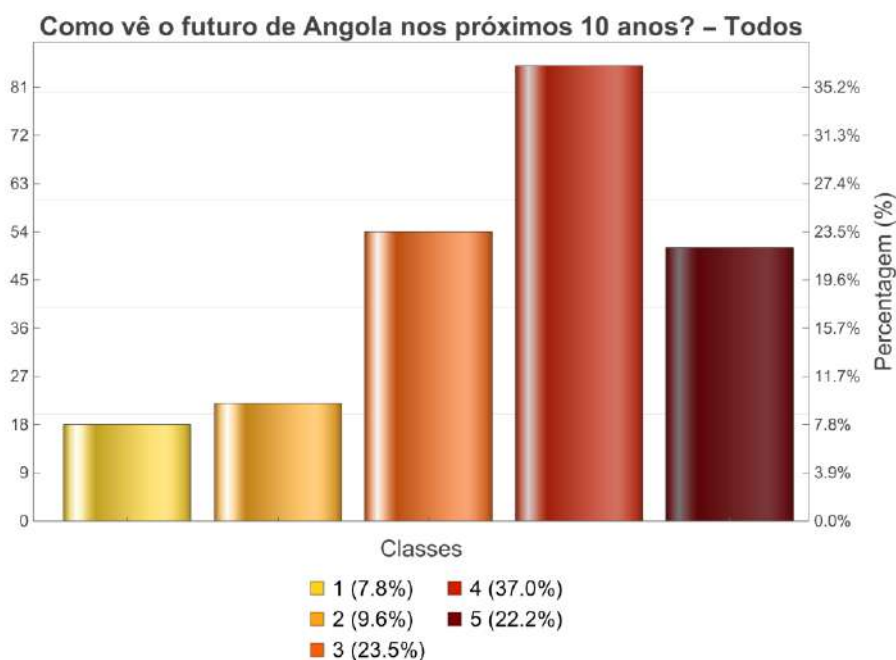
A **dispersão elevada (desvio-padrão de 1,44)** e o **intervalo interquartil alargado (de 1 a 4)** revelam experiências muito diferenciadas entre os respondentes, com coexistência de avaliações muito negativas e algumas mais favoráveis, ainda que estas últimas sejam minoritárias. A **assimetria positiva (0,324)** confirma a maior concentração de respostas nos valores baixos da escala.

A **curtose de 1,705** indica uma distribuição relativamente achatada, compatível com a ausência de consenso positivo. No conjunto, os dados descrevem um processo de preparação prévia percebido como **insuficiente e pouco estruturado**, constituindo mais uma dimensão crítica no apoio institucional aos bolseiros antes da sua saída para o estrangeiro.

6.12 Perspectivas de Futuro

6.12.1 Como vê o futuro de Angola nos próximos 10 anos?

Medida	Valor
Variável	Como vê o futuro de Angola nos próximos 10 anos? – Todos
N	230
Média	3.56
Mediana	4.00
Moda (s)	4
Desvio padrão	1.16
Variância	1.36
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	3
Q3 (3.º quartil)	4
Amplitude interquartil	1
Assimetria	-0.654
Curtose	2.698



Esta questão foi analisada **para a totalidade da amostra**, com o objectivo explícito de aferir o **grau de confiança e entusiasmo dos jovens bolseiros de mérito relativamente ao futuro de Angola**, independentemente da sua situação académica ou profissional no momento do inquérito. Trata-se de um indicador relevante, na medida em que sintetiza expectativas de longo prazo e ajuda a contextualizar outras dimensões avaliadas ao longo do estudo, como a intenção de regresso, a vontade de permanecer no país e a disponibilidade para contribuir institucionalmente.

Os resultados revelam uma **avaliação globalmente positiva**, ainda que marcada por prudência. A **média de 3,56** e a **mediana de 4** indicam que a percepção dominante aponta para um futuro favorável nos próximos dez anos, sem, contudo, atingir níveis de optimismo extremo. A concentração das respostas entre **3 e 4**, evidenciada pelos quartis, sugere uma leitura equilibrada: os inquiridos tendem a acreditar numa trajectória de melhoria, mas reconhecem implicitamente a existência de desafios estruturais que condicionam essa evolução.

A **assimetria negativa moderada** confirma que as avaliações mais positivas são mais frequentes do que as negativas, enquanto a **dispersão controlada** indica ausência de polarização acentuada. Não se observa, portanto, um grupo significativo de respondentes fortemente pessimistas, mas também não emerge um entusiasmo generalizado e incondicional.

Este resultado é particularmente relevante quando articulado com outros dados do inquérito. Apesar das dificuldades identificadas ao nível do emprego, do subaproveitamento do potencial profissional e das fragilidades no acompanhamento institucional, os bolseiros mantêm uma **expectativa favorável quanto ao futuro do país** e demonstram, noutros indicadores, uma forte intenção de permanência ou regresso a Angola. Em conjunto, estes elementos sugerem que o compromisso com o país e a confiança no seu

futuro **não estão dependentes apenas das condições imediatas**, mas assentam também numa visão de médio e longo prazo.

Assim, a avaliação do futuro de Angola funciona como um **indicador transversal de esperança cívica** entre jovens altamente qualificados, reforçando a ideia de que o principal desafio identificado ao longo do inquérito não é a falta de motivação ou de vontade de contribuir, mas sim a capacidade do sistema institucional de transformar esse capital humano e esse optimismo moderado em impacto efectivo e sustentado.

6.12.2 Como vê o seu futuro profissional nos próximos 10 anos?

Medida	Valor
Variável	Como vê o seu futuro profissional nos próximos 10 anos? – Todos
N	230
Média	4.26
Mediana	5.00
Moda(s)	5
Desvio padrão	1.02
Variância	1.04
Mínimo	1
Máximo	5
Q1 (1.º quartil)	4
Q3 (3.º quartil)	5
Amplitude interquartil	1
Assimetria	-1.577
Curtose	5.064



Tal como na avaliação do futuro do país, esta questão foi analisada **para a totalidade da amostra**, com o objectivo de compreender a forma como os bolsiros de mérito projectam o **seu futuro profissional**

a médio e longo prazo. Trata-se de um indicador central, pois permite avaliar expectativas individuais num horizonte temporal suficientemente alargado para integrar trajectórias académicas, consolidação profissional e progressão na carreira.

Os resultados revelam uma **visão claramente optimista**. A **média elevada de 4,26**, aliada a uma **mediana e moda no valor máximo da escala (5)**, indica que a maioria dos respondentes antecipa um futuro profissional favorável nos próximos dez anos. Este optimismo é reforçado pelos quartis: **50% das respostas situam-se entre 4 e 5**, o que evidencia uma forte concentração em avaliações positivas.

A **dispersão relativamente reduzida (desvio-padrão de 1,02)** sugere que esta expectativa é partilhada de forma bastante consistente entre os inquiridos, com poucas avaliações extremas. A **assimetria negativa acentuada (-1,577)** confirma a concentração das respostas nos níveis mais elevados da escala, enquanto a **curtose elevada (5,064)** indica uma distribuição relativamente concentrada, com predominância clara de avaliações muito positivas.

Este resultado contrasta, de forma relevante, com outros indicadores do inquérito. Apesar de muitos respondentes referirem dificuldades actuais de emprego, subaproveitamento do potencial e fragilidades institucionais, a projecção do futuro profissional permanece **marcadamente positiva**. Esta discrepância sugere que os bolseiros distinguem entre o **presente imediato**, frequentemente marcado por constrangimentos, e um **horizonte de médio e longo prazo**, no qual acreditam que as suas qualificações, experiência internacional e capital académico acabarão por produzir retorno profissional.

Em articulação com a avaliação do futuro de Angola, observa-se um padrão consistente: o optimismo relativamente ao **futuro pessoal** é mais forte do que o optimismo relativamente ao **futuro colectivo do país**. Este diferencial sugere confiança nas trajectórias individuais, mesmo num contexto percebido como estruturalmente desafiante. No conjunto, os dados indicam que os bolseiros de mérito mantêm **expectativas elevadas quanto ao seu percurso profissional**, reforçando a ideia de que o investimento em formação é percebido como um activo de longo prazo, ainda que os benefícios imediatos não sejam sempre visíveis.

7.1 Indique Sugestões de Melhoria do Programa de Bolsas de Mérito

Começamos com algumas citações textuais, são pontuais, mas, também, interessantes para reflexão:

“Formação – Empregabilidade para não se perder os quadros formados. Depois de viver no estrangeiro com uma certa qualidade de vida é muito difícil voltar para Angola e esperar 6 meses, 1 ano ou mais tempo sem emprego. É frustrante.”

“A bolsa não deve ser apenas apoio financeiro — mas um programa de desenvolvimento. Mentores académicos, acompanhamento contínuo e apoio psicológico fariam muita diferença para evitar o abandono e o desgaste dos estudantes.”

“É muito investimento feito para não termos os retornos desejados. O bolsheiro após o término dos estudos fica sem direção, quando deveria sair já com um plano de enquadramento profissional.”

O conjunto de respostas sobre sugestões de melhoria do programa de bolsas de mérito converge numa ideia central: o programa é valorizado e considerado transformador, mas é percebido como excessivamente dependente da boa vontade administrativa e pouco previsível na execução, o que fragiliza o impacto real da bolsa na vida académica e na decisão de regressar e contribuir em Angola.

A dimensão mais recorrente é a transparência e a justiça do processo. Há múltiplas referências à necessidade de critérios claros, publicitação de regras, relatórios públicos de selecção e coerência na renovação e prorrogação. A leitura do material sugere não apenas desconfiança pontual, mas uma preocupação sistémica: quando os critérios não são entendidos e as decisões não são explicadas, instala-se a percepção de arbitrariedade, abre-se espaço a acusações de favorecimento e perdem-se candidatos qualificados. Numa amostra como esta, é significativo que “transparência”, “justiça” e “critérios” apareçam repetidamente como palavras-chave, sinal de que a credibilidade institucional é uma variável crítica para a sustentabilidade do programa.

Em paralelo, surge com força o tema operacional e financeiro, sobretudo a regularidade de pagamentos e a tramitação com universidades, vistos e logística inicial. Muitos contributos descrevem atrasos ou pagamentos não mensais, o que, num contexto de custos de vida elevados, se traduz em risco académico real: acumulação de dívidas, necessidade de trabalho a tempo inteiro, menor rendimento e prolongamento da formação. A sugestão de um subsídio de instalação e de alojamento inicial, bem como a defesa de calendários de pagamento mais previsíveis, indica que a bolsa não é vista apenas como valor monetário total, mas como fluxo e timing. Mesmo sem números formais nesta transcrição, a insistência no mesmo ponto aponta para uma incidência material elevada do problema, porque ele afecta o dia-a-dia e condiciona a permanência e o sucesso.

Um terceiro bloco de propostas incide no acompanhamento e mentoria. Várias respostas reclamam que a bolsa deveria ser também um programa de desenvolvimento: mentores académicos, apoio psicológico e de carreira, workshops, controlo do desempenho por via de relatórios/declarações de notas e supervisão mais próxima. Isto liga-se a duas preocupações: por um lado, aumentar a taxa de conclusão e a qualidade científica; por outro, reduzir abandono, isolamento e desgaste emocional. Neste conjunto, é particularmente relevante a noção de que o acompanhamento não deve ser punitivo, mas capacitando, ajudando o bolseiro a superar choques culturais, burocracias e dificuldades de integração.

A ampliação da abrangência e a equidade social também aparecem de forma consistente. Há sugestões para não limitar o mérito apenas à nota, incluindo indicadores de liderança, projectos, investigação, extensão e evolução ao longo do tempo. Outra linha defende combinar mérito académico com critérios socioeconómicos e criar categorias diferenciadas (mérito puro e mérito com inclusão). O racional é claro: um programa de mérito que ignora desigualdades de partida pode reforçar assimetrias, ao passo que um desenho misto pode aumentar retorno social e geográfico, atingindo províncias e perfis com talento mas menos recursos. A preocupação com limites de idade surge como caso específico desta discussão, com propostas divergentes: há quem peça mais abertura para candidatos acima de 25 anos, e há quem defenda critérios que privilegiem quem já serve o Estado; em comum está a ideia de que a regra, tal como aplicada, produz exclusões percebidas como injustas.

A componente pós-formação e a ligação à empregabilidade é talvez a mais estratégica. Repetem-se pedidos de enquadramento profissional, retenção de quadros, reconhecimento célere de qualificações e criação de mecanismos de reintegração assistida, incluindo parcerias com empresas e universidades e contratos de retorno. A lógica é económica e política: sem um plano de absorção do capital humano formado, aumenta a probabilidade de não regresso e reduz-se o retorno do investimento público. Em termos quantitativos, é notório que uma parcela importante das respostas liga explicitamente “bolsa” a “emprego/enquadramento/retorno”, o que revela que o programa é avaliado não apenas pela selecção e pelo financiamento, mas pelo ciclo completo antes, durante e depois.

Por fim, há um conjunto de propostas orientadas à modernização e capacidade de gestão: digitalização do processo, plataformas de acompanhamento em tempo real, canais de atendimento (incluindo chat), dashboards e até triagem inicial assistida por algoritmos para reduzir fraude e duplicações. Estas sugestões indicam duas coisas: expectativas mais elevadas sobre a qualidade do serviço público e uma percepção de que parte dos problemas actuais é de processo e não apenas de orçamento.

O dados apontam para cinco eixos de reforma com legitimidade social evidente: transparência e critérios, previsibilidade financeira e logística, acompanhamento/mentoria, equidade e abrangência, e integração pós-formação. A densidade e repetição destes temas sugerem que melhorias nestes pontos teriam efeitos multiplicadores: aumentariam confiança, reduzir-se-iam interrupções de percurso, elevar-se-ia a taxa de conclusão e fortalecer-se-ia a ligação entre formação avançada e desenvolvimento nacional.

Conclusões breves:

O programa é valorizado, mas perde eficácia quando falha no essencial: previsibilidade nos pagamentos, transparência nas decisões e acompanhamento real do bolseiro.

Sem um plano obrigatório de integração pós- formação, o Estado financia qualificações de alto nível e depois deixa o retorno ao acaso, alimentando frustração e fuga de quadros.

A reforma decisiva é simples e exigente: regras públicas e auditáveis, execução financeira mensal fiável e reintegração profissional garantida por contratos e parcerias.

7.2 Que contributos espera dar ao seu país no futuro? Que propostas tem para o seu país?

Sublinhamos dez propostas, formuladas a partir de **citações literais** dos bolsieiros, seleccionadas pela sua clareza, recorrência temática e relevância estratégica para o desenvolvimento de Angola:

1. Criação e reforço de infraestruturas de investigação científica: “Construção de Centros de investigação científica e tecnológica fora de Luanda” e “Equipar as universidades com laboratórios de investigação em áreas de Física, Química, Biologia e Engenharias”.
2. Reforma profunda do sistema educativo com foco na realidade local: “Proponho a adaptação curricular para que o conteúdo programático reflita a realidade dos estudantes, especialmente aqueles que vivem em áreas rurais”.
3. Investimento estruturado na formação técnica e profissional: “A proposta que tenho para o país é de investimento na educação técnica e profissional” e “Criar academias do governo com custos 0 onde a camada mais baixa pode fazer cursos técnicos e profissionais”.
4. Valorização dos saberes tradicionais e das línguas nacionais: “Implementassem disciplinas de línguas nacionais nas escolas primárias até o primeiro ciclo, cada província com a disciplina de sua língua nacional para não matarmos o que é nosso”.
5. Transformação digital do Estado e da economia: “Promover a transformação digital em empresas e instituições de ensino” e “Fortalecer a infraestrutura digital de Angola, ajudando a tornar o país mais conectado, seguro e tecnologicamente independente”.
6. Modernização e eficiência do sistema de saúde: “Melhorar os serviços de Diagnóstico a nível nacional” e “Avaliação completa na inserção e remoção de tecnologia obsoleta no sistema de saúde considerando a qualidade, equidade e igualdade”.
7. Planeamento urbano e ordenamento do território sustentáveis: “Promover o crescimento urbano organizado, com bairros bem estruturados, redes de água, energia, esgoto e espaços públicos funcionais”.
8. Criação de mecanismos de transparência e prestação de contas: “Espero grandemente poder contribuir para a transparência e prestação de contas seja no sector público ou privado”.

9. Apoio efectivo ao regresso e integração de quadros formados no exterior: “É necessário que haja oportunidade. Para que os estudantes recém-formados retornem ou permaneçam no país”.
10. Aproveitamento estratégico da juventude como motor de desenvolvimento: “Investir nos jovens, investir nos jovens e investir” e “Proponho apenas que se aproveite o suficiente a juventude”.

As respostas analisadas revelam um quadro muito consistente de expectativas, valores e prioridades relativamente ao contributo futuro destes quadros para o desenvolvimento nacional. Apesar da elevada heterogeneidade formal das respostas, que variam entre enunciados extremamente sucintos e exposições longas e estruturadas, é possível identificar padrões temáticos claros e quantificáveis, bem como tensões recorrentes entre ambição individual, compromisso patriótico e constrangimentos institucionais.

Do ponto de vista temático, a educação surge como o domínio mais referido. Aproximadamente metade das respostas faz referência directa à melhoria do sistema educativo, seja ao nível do ensino básico, da formação técnica e profissional, do ensino superior ou da investigação científica. Dentro deste grupo, cerca de um terço enfatiza explicitamente a formação de quadros, a capacitação de professores e a criação ou reforço de centros de investigação. Há também uma preocupação relevante com a adequação curricular à realidade local, com destaque para a valorização dos saberes tradicionais, das línguas nacionais e da articulação entre conhecimento científico e contexto sociocultural angolano. Este dado sugere uma consciência relativamente amadurecida sobre o papel estrutural da educação no desenvolvimento de longo prazo, indo além de uma visão meramente instrumental ou credencialista.

O segundo grande eixo diz respeito à saúde, mencionada em cerca de um quarto das respostas. Aqui observa-se uma forte orientação prática e aplicada, com propostas concretas em áreas como diagnóstico laboratorial, ortopedia, cardiologia, infectologia, saúde mental, odontopediatria e gestão de tecnologias em saúde. É particularmente relevante a frequência com que se referem problemas de eficiência, qualidade e equidade no sistema de saúde, bem como a necessidade de modernização tecnológica e de formação especializada de quadros nacionais. Algumas respostas revelam já envolvimento activo em projectos ou propostas técnicas estruturadas, o que indica um potencial efectivo de transferência de conhecimento e não apenas uma intenção genérica de contribuir.

A inovação tecnológica e a transformação digital constituem um terceiro bloco temático robusto, presente em cerca de 30% das respostas, frequentemente em sobreposição com educação e economia. Surgem referências recorrentes a tecnologias de informação, cibersegurança, redes de telecomunicações, inteligência artificial, automação, indústria 4.0 e infraestruturas digitais. Uma dimensão particularmente interessante é a intenção declarada de actuar como ponte entre universidade, Estado e sector produtivo, bem como de adaptar boas práticas adquiridas no estrangeiro ao contexto angolano. Este padrão indica uma forte internalização do discurso contemporâneo sobre desenvolvimento baseado no conhecimento e na inovação, ainda que muitas respostas reconheçam implicitamente a fragilidade do ecossistema nacional para absorver este capital humano.

No plano económico e produtivo, cerca de um quinto dos inquiridos refere contributos ligados à industrialização, empreendedorismo, diversificação económica e criação de emprego. Destacam-se áreas como engenharia civil, metalurgia, química, geociências, energia, agricultura e turismo. É frequente a menção à valorização de recursos locais, à sustentabilidade ambiental e à redução da dependência externa. Contudo, este discurso é muitas vezes acompanhado por críticas explícitas à falta de oportunidades, à escassez de financiamento, à fragilidade institucional e à politização excessiva da administração pública, o que sugere uma dissonância entre expectativas de contributo e condições reais de integração profissional.

Transversalmente a quase todas as áreas surge um forte discurso normativo e cívico. Um número significativo de respostas refere valores como ética, transparência, prestação de contas, justiça, combate à corrupção, consciência cívica e esperança num futuro melhor. Embora estas formulações sejam por vezes genéricas, a sua recorrência indica que os bolseiros percebem o desenvolvimento não apenas como um problema técnico, mas como um problema institucional e moral. Este dado é particularmente relevante do ponto de vista das políticas públicas, pois sugere uma predisposição favorável à reforma institucional entre quadros altamente qualificados.

É igualmente importante notar a presença de frustração e desalento em várias respostas. Um subconjunto não negligenciável dos inquiridos menciona explicitamente a falta de oportunidades, o abandono institucional, a inexistência de mecanismos de aproveitamento dos formados e a percepção de que o mérito não é devidamente reconhecido. Estas respostas, embora minoritárias, são qualitativamente densas e apontam para um risco claro de desperdício de capital humano e de reforço da diáspora qualificada.

O conjunto das respostas revela um capital humano altamente motivado, com forte orientação para o serviço público, para a educação, para a saúde e para a inovação, e com uma visão relativamente sofisticada do desenvolvimento nacional. Ao mesmo tempo, evidencia-se um desfasamento estrutural entre esta disponibilidade para contribuir e a capacidade do sistema angolano de absorver, valorizar e enquadrar estes contributos. Do ponto de vista científico e de política pública, os dados sugerem que o principal desafio já não reside na formação ou na motivação dos bolseiros, mas sim na criação de condições institucionais, organizacionais e económicas que permitam transformar este potencial em impacto efectivo e sustentado.

Conclusões breves:

Estas respostas indicam de forma inequívoca que Angola dispõe já de um capital humano altamente qualificado, motivado e estrategicamente orientado para os sectores-chave do desenvolvimento nacional — educação, saúde, ciência, tecnologia, indústria e governação. O problema central identificado não é a ausência de competências, de visão ou de compromisso patriótico, mas sim a fraca capacidade institucional de absorver, enquadrar e potenciar este capital humano. Persistir neste desfasamento equivale a transformar um investimento público elevado num activo subutilizado, com riscos claros de perda permanente por emigração qualificada e desmobilização cívica.

As respostas revelam uma maturidade conceptual significativa sobre desenvolvimento, entendendo-o como um processo sistémico que exige simultaneamente investimento em conhecimento científico, reforma das instituições, valorização da cultura local e ética pública. Esta visão, expressa de forma espontânea pelos bolseiros, contrasta com práticas ainda dominantes de curto prazo, centralização excessiva e fraca articulação entre políticas públicas, universidades e tecido produtivo. Ignorar este alinhamento entre formação avançada e pensamento estratégico representa uma oportunidade perdida de modernização profunda do Estado e da economia angolana.

O conjunto das propostas aponta para uma escolha estrutural incontornável: ou Angola cria mecanismos transparentes, meritocráticos e descentralizados para integrar estes quadros no sistema nacional de desenvolvimento, ou continuará a formar excelência para benefício de outros países. O inquérito mostra que a disponibilidade para servir o país existe; o que falta é um ecossistema funcional que transforme essa disponibilidade em impacto. A decisão, neste momento, já não é técnica nem financeira, mas eminentemente política e institucional.

8.1 Pontos Críticos que Emergem do Estudo

8.1.1 Pontos críticos positivos

Elevada qualidade da formação – a formação, sobretudo no estrangeiro, é avaliada de forma quase unânime como excelente e com forte impacto pessoal e profissional.

Capital humano altamente qualificado – o programa gera perfis académicos avançados e competitivos em áreas estratégicas.

Forte compromisso com o país – a maioria manifesta intenção clara de permanecer ou regressar a Angola a longo prazo.

Optimismo profissional de médio prazo – apesar das dificuldades actuais, os bolseiros mantêm expectativas elevadas quanto ao seu futuro profissional.

Valorização clara da bolsa – a bolsa é amplamente reconhecida como útil e determinante nas trajectórias individuais.

8.1.2 Pontos críticos negativos

Queda da empregabilidade após a formação – a taxa de emprego é inferior depois do diploma do que antes da saída para o estrangeiro.

Subaproveitamento do potencial qualificado – a maioria considera que as suas competências não estão a ser plenamente utilizadas.

Fraca articulação formação–emprego – inexistência de mecanismos eficazes de reintegração profissional pós-formação.

Défice de acompanhamento institucional – comunicação, apoio académico, consular e financeiro são avaliados negativamente.

Desalinhamento da obrigação de regresso – a exigência formal de retorno não está articulada com a realidade do mercado de trabalho.

8.2 Conclusões

O presente estudo permitiu caracterizar, de forma sistemática, o perfil académico, profissional e perceptivo dos bolseiros de mérito apoiados pelo Estado angolano, com particular incidência na

experiência de formação no estrangeiro, nas trajectórias de inserção profissional e nas expectativas de médio e longo prazo. A análise integrada dos resultados evidencia um conjunto de conclusões robustas, que importa destacar, não apenas pelo que revelam sobre o desempenho individual dos bolseiros, mas sobretudo pelo que dizem sobre a articulação — ou a falta dela — entre políticas de formação avançada, mercado de trabalho e capacidade institucional de absorção.

Em primeiro lugar, confirma-se que o **nível académico e científico da formação realizada**, sobretudo no estrangeiro, é amplamente reconhecido como elevado. Os indicadores de satisfação com a escolha da formação, com a qualidade do percurso académico e com o impacto da formação na vida pessoal e profissional apresentam valores consistentemente próximos do máximo da escala, com baixa dispersão e forte concentração nos níveis mais altos. Este padrão verifica-se de forma transversal entre grupos, independentemente de os estudos estarem já concluídos ou ainda em curso. Tal resultado sustenta a conclusão de que o investimento público em formação avançada de mérito tem sido eficaz na **produção de capital humano altamente qualificado**, com forte internalização do valor da formação recebida e elevada percepção do seu impacto transformador.

Em segundo lugar, o estudo revela um **desfasamento estrutural entre a excelência formativa e a integração profissional efectiva**, particularmente visível após a conclusão dos estudos. Os dados indicam que a taxa de emprego depois da conclusão do diploma é **inferior à observada antes da saída para o estrangeiro**. Ou seja, uma parte significativa dos estudantes perdeu inserção laboral ao longo do percurso formativo, não a recuperando de imediato após o regresso. Este resultado contraria a expectativa normal — e socialmente legitimada — de que a obtenção de um grau académico superior, sobretudo no estrangeiro, se traduza automaticamente em melhores condições de empregabilidade no curto prazo.

Antes da mobilidade internacional, uma proporção substancial dos inquiridos encontrava-se empregada, maioritariamente a tempo inteiro, o que sugere que muitos interromperam carreiras profissionais já iniciadas para investir em qualificação avançada. Após a conclusão do diploma, observa-se, porém, um aumento do desemprego activo e uma redução do peso do emprego estável, evidenciando uma quebra temporária — e em alguns casos prolongada — da integração no mercado de trabalho. Esta inversão constitui um dos achados mais críticos do estudo, não por colocar em causa o valor da formação, mas por evidenciar falhas profundas na articulação entre políticas públicas.

Este fenómeno admite várias leituras estruturais complementares. Em primeiro lugar, a **ruptura profissional induzida pela formação**: a saída prolongada do mercado de trabalho fragiliza vínculos anteriores e obriga, no regresso, a processos de reinserção quase a partir do zero, mesmo para profissionais experientes. Em segundo lugar, a **ausência de mecanismos institucionais de reintegração pós-formação**, quer no sector público, quer nos sistemas científico, técnico e produtivo, deixando os diplomados entregues a processos individuais de procura de emprego. Em terceiro lugar, um **desalinhamento entre qualificações adquiridas e procura efectiva**, dado que o mercado nacional não gera, em quantidade suficiente, posições compatíveis com níveis elevados de especialização. Finalmente, uma **defasagem temporal** entre a aquisição de qualificações e a sua valorização efectiva, criando um período intermédio de desemprego ou subemprego.

O resultado é paradoxal e estruturalmente preocupante: **mais qualificação associa-se, no curto prazo, a menos emprego**. Este facto não invalida o investimento em formação avançada, mas revela um fracasso de articulação entre políticas de formação e políticas de emprego. Ignorar este ponto seria ocultar um dos principais constrangimentos ao aproveitamento efectivo do capital humano altamente qualificado que o país forma — e de que, paradoxalmente, mais necessita.

Em terceiro lugar, apesar deste quadro, a maioria dos respondentes declara que **o seu potencial não está a ser plenamente aproveitado**, mas manifesta simultaneamente **elevada confiança no seu futuro profissional a médio e longo prazo**. Esta coexistência entre frustração no presente e optimismo projectado no futuro sugere que os bolseiros percebem a sua situação actual como transitória, mas estruturalmente condicionada. O problema identificado é, assim, menos um défice de capital humano ou de motivação individual e mais um problema de **absorção institucional e económica**.

Em quarto lugar, os resultados mostram que o **compromisso com Angola permanece elevado**. A esmagadora maioria dos inquiridos expressa interesse em permanecer ou regressar ao país a longo prazo, mesmo quando confrontada com dificuldades objectivas de emprego, salários baixos ou fraco reconhecimento profissional. Os factores que mais influenciam esta decisão são predominantemente de natureza familiar e relacional, seguidos de condições profissionais e de segurança. O salário, embora relevante, surge de forma sistematicamente secundária. Este padrão reforça a conclusão de que **não existe uma predisposição generalizada para a saída definitiva**, mas antes uma forte ligação ao país, condicionada pela existência — ou ausência — de oportunidades concretas de inserção e valorização.

Em quinto lugar, a análise das percepções institucionais evidencia **fragilidades consistentes no acompanhamento do programa**, sobretudo durante a permanência no estrangeiro. As dimensões relativas à comunicação com o INAGBE, ao acompanhamento consular ou diplomático, ao acompanhamento académico e ao processamento atempado dos apoios financeiros apresentam médias inferiores ao ponto intermédio da escala e modas concentradas nos níveis mais baixos. A elevada dispersão das respostas indica experiências muito diferenciadas, mas o padrão dominante é claramente crítico. Estes resultados não colocam em causa a legitimidade do programa, mas evidenciam debilidades operacionais que afectam a experiência dos bolseiros e podem comprometer a eficácia global da política pública.

Em sexto lugar, a **relação entre a obrigação formal de regresso e a realidade do mercado de trabalho** é avaliada de forma negativa pela maioria dos respondentes. A obrigação de regresso é aceite enquanto princípio, mas percebida como insuficientemente articulada com mecanismos efectivos de colocação, integração e progressão profissional. Este resultado ganha particular relevância quando confrontado com o benchmarking internacional, que mostra que programas com exigência de retorno bem-sucedidos estão associados a fortes capacidades de planeamento, absorção e monitorização institucional.

Por fim, importa sublinhar que, apesar das dificuldades identificadas, os indicadores relativos ao **futuro profissional individual** são significativamente mais optimistas do que os relativos ao **futuro colectivo do país**. Os bolseiros demonstram elevada confiança nas suas trajectórias pessoais e no valor de longo prazo do investimento em formação, mesmo num contexto percebido como estruturalmente desafiante. Este diferencial sugere que o optimismo individual não é automaticamente acompanhado

por confiança no funcionamento do sistema, o que pode, a prazo, gerar frustração acumulada e subutilização de competências.

Em conclusão substantiva, o estudo permite afirmar que o Programa de Bolsas de Mérito tem sido **eficaz na formação de capital humano altamente qualificado e motivado**, mas enfrenta desafios sérios na **conversão desse capital em impacto institucional, económico e social**. O principal risco identificado não é a perda de talento por falta de compromisso com o país, mas sim a **ineficiência na integração, valorização e utilização das competências adquiridas**, o que compromete o retorno social do investimento público realizado.

9.1 Pontos Críticos

1. **Planear a integração antes da saída**, não apenas depois do regresso.
2. **Criar canais formais de reinserção profissional** para diplomados regressados.
3. **Alinhar formação avançada com necessidades reais do mercado**.
4. **Reforçar acompanhamento institucional e comunicação** durante a formação.
5. **Transformar a obrigação de regresso em integração efectiva**, não apenas formal.

9.2 Recomendações Gerais

As conclusões do estudo evidenciam que o principal desafio do Programa de Bolsas de Mérito não reside na qualidade da formação nem no perfil dos bolseiros, mas na **articulação entre formação avançada, integração profissional e capacidade institucional de absorção**. As recomendações seguintes incidem, por isso, em pontos críticos de governação, desenho e operacionalização do programa, visando maximizar o retorno social do investimento público.

1. Planeamento prévio da absorção dos bolseiros

Recomenda-se que a concessão de bolsas, sobretudo em áreas altamente especializadas, seja acompanhada de **identificação prévia de sectores, instituições e perfis funcionais** com potencial de integração no regresso. A ausência de planeamento ex ante contribui para períodos prolongados de desemprego ou subemprego após a conclusão da formação.

2. Criação de mecanismos formais de reintegração pós-formação

Deve ser criado um **dispositivo estruturado de transição pós-formação**, incluindo estágios avançados, contratos-programa ou regimes temporários de inserção no sector público, científico ou produtivo, especificamente dirigidos a bolseiros regressados.

3. Articulação efectiva entre políticas de formação e políticas de emprego

Recomenda-se uma maior coordenação entre o programa de bolsas e as políticas activas de emprego, ciência, inovação e administração pública, evitando que a formação avançada funcione de forma desligada das dinâmicas do mercado de trabalho nacional.

4. Reforço do acompanhamento institucional no estrangeiro

É necessário fortalecer a **comunicação regular, o acompanhamento académico e o apoio consular** aos bolseiros durante a permanência no estrangeiro, reduzindo a percepção de abandono institucional evidenciada no estudo.

5. Garantia de previsibilidade e regularidade financeira

A pontualidade no processamento dos apoios financeiros deve ser tratada como prioridade operacional, dado o seu impacto directo na estabilidade pessoal, no desempenho académico e na credibilidade do programa.

6. Clarificação e operacionalização da obrigação de regresso

A obrigação de regresso deve ser acompanhada de **instrumentos concretos de integração**, com critérios claros, prazos realistas e articulação com entidades empregadoras. Sem estes mecanismos, a exigência tende a perder eficácia prática.

7. Valorização salarial e funcional do capital humano formado

Recomenda-se que o Estado assuma um papel activo na **valorização salarial e funcional** de perfis altamente qualificados, sinalizando ao mercado a importância estratégica deste capital humano.

8. Criação de um sistema de monitorização de trajectórias

Deve ser instituído um sistema de acompanhamento longitudinal dos bolseiros, permitindo monitorizar integração profissional, progressão de carreira e utilização efectiva das competências adquiridas.